



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA
MESTRADO EM SOCIOLOGIA

WENER DA SILVA BRASIL

**O COLETIVO FORA DO EIXO: JUVENTUDE ORGANIZADA, PRODUÇÃO,
CIRCULAÇÃO E CONSUMO CULTURAL.**

São Cristóvão
Fevereiro de 2015



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA
MESTRADO EM SOCIOLOGIA

**O COLETIVO FORA DO EIXO: JUVENTUDE ORGANIZADA, PRODUÇÃO,
CIRCULAÇÃO E CONSUMO CULTURAL.**

Dissertação submetida ao Núcleo de Pesquisa e Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Sergipe como parte dos requisitos necessários para obtenção do título de mestre em Sociologia. Sob a orientação do Prof. Dr. Frank Nilton Marcon.

Wener da Silva Brasil

São Cristóvão
Fevereiro de 2015

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE**

Brasil, Wener da Silva
B823c O coletivo fora do eixo : juventude organizada, produção,
circulação e consumo cultural / Wener da Silva Brasil ; orientador
Frank Nilton Marcon. – São Cristóvão, 2015.
123 f. : il.

Dissertação (mestrado em Sociologia) – Universidade Federal
de Sergipe, 2015.

1. Juventude. 2. Grupos sociais. 3. Cultura – Aspectos sociais.
4. Identidade social. I. Marcon, Frank Nilton, orient. II. Título.

CDU 316.346.32-053.6

O COLETIVO FORA DO EIXO: JUVENTUDE ORGANIZADA, PRODUÇÃO, CIRCULAÇÃO E CONSUMO CULTURAL.

Wener da Silva Brasil

Dissertação de Mestrado submetida ao Núcleo de Pós-graduação e Pesquisa em Sociologia (NPPS) da Universidade Federal de Sergipe (UFS) como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Sociologia.

Aprovada em:

Banca Examinadora

Prof.Dr.: _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof.Dr.: _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof.Dr.: _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

São Cristóvão

2015

“Attraversiamo”

A Dona Luzia Vicente, mãe guerreira que sonha com meus sonhos.

AGRADECIMENTOS

Agradecer, como é bom agradecer. Agradecer aos céus, a força maior, a DEUS. Muitas pessoas fizeram parte desse sucesso e tudo foi muito bem arquitetado por ti. Te agradeço primeiro, meu DEUS, por toda a força e luz que me enviou nessa trajetória. Te agradeço por mais uma conquista e desafio ultrapassado.

Aos meus Pais pelo grande esforço da vida, pela luta diária. Agradeço pela base familiar que foi me ofertada em meio a tantas durezas que os dois passaram juntos. Mainha, por sua força inabalável, de ter vindo do corte da cana e vencido doando tanto amor e entrega total à família. A Painho, que sempre batalhou pra nos dar o melhor, que com sua sabedoria soube expressar bem o Ser. A doença trouxe a reflexão espiritual de um renascer com mais leveza, demonstrando que há amor entre nós e renuncia para permanecermos vibrando sempre juntos.

Ao Chile que me trouxe um novo recomeço trazendo um dos meus bens preciosos como amparo nessa caminhada. Apesar dos desafios que foram traçados, estamos juntos e na construção de novos e eternos frutos. O Deserto do Atacama foi o caminho de retorno ao coração e isso me basta para a certeza de um amanhã mais leve, feliz e sólido. Estamos fortes e presentes Cristian Reyes, o Amor da Minha Vida.

Aos irmãos Wagner, Washington e Vanessa por cuidar na minha ausência dos tesouros das nossas vidas, Painho e Mainha. Meu agradecimento eterno! Estamos juntos.

A você, Professor Dr. Frank Marcon, que carinhosamente chamo de profe. Você que me ensina a ser humana, a ser uma profissional equilibrada e determinada. Você que diz as palavras certas nas horas mais complicadas. Quando penso que estou sem chão você chega com sua calma e paciência e diz “segura a onda”. Te agradeço professor por ser, nesse momento tão difícil da minha vida, mais que meu orientador, de fazer o papel de pai na ausência do meu, de me mostrar que tudo tem saída e vai dá tudo certo. Te agradeço por dizer que meu texto tá terrível de forma leve e saudável. Agradeço pela oportunidade de me aceitar vindo de outra área, de me mostrar caminhos tão libertos nas leituras das ciências sociais. Meu agradecimento eterno, profe!

Elaine Cristina da Rocha Silva (É, como costume chamar), lembra quando eu tinha uns oito anos de idade e você ali do meu lado ensinando matemática até uma hora da manhã? Pois é, eu lembro e nunca esqueci esse espelho que me fez enxergar o ensino e o aprendizado com leveza e sabedoria. Irmã parceira de sempre que trouxe com você toda à família a quem agradeço de todo coração Seu Lucas, Dona Júlia e Karina. Valeu por tudo o tempo todo. Mais de vinte e dois anos de amizade, amor e apoio.

Agradeço a você Professor Dr. e amigo Ernesto Raposo, por ter me mostrado Casa Grande e Senzala com tanta felicidade, por ter me incentivado com todo carinho a entrar na faculdade e realizar junto comigo a minha graduação. Nunca te esqueci! Você me ensinou a crescer, me mostrou a verdade e do quanto é bom viver. A florzinha cresceu e está radiante no jardim da vida.

Ao Professor Dr. Augusto Amorim pelos ensinamentos práticos de construir um TCC na graduação. Me mostrou o cinema com o olhar mágico de um amante das artes. Tenho a honra de ser eternamente sua aluna. Te admiro, admiro suas escritas e forma inteligente de expressar o amor pelo cinema.

A você Edna, por ser minha segunda mãe. Muita paciência comigo, nessa construção e reconstrução sem fim. Te amo mãe querida, que sempre esteve ao meu lado.

Minha amiga, cantora e tradutora eterna Beth A Diva, pelas inúmeras traduções e que vai continuar rrsrrsrrs. Agradecida irmã linda por estar comigo até hoje. A música tem dessas surpresas boas e leais.

Julieta Menezes, agradecida visse! Muitos livros ofertados em meu Castelo de Ravengar rrsrrsrrsrrs. Por me mostrar a sociologia como um sonho inesgotável do saber. Agradecida irmã da vida e do espírito.

Agradeço a você Oí Ela, Thatiana querida amiga e irmã, por me acolher nesse momento tão difícil. Mais ainda, te agradeço por tantas conversas infinitas sobre a alma, sobre o amor, sobre as cartas colocadas na mesa. Quanto amor, quanta emoção, quanta força! Agradeço por me ensinar a maturar as lições da vida. Sua força me faz forte e suas palavras me confortam.

Gustavo Almeida (Guguinha), não tem como não agradecer aos céus por nossa amizade leal, livre e divertida. Nos amamos muito amigo lindo e isso é massa de sentir. Você

com essa sua inteligência provocadora de comunicador me deixa encantada e arretada. Obrigada pelos ouvidos e livros.

Moisés, te agradeço também por tanta amizade, por tanto ensinamento e incentivo nos estudos. Você também me fez crescer, sabia? Sinto sua falta irmão (mais velho).

Amauri, você foi show. Foi você que meu deu livros de presente, que agilizou meus documentos que estavam em Recife. Meu agradecimento carinhoso e cheio de afeto. Reconheço sua importância.

Francisco (Chico/Chiquinho) agradeço pela ajuda linda que me deu nas correções e finais dessa pesquisa. Com paciência você foi me mostrando as palavras bonitas da sociologia.

Aos colegas do GERTS, gatões e gatonas (porque não vou lembrar os nomes de todos), a Gatona aqui agradece pelos diálogos como *a piscadela* e *isso não é um cachimbo* kkkkkkkk. Em especial à João Mouzart, a quem adoro fazer tapioca e pegar dinheiro emprestado pra pagar almoço e cópia. E a Liana Matos, por desenhar pra mim a introdução. Sim, falei desenhar. E respeitar minhas limitações sinceras na busca do aprendizado. Agradecida!

Ao departamento de sociologia pela parceria de sempre. E aos professores que me ensinaram a olhar a sociologia com a viagem do coração.

A banca de qualificação que foi show. Agradeço muito pelas orientações sinceras que me ajudaram a amadurecer.

Ao casal de sucesso (pessoal e profissional), ao Casal Meu Bão, que por muitas vezes me vendeu fiado sanduiches deliciosos e me cedeu a senha de Internet para concluir minhas pesquisas rrsrrsrs. Vocês são show, não esquecerei nunca de vocês. Agradecida.

Agradeço aqui de forma pontual a todos que, direta e indiretamente, me proporcionaram grandes ensinamentos para a realização desse, que é acima de tudo, sonho pessoal que realizo e dedico a minha Mãe.

Sim, vamos atravessar. Attraversiamo.

Agradecida! Namastê!

RESUMO

Na presente pesquisa busco realizar um estudo sobre a atuação do Coletivo Fora do Eixo como organização social desenvolvida por jovens, que tem como causa principal a cultura. O objetivo é descrever a atuação em rede do Coletivo Fora do Eixo a partir do estudo dos atores sociais que compõe o grupo e como eles constroem e executam as ações pautadas na produção, circulação e consumo cultural no âmbito da política e da economia. Dentro deste contexto, procuro analisar, a partir da observação direta, das entrevistas realizadas e da análise dos aplicativos, sites e redes sociais, quais são as estratégias discursivas presentes no debate contemporâneo brasileiro sobre a cultura, como dão sentido as articulações políticas de forma colaborativa e como o Coletivo desenvolve estratégias criativas para geração da própria economia. Pretendo ainda verificar a importância da tecnologia, baseada na inteligência coletiva, como ferramenta de acesso à informação em rede. E, desta forma, conhecer os processos coletivos e o que motivam jovens, de diferentes propostas sociais e culturais, a se articularem e se organizarem em rede de forma colaborativa.

Palavras-chave: juventude; organização social; produção cultural; identidades; coletivos; consumo cultural.

ABSTRACT

In this research seek to conduct a study on the performance of the Coletivo Fora do Eixo as a social organization developed by young people, whose main causes culture. The aim is to describe the performance in the Coletivo Fora do Eixo network from the study of social actors that make up the group and how they build and execute actions based on the production, circulation and cultural consumption in the context of politics and economics. In this context, I analyze, from the direct observation, the interviews and analysis of applications, websites and social networks, which are the discursive strategies present in the brazilian contemporary debate about culture, give meaning to the political articulations collaboratively and as the Coletivo Fora do Eixo develops creative strategies for generation of the economy. I still intend to verify the importance of technology, based on collective intelligence, as networked information access tool. And in this way, meet the collective processes and motivating young people from different social and cultural proposals, to articulate and organize network collaboratively.

Keywords: youth; social organization; cultural production; identities; collective; cultural consumption.

LISTA DE SIGLAS

CDC – Clube de Cinema

FdE – Fora do Eixo

FEL – Fora do Eixo Letras

FESL – Fora do Eixo Software Livre

NMS – Novos Movimentos Sociais

OPA – Orçamento Participativo

PAN – Ponto de Articulação Nacional

PCult – Partido da Cultura

P.U.T.O. – Partido da Utopia

UniCult – Universidade da Cultura

UniFED – Universidade Fora do Eixo

OS – Organização Social

LISTA DE IMAGENS

Imagem 01: Encontro Global de Redes 2012.....	32
Imagem 02: 5º Congresso Nacional Fora do Eixo.....	33
Imagem 03: Esquema geral do modo de trabalho do Fora do Eixo – Ano 2012...	35
Imagem 04: Esquema geral do modo de trabalho do Fora do Eixo – Ano 2013...	36
Imagem 05: Modo de Organização Estrutural.....	43
Imagem 06: Modo de Organização Político.....	45
Imagem 07: Plenária Marco Civil da Internet – dezembro 2013.....	60
Imagem 08: Esquema Estrutura Macro.....	65
Imagem 09: Esquema Núcleo Duro - Esquema Detalhado das Demandas e de Seus Coordenadores.....	67
Imagem 10: Esquema Consultores – Não Orgânicos no Coletivo – Ano 2013.....	71
Imagem 11: Reunião Geral com os consultores do FdE no 5º Congresso Nacional Fora do Eixo – 06/12/2013	72
Imagem 12: Divulgação na Internet sobre a participação de Claudio Prado, Ivana Bentes, Rodrigo Savazoni e Juca Ferreira no 5º Congresso Nacional FdE 2013.....	73
Imagem 13: Circuito do Banco Fora do Eixo.....	78
Imagem 14: Flyer Cartilha Formalize-se.....	81
Imagem 15: Moeda Social.....	85
Imagem 16: Cardápio Fora do Eixo Card	87
Imagem 17: OPA – Orçamento Participativo - Banco Fora do Eixo.....	88

Sumário

<i>INTRODUÇÃO</i>	14
-------------------------	----

Capítulo Primeiro

<i>COLETIVO FORA DO EIXO: JUVENTUDE ORGANIZADA</i>	29
1.1. O Coletivo Fora do Eixo e sua concepção.....	30
1.2. Organização Coletiva e Colaborativa.....	41
1.3. A causa da cultura como participação e o ciberespaço como ferramenta participativa	51

Capítulo Segundo

<i>FORA DO EIXO E ATUAÇÃO POLÍTICA</i>	54
2.1. Articulações colaborativas: o sentido de inovação para o FdE	55
2.2. Os coordenadores do FdE e a atuação do Núcleo do Duro	63
2.3. Consultores do Fora do Eixo: a ação coletiva para a cultura.....	71

Capítulo Terceiro

<i>A “ECONOMIA CRIATIVA” DO FORA DO EIXO</i>	77
3.1. Banco Fora do Eixo: o núcleo da ação financeira do FdE	78
3.2. Desmonetarizando o fomento cultural do Fora do Eixo.....	84
3.3. A circulação e consumo da produção cultural do FdE.....	89
<i>CONSIDERAÇÕES FINAIS</i>	96
<i>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</i>	99
<i>ANEXO A - CARTA DE PRINCÍPIO DO FORA DO EIXO</i>	104
<i>ANEXO B – REGIMENTO INTERNO</i>	109
<i>GLOSSÁRIO FORA DO EIXÊS</i>	117

INTRODUÇÃO

Desde 2007, realizo trabalhos na área da cultura e gestão pública, primeiro em Pernambuco e depois em Sergipe. Mais precisamente no segmento da música, dediquei-me a pesquisar profundamente questões práticas da realidade social de jovens produtores da cultura. Foi a partir das leituras especializadas e das discussões no grupo de estudos GERTS¹ que fui gradativamente me aproximando do objeto de pesquisa. No esforço de compreender o novo cenário cultural vivenciado por jovens que constroem rede de coletivos culturais e empreendedores busco, a partir de espaços virtuais e presenciais, entender as características de organização e de atuação e os meios de constituição que tornam o Coletivo Fora do Eixo (FdE) um fenômeno que ganhou notoriedade no país.

O Fora do Eixo se apresenta como uma rede de grupos de trabalhos idealizada por produtores da cultura que iniciaram um processo alternativo de financiamento colaborativo a partir de 2005. Segundo um dos idealizadores desse coletivo, Pablo Capilé, o FdE constrói novas narrativas colaborativas no que produzem. O grupo trouxe ao eixo midiático, São Paulo/Rio, uma forma empreendedora e organizada de realizar projetos culturais na área da música, que incentiva a cena artística independente no Brasil.

Além disso, nos últimos anos, a atuação dos jovens tem sido mais presente no processo político do país, pois tem ganhado maior destaque e criado novas possibilidades estratégicas por meio do uso diário de ferramentas tecnológicas e digitais, tais como redes sociais, aplicativos digitais, sites, blogs, entre outros. Desta forma, a presença coletiva do FdE no processo cultural aumentou em largas proporções, onde destaco os mecanismos interativos que possibilitam ao grupo atuar nas mais múltiplas ações da produção cultural no país, usando artifícios políticos e econômicos. Essas transformações sociais possibilitaram mudanças em antigos cenários da política, ainda que em passos lentos, mas que trouxeram estreitamento nos diálogos, assim como aproximação e envolvimento abertos a presenças atuantes.

¹ Grupo de Estudos Culturais, Identidades e Relações Interétnicas.

Após revisão bibliográfica e inserção na pesquisa de campo, o conceito de “coletivo” apareceu nesta pesquisa como definidor de um grupo de pessoas que exploram interesses em comum e articulam ações de forma estratégica, fazendo circular informação, cultura, economia, política, saberes e práticas. Se por um lado o coletivo é utilizado aqui como categoria que remete a ideia de ação coletiva, por outro lado, também é entendido como categoria nativa, como trabalharei melhor adiante.

Aos poucos foi parecendo mais claro que as inovações propostas pelo Fora do Eixo também poderiam estar associadas a fenômenos de caráter geracional, que envolvem a juventude escolarizada e com acesso a informação, a produção e o consumo cultural nas últimas décadas. Uma geração nascida na era dos computadores e com acesso desde muito cedo a internet (LEVY, 1999). Além disso, nos últimos anos, juventude tem se mostrado preparada para discursos e atuações envolvendo nomes fortes da política e cultura.

Juventude é um termo bastante relacionado com manifestações e ações coletivas e isso despertou para a necessidade de refletir sobre o que é juventude.

Com efeito, a juventude começa por ser uma categoria socialmente manipulada e manipulável e, como refere Bourdieu, o facto de se falar dos jovens como uma “unidade social”, um grupo dotado de “interesses comuns” e de se referirem esses interesses a uma faixa de idades constitui, já de si, uma evidente manipulação. (PAIS. 2003, p. 28).

Ao estudar os conceitos sociológicos de coletividade e de juventudes, noto que há transformações sociais atenuadas nas áreas da política, economia e cultura. Essas mudanças cresceram com o surgimento de novas políticas públicas voltadas ao jovem. Os atos públicos são exemplos de que o Estado, na atual cena, inclui coletivos que até então não eram chamados para discutir pautas de governo. A criação de novos coletivos e a fusão de tantos outros já existentes, como no caso Fora do Eixo, tem revelado jovens de diferentes idades e ideologias fazem parte destes coletivos a fim de ganhar força e visibilidade em instâncias públicas relevantes no país.

Nesse processo de descobertas e conhecimentos sociais, alguns aspectos foram relevantes para novas questões sobre coletivo e juventude, que foram surgindo ao decorrer da pesquisa: a formação de mais coletivos na área da cultura composta, em sua maioria por jovens, e o formato de atuação coletiva mais flexível nas tomadas de decisões dentro desses grupos. Além disso, o surgimento de coletivos dentro da diversidade que o tema cultura traz, o individualismo cedeu espaço para a pluralidade numa construção ideológica, que proporciona uma maior discussão em torno dos mecanismos utilizados por coletivos. Nesse âmbito, o FdE diz agir democraticamente nas decisões de forma mais flexível nos objetivos em comum do grupo, caracterizando a interdependência e a sociabilidade permitidas a processos horizontais de decisões.

As realizações de estratégias articuladas e desenvolvidas em rede são características de organizações sociais que conquistam espaços até então pertencentes a ONG's e sindicatos. Ainda é muito pouco claro sociologicamente o atual formato e entendimento sobre o que são os coletivos organizados no presente, pois seus métodos de atuação são complexos e distantes de um entendimento de classe, de ideologia ou de estruturas associativas formais. Muitos destes novos coletivos organizados são liderados por jovens.

Ao conhecer o Coletivo Fora do Eixo fui indagada, como resposta a um questionamento que fiz naquele momento, pelo seu principal líder Pablo Capilé: “E quem disse que somos jovens? Nós não nos vemos como jovens”. Me calei, como forma de reflexão indo em busca de entender o porquê de suas resposta negativa. Inicialmente, alguns autores definem *juventude* como categoria social, numa perspectiva de representação ou simbologia. Os grupos sociais e os próprios jovens criam esse conceito para conotar uma série de comportamentos e atitudes, que são atribuídos a eles num determinado período de suas vidas. Foi construindo esse raciocínio sociológico, que pude compreender a recusa de Pablo Capilé do uso estereotipado da noção de juventude. Segundo ele, o grupo apresenta inúmeras características sociais. Para o FdE, o ponto inicial em relação aos integrantes é que tenham comprometimento com a causa da cultura, embora ele mesmo em outras situações tenha manifestado o entendimento de que representa um coletivo de produtores culturais jovens.

Outro aspecto que merece reflexão referente ao Coletivo FdE é sua preocupação com a produção, a circulação e o consumo cultural, associada a emergência da ideia de inovação e economia criativa. Neste caso, a população jovem tem vivenciado uma relação dinâmica de consumo cultural e de fácil acesso a informação, a partir do desenvolvimento de novas habilidades com as tecnologias e do desenvolvimento de formas criativas e inovadoras em termos de estratégias de ações coletivas.

Ainda sobre o conceito de juventude, Velho (2003) defende que a juventude deve ser vista na sua diversidade, existindo distintas formas de se experimentar a juventude, bem com distintas áreas em que os jovens atuam ou pelo que se interessam. São muitas teorias sobre o conceito, mas duas das principais correntes de análise sobre juventudes podem ser divididas em geracional e classista, segundo Pais (2003). A corrente classista aponta para a ideia de que as juventudes são distintas entre si pelo lugar social que ocupam.

A corrente geracional entende que existem descontinuidades entre as gerações que se diferenciam por grupos de idade a partir de suas experiências compartilhadas em determinados contextos sociais.

Contudo, posso assim dizer que o termo geração faz conexão entre o tempo individual e o tempo social. Conforme apontam Feixa (2010) e Leccardi (2010), na visão sociológica, fazem parte de uma geração os jovens que vivenciam, em um determinado momento, as mesmas experiências e problemas sociais. Eles ainda explanam:

Há dois componentes centrais nesta partilha (do qual surge o “laço geracional”); por um lado, a presença de eventos que quebram a continuidade histórica e demarcam o “antes” e o “depois” na vida coletiva; do outro, o fato de que estas descontinuidades são experienciadas pelos membros de um grupo etário em uma conexão construtiva particular... (FEIXA, LECCARDI. 2010, p. 189).

No entanto, ao mesmo tempo são traçados outros significados pertinentes à reflexão, conforme Philip Abrams (1982) denomina que as novas gerações criam novas possibilidades de ação e identidades atuais. Ou seja, que o tempo constrói identidades.

Não muito distante disso, o FdE coloca-se como coletivo que dialoga com outros coletivos no Brasil e no exterior das mais diversas e múltiplas faixas etárias, classes sociais e econômicas com diferentes escolaridades, construindo assim novas relações. Ao pesquisar o FdE pude perceber a dimensão nas articulações políticas/sociais que o grupo vem conquistando. O número de participantes só tem crescido e ganhado adeptos de diversos países na América do Sul e Europa.

Ao observar mais profundamente a convivência do grupo, os diálogos e as metodologias de construções das atividades, percebi que há certa resistência de absorver a todos que se interessam em participar do coletivo. A cautela também é uma característica perceptível até para aqueles que passam rapidamente pelo FdE. O grupo precisa ter certeza se existe algum fino traço de comprometimento com suas causas. Perguntam, investigam de maneira direta e objetiva o porquê do interesse pelo coletivo. Se a pessoa interessada trazer no currículo algo relevante e que proporcione ao grupo melhores e maiores articulações e projetos, será bem vindo com mais facilidade.

A trajetória de vida e trabalho dos que desejam fazer parte do Fora do Eixo é importante para o grupo porque filtra, selecionando de forma sutil, aqueles que querem se envolver com o grupo. As atuações políticas, culturais e econômicas que esses jovens vêm construindo são frutos de planejamentos e estratégias colocadas em práticas e que entraram na cena pública ganhando visibilidade. As manifestações de julho de 2013 exemplificam os métodos utilizados pelo grupo para se fazer visível. Durante as manifestações, o FdE se tornou conhecido nacionalmente, principalmente pelo seu papel de articulação e informação com as tecnologias que os jovens utilizam para se comunicar, informar e consumir cultura através da internet.

Para Maria da Glória Gohn (2013) os jovens são indivíduos vivenciando os mesmos processos sociais, dentro de uma dada faixa etária, por causas culturais e socioeconômicas. Diante dessa perspectiva, pensar os significados geracional, juvenil e coletivo, na seara da sociologia, me leva ao FdE. As articulações que o grupo conquista fazem perceber as tensões que existem entre alguns membros. Os mais diversos estilos de vida, as formas de como as atividades se realizam são maneiras que constroem e desconstroem significados dentro do FdE. Quero dizer que as transformações são

diárias nas estratégias acionadas por eles. Durante a observação de campo, pude acompanhar os processos de convivência e coletividade na qual o grupo aposta. Foi assistindo ao contexto de construção/ação do grupo que percebi as mudanças desde a concepção original surgida em 2005.

Para esses jovens, interferir nas políticas públicas é fazer com que mais e mais pessoas participem dos processos de discussão e decisão e para isso eles realizam ocupações em espaços públicos, manifestações e divulgam registros de vídeos (fotográficos) que são publicados nas redes sociais. As juventudes ocupam esses diversos espaços (virtuais e presenciais) de forma organizada e planejada utilizando-se de criatividade para interferir nas demandas do Estado.

Os jovens, como os que compõem o Coletivo Fora do Eixo, são indivíduos escolarizados, com poder aquisitivo dentro da classe média, pertencentes a famílias com histórico de envolvimento político e são vistos como “juventude problema” por interferir em situações que para um determinado período de idade é visto como “estado de coisas”, termo utilizado por Sposito (2003) e Carrano (2003).

Ainda com relação ao FdE, este é um fenômeno que utiliza-se dos meios de inovação tecnológica com bastante frequência em atividades e ações realizadas por eles. O grupo pensa em atuações coletivas que proporcionem escoamento da sua produção em rede, trabalhando novas metodologias que ajudam na realização dos projetos, como as formas de financiamento.

Para Pais (1990), os jovens não podem ser analisados só nas suas similaridades e por suas aspirações e expectativas. Nesses grupos sociais de jovens também existem as diferenças sociais e nelas podem se encaixar tanto as distinções de classes sociais, quanto de geração. Sendo assim, se abstrairmos a faixa etária, o que sobra para melhor definir juventude no contexto social construído pelo FdE? Quero aqui colocar a visão que tive de um grupo diversificado de idades, que se colocam como apaixonados pelo movimento. Um universo de pessoas entre 16 anos e 85 anos, mesmo que a maioria dos membros esteja dentro da classificação etária da UNESCO para juventude, que vai dos 16 aos 34 anos.

Serve como reflexão a fala de Gilberto Gil no evento República, que aconteceu no Rio de Janeiro durante os dias 3 a 10 de agosto de 2014, onde falou para centenas de jovens do Brasil. Durante o bate papo Gilberto Gil colocou a seguinte frase: *“E eu falando ontem para as pessoas... Eu vou lá amanhã. E aí me perguntaram: vai fazer o que lá? Vou me ver, vou me visitar”*. As palavras do convidado renderam aplausos e muitas publicações nas redes sociais. Gerações distintas, mas que se identificam com as ideologias desta organização. O que quero mostrar é a relação que há entre pessoas de idades muito diferentes e também a participação tão diversificada nas atividades do grupo.

O que aqui sugiro como exercício de diálogo para entender essa organização, é descrever as propostas metodológicas das inúmeras atividades desenvolvidas por eles e suas concepções. São pessoas que discutem sem desejar esgotar o tema do debate (o que eles chamam de reuniões infinitas), que estruturam as ações utilizando as tecnologias digitais como ferramenta dos produtos de consumo por eles criados. Estou falando de jovens que se articulam de forma sistematizada, que utilizam os espaços virtuais e públicos para manifestações culturais, que usam as mais diversas tecnologias objetivando participação no campo político e que empregam a cultura como produto e serviço de declive e a economia criativa como meio midiático para propagação e consumo desse material.

A internet com suas ferramentas cada vez mais atualizadas proporcionam a sociedade uma aproximação e liberdade de informações atuais e constantes. Para Pierre Lévy (1999, p. 11), “o crescimento do ciberespaço resulta de um movimento internacional de jovens ávidos para experimentar, coletivamente, formas de comunicação diferentes daquelas que as mídias clássicas nos propõem.”. Sendo assim, a relação do ator social com o espaço virtual na atualidade, reflete em respostas que vão além do computador e aplicativos tecnológicos. Esse cenário tão atual e dinâmico já abordado por Lévy nos anos 90 se enquadra no que diz Maria da Glória Gohn sobre a relação do ciberespaço com a expansão dos Movimentos Sociais contemporâneos. A Internet e as novas mídias trouxeram formas diferenciadas de manifestação coletiva, abrangendo gerações distintas que atuam ressoando a partir de objetivos claros e imediatos.

Outro aspecto não menos relevante, para Gohn (2010), “a participação cidadã é entendida como o procedimento de tomar parte de um processo político, social e cultural por meio de ações coletivas organizadas e expressas em espaços públicos.” Neste sentido, a sociedade civil organizada é impulsionada pelo sistema capitalista a combater injustiças sociais e para isso as tecnologias, as novas mídias interativas e as ações presenciais são braços dentro de uma rede colaborativa que constroem a história política no país.

Tendo consciência da complexidade que é tratar da estrutura social no âmbito da juventude na contemporaneidade, perpasso inicialmente pelo protagonismo da sociedade civil focando o associativismo do movimento social Fora do Eixo. Vale ressaltar, ainda, a importância de tratar a juventude, não com relação à faixa etária, mas no cunho geracional.

A partir das reflexões de Gilberto Velho (2003), passei a compreender melhor as relações sociais durante a vida do jovem, assim como a reconhecer que há diferenças e transformações. Assim completo:

Ao investigar as formas (individuais, familiares e sociais) de transição dos jovens para a vida adulta comecei por recorrer ao conceito que toma a juventude como um conjunto social cujo principal atributo é o de ser constituído por indivíduos pertencentes a uma dada *fase de vida*. (VELHO. 2003, p. 71).

Conforme o autor revela, recorrer ao curso da vida desperta o entendimento à luz das formas de atuação, estilos de vida de jovens que atuam coletivamente como o Fora do Eixo, lançando estratégias trabalhadas em conjunto a atores sociais mais experientes. Ou seja, são muitas influências e experiências de vida, influenciadas por todo contexto familiar, social e histórico que cada um do grupo possui.

O Coletivo Fora do Eixo bebe de várias fontes, adota uma retórica que os isentam de estabelecer vínculo com partidos políticos, interesses econômicos, preferências políticas etc. Porém, ao mesmo tempo não vejo nenhuma novidade no que diz respeito às lutas e manifestações já vividas em outras décadas no Brasil. Durante a pesquisa, percebi um coletivo que trabalha com os conceitos de colaboração, mas de

forma individualizada. As questões desenvolvidas são muito pontuais, de reformas para o interesse próprio. E isso é uma característica muito própria desse movimento que presencialmente vivencia questões como habitação, transporte público, mobilidade urbana, meio ambiente, mineração, entre outras políticas públicas e através desses embates vão ganhando visibilidade na mídia e na política do país.

Essa diversidade de lutas e frentes de mobilização surgiu nos anos de 1990 entre chamados novos movimentos populares. Diante disso, o cenário sociopolítico brasileiro também mudou. O Estado tornou o seu papel perante a sociedade maleável e desde o início dessa década que ONGs e instituições do terceiro setor alimentam-se de programas de parcerias e editais para programas e projetos. Ou seja, o Estado transferiu responsabilidades para organizações da sociedade civil organizada e essa situação gerou também a chamada economia solidária.

Como diz Gohn (2010),

Este processo aprofundou-se quando surgiu outro ator social relevante no cenário do associativismo nacional: as fundações e organizações do Terceiro Setor articuladas por empresas, bancos, redes de comércio e da indústria, ou por artistas famosos, os quais passaram a realizar os projetos junto à população, nas parcerias com o Estado. (GOHN, 2010, p. 16).

Esse novo panorama cresceu nos últimos dez anos dando vazão aos novos ativistas sociais a utilizarem desse mecanismo de forma criativa, persuasiva e organizada. O Fora do Eixo é um coletivo organizado com regras e hierarquias com estrutura de funcionamento burocrático e isso tem alertado pesquisadores a enxergar o que há por trás de tal dinâmica de trabalho. Eles crescem com sua rede de coletivos apoiados por pessoas com experiências de trabalho, de luta política e de ações já estabelecidas em muitos lugares no Brasil e na América do Sul.

Gohn (2010) coloca que o atual cenário ainda trouxe “novos conceitos sociais como suporte às novas ações como responsabilidade social, compromisso social, desenvolvimento sustentável, empoderamento, protagonismo social, economia social,

capital social etc.”. Conceitos que estão no discurso dos coordenadores e colaboradores do Fora do Eixo.

Porém, é fundamental destacar o modelo de organização diferenciado dos movimentos sociais que perpassa pela história brasileira, pois se convencionou como o atual modelo de parceria com o Estado e a sociedade: as Organizações Sociais (OS). O envolvimento das OS são estabelecidas por meio de contratos das gestões públicas para dirigirem equipamentos públicos até então geridos exclusivamente pelo Estado. Para o Estado, processos são vistos como objetos reguladores das ações realizadas pelas Organizações Sociais. As OS não são de propriedade de nenhum indivíduo ou aliança, elas são orientadas para atender o interesse público. Desenvolvem, em sua maioria, dinâmicas de trabalho inovadoras, dispondo de aplicativos digitais e redes sociais.

As inovações tecnológicas trouxeram mudanças relevantes ao contexto social, político e cultural no Brasil. Novos métodos, linguagens e formas de atuação tornaram as relações e o aparecimento da juventude nas ruas, que reivindicam de forma concreta ações políticas e culturais, proeminentes ao olhar da velha imprensa, que por vezes utiliza-se do *ativismo* como sinônimo de protestos e manifestações. A internet e as novas mídias ganham espaço e fortalecem coletivos, projetos pontuais em diversas áreas e estímulo de esperança para diversos jovens que atuam não só na linha de frente das manifestações, mas também para aqueles que “conspiram” em “conversas infinitas” sobre novas ações, seja para se auto divulgarem, como para conseguirem recursos.

Essas transformações no universo digital e tecnológico possibilitam aos jovens empreender com novos recursos no espaço virtual. O ciberespaço e a cibercultura², conceitos apresentados por Pierre Lévy (1999), nos remetem a pensar um cenário que se universalizou na última década, porém com perspectivas diferentes e pontos positivos e negativos. Lévy nos convida a pensar a respeito.

²Pierre Lévy, em seu livro *Cibercultura*, diz que ciberespaço é um novo meio de comunicação e que especifica não só uma infraestrutura material da comunicação digital, mas também muitas e infinitas informações, onde também ele chama de “rede”. E que cibercultura é um neologismo que especifica um conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamentos e de valores que desenvolvem em conjunto com o crescimento do ciberespaço. (Lévy, Pierre. *Cibercultura*. São Paulo: Ed. 34, 1999, p. 17)

Não quero de forma alguma dar a impressão de que tudo o que é feito com as redes digitais seja “bom”. Isso seria tão absurdo quanto supor que todos os filmes sejam excelentes. Peço apenas que permaneçamos abertos, benevolentes, receptivos em relação à novidade. Que tentemos compreendê-la, pois a verdadeira questão não é ser contra ou a favor, mas sim reconhecer as mudanças qualitativas na ecologia dos signos, o ambiente inédito que resulta da extensão das novas redes de comunicação para a vida social e cultural. Apenas dessa forma seremos capazes de desenvolver estas novas tecnologias dentro de uma perspectiva humanista (LÉVY. Cibercultura.1999, p. 12).

Um ponto também importante a se evidenciar é a forma de atuação do Fora do Eixo num âmbito presencial. Comprovada nas ruas através das manifestações e, ainda, das reuniões “conspiradoras” como eles próprios intitulam os encontros presenciais. O Fora do Eixo atua criando estruturas sociais na tentativa de estimular novos espaços, de educar públicos para seus projetos empreendedores e fomentar politicamente a estrutura interna da rede.

Dessa maneira, o Fora do Eixo otimiza as ações inserindo em rede e para a rede, online (na internet) e off-line (fora da internet). Daí nasce a ideia de sociabilizar todos os atos da rede. O trabalho de empreendedorismo que os jovens realizam, permitem que coletivos, artistas e produtores da cultura se conectem em redes virtuais e presenciais, com intervenções nas ruas e, ainda, em reconstruções culturais, políticas e sociais mais práticas, que vão de conversas infinitas (off-line), a articulações realizadas virtualmente.

Diante do exposto, destaco meu interesse pela análise das formas de atuação e engajamento da juventude do FdE nos processos políticos, culturais e econômicos nos quais se envolvem. Assim, meu objetivo é analisar a forma de organização contemporânea desse coletivo, no que diz respeito à produção, circulação e consumo cultural. Deslocar o olhar para as vivências do grupo me auxiliou na aproximação sobre a compreensão de todo o contexto criado e idealizado pelo Coletivo.

É diante disso que o presente estudo visa descrever como o Coletivo Fora do Eixo está organizado no cenário da produção cultural contemporânea, como eles entendem esta produção, quem são seus atores, como atuam politicamente e como

financiam suas atividades. Afinal que ativismo cultural é este? Como esses jovens se organizam nas suas frentes de trabalho? Qual o papel social, político e cultural que esses jovens realizam? Quem são e como atuam as pessoas envolvidas no FdE? Como eles produzem sentido sobre o Coletivo e o que eles consideram como proposta cultural e política? Como é trabalhado o financiamento de suas atividades? Como o FdE mantém todas as estruturas da organização?

Como desenhado no decorrer da pesquisa, concordo com o pensamento de Velho (2003) quando ele fala da importância de fazer a relação entre as trajetórias de vida e dos contextos de socialização vivenciadas pela juventude, para analisarmos os interesses que estão aí em jogo, como no caso do FdE.

O objetivo geral aqui é compreender a relação entre as formas de organização e atuação do Fora do Eixo, num cenário contemporâneo de produção, circulação e consumo cultural, marcados pela atuação política e o empreendedorismo de jovens no Brasil.

Em relação aos objetivos específicos procuro: 1) descrever como os participantes do FdE se transformaram em uma organização social coletiva e política presente em todas as regiões do país; 2) destacar as formas de atuação desses jovens nas áreas da cultura, da política e da economia; 3) apontar a importância da tecnologia digital na organização; 4) descrever as relações político-partidárias das lideranças das frentes de trabalho com os consultores; 5) analisar as narrativas de coletividade construídas pelo FdE; 6) descrever as formas organização e estratégias de financiamentos criadas pelo Coletivo.

Para concretizar tais objetivos, além das leituras sobre juventude e geração, ação coletiva e movimentos sociais, destaco a os procedimentos de pesquisa realizados na internet junto aos sites, blogs e redes sociais do FdE e a observação direta durante a pesquisa de campo. Sobre esta, ela se deu em uma única oportunidade, entre os dias 30 de novembro de 2013 a 06 de dezembro de 2013 quando aconteceu o 5º Congresso Nacional Fora do Eixo no Distrito Federal em Brasília. Neste momento, como metodologia, utilizei a observação participante com os jovens do FdE durante atividades realizadas no Congresso Nacional Fora do Eixo. Em tal situação, busquei otimizar meu

tempo, pois o Congresso Nacional FdE tinha uma programação bastante intensa e dinâmica, onde eram realizadas diversas atividades ao mesmo tempo em lugares diferentes. Tive uma grande dificuldade de comparecer a todas as reuniões pautadas para o Congresso. Na oportunidade, eu entrevistei os membros do Núcleo Duro (que são os líderes do coletivo), também estive com os chamados consultores das lideranças, com os membros de outros coletivos que fazem parte da rede, além de deputados e senadores.

Como estratégia de levantamento de dados, assisti e gravei (áudio e vídeo) as reuniões denominadas de “Geral”, “Por Segmento Cultural” e “Núcleo Duro”; observei também as ações culturais realizadas durante o congresso e ainda participei das plenárias no Congresso Nacional pautadas pelo FdE e políticos que apoiam algumas das causas que o coletivo defende. Pude utilizar técnicas de análise distanciada, registrando em meu diário de campo as formas e métodos utilizados pelo FdE durante as atividades do congresso, com acompanhamento contínuo no espaço virtual. Os registros no diário de campo foram fundamentais na investigação, pois proporcionaram à pesquisa a possibilidade de aprofundamento sobre detalhes importantes do comportamento das lideranças e do funcionamento da organização. Utilizei também técnicas de pesquisas diferenciadas como vídeos nos quais gravei nas entrevistas e reuniões coletivas. Fotografias e conversas informais com os membros das Casas Regionais também foram meios para a construção da pesquisa. E como o objeto empírico é denso, para isso assisti as reuniões que aconteceram nas madrugadas e as que eram pautadas para acontecerem pela manhã a partir das oito horas da manhã.

Em tais percursos fiz constantes interlocuções entre a bibliografia e o campo. A partir das reflexões de Howard S. Becker pude compreender melhor o efeito positivo da pesquisa de campo.

Gostamos de pensar que nossos conceitos são atemporais e universais, que representam categorias básicas do comportamento humano e da organização social. Mas um momento de reflexão mostra que todos os nossos conceitos são histórica e geograficamente sitiados e representam uma maneira de pensar ligada a tal lugar, tal país, tal época. Talvez nossos conceitos sejam ainda mais provincianos que isso e estejam

amarrados também a determinada classe social, a tal grupo profissional, tal grupo de gênero. (BECKER. 2007, p. 8).

Como já diz Becker (2007, p. 115), descrever as categorias é importante para que não caiamos no convencional. Senti a necessidade, por vezes, de suspender meu julgamento e observar essas categorias juvenis, me colocando em posicionamentos de não aceitação de respostas convencionais. À medida que a pesquisa avançava, percebia que o FdE precisava de mais observação ao tempo que surgiam novos questionamentos.

Na visão de Clifford Geertz, o pesquisador deve ampliar seus conhecimentos sobre o nativo, sobre o objeto e saber interpretar as diferenças e as camadas de significados que lhe são presentes. Nessa perspectiva, interpretar as juventudes como categorias nativas, as culturas, os estilos de vida, as sociedades colaborativas e o empreendedorismo inclusos neste movimento foram estratégias fundamentais.

No que se refere à estrutura da investigação expostas nesta Dissertação, trabalharei em três eixos. No primeiro capítulo dedico-me a construir uma discussão a respeito da relação entre o conceito juventudes, o conceito de coletivo e a relação entre jovens e o Coletivo Fora do Eixo. A reflexão gira em torno de pensar no significado sociológico e como definir o FdE no âmbito dos estudos sobre “juventude”. A análise contempla apresentar a forma de organização contemporânea vivenciada pelo grupo. Construí em torno desse conceito a funcionalidade do grupo, assim como as concepções sociais, a forma de atuação e como a rede se organiza diante do tema da cultura e o espaço virtual. Vale ressaltar que a seção trata de questões e teorias que estruturam o Fora do Eixo no que diz respeito à produção e o consumo cultural.

No segundo capítulo trato da atuação política do Coletivo. Busquei analisar em termos sociológicos a estrutura de articulação colaborativa que é extremamente burocrática e que, embora não pareça, é também extremamente hierarquizada. Procurei descrever a forma de atuação e realização das ações mediante as frentes políticas. Desta maneira, o objetivo foi enxergar nas entrelinhas como as práticas são direcionadas à rede com o viés político e também de partido construídas pelo grupo. Busquei ainda, compreender a retórica que de fato o grupo desenvolve as preferências políticas e o

empoderamento que existe com as formações de elos políticos. Ou seja, o papel de colaboradores não-orgânicos: os consultores do Núcleo Duro.

No terceiro e último capítulo, abordo a relação entre a ação coletiva e a visão política, no que concerne a economia criativa voltada para a produção e consumo cultural. Descrevo as formas de financiamento que o grupo desenvolve. Explano também a reflexão sobre o empreendedorismo, a participação coletiva e financeira em sua concepção e organização, que são ferramentas que o Coletivo se apropriou. Para as indagações perpasssei pelo empreendedorismo das ações estabelecidas em conjunto para os projetos das Casas FdE, festivais e o Banco Fora do Eixo. Também analisei os aplicativos do Banco, que são uma das formas no ciberespaço utilizadas para viabilizar capital como o OPA – Orçamento Participativo, Caixa Coletivo e Moeda Social FdE Card. Ainda neste capítulo descrevo a organização funcional das ações financeiras coletivas das Casas apontando quais são elas. Aponto também a proposta econômica que motivou todo o processo de consumo, práticas e experiências construídas pelo FdE. E, por fim, descrevo como se dá a produção, circulação e consumo cultural dos produtos criados no âmbito do coletivo.

- Capítulo Primeiro -

COLETIVO FORA DO EIXO: JUVENTUDE ORGANIZADA

*“Sem a cultura, e a liberdade relativa que ela pressupõe,
a sociedade, por mais perfeita que seja, não passa de uma selva.*

*É por isso que toda a criação autêntica
é um dom para o futuro.”*

(Albert Camus)

Nos últimos anos, a juventude tem recebido especial atenção no campo das ciências sociais. O Coletivo Fora do Eixo é exemplo do quanto às transformações nos cenários político e cultural tem garantido aos jovens ativistas novas abordagens na sociedade e a aproximação com o Estado.

Considerando a importância de estudar a participação de jovens nos coletivos, neste capítulo abordo a origem do Coletivo Fora do Eixo, que em poucos anos ganhou credibilidade no campo da cultura e da política, e muito destaque na imprensa convencional devido à forma de mobilizar pessoas e gerar economicamente um sistema de rede de coletivos, que ainda é pouco compreendido. As frentes de trabalho que antes eram compreendidas única e exclusivamente para a música, ganharam adeptos orgânicos e não-orgânicos³ transformando um movimento juvenil local de São Carlos, em São Paulo, em uma rede coletiva com relações de trabalho cada vez mais fortalecidas pelo mercado da cultura e da política.

Busco aqui descrever não só a sua origem, mas apresentar uma discussão sobre a categoria juventude. Vislumbro no presente capítulo, no âmbito da sociologia, pensar na relação entre juventudes e cultura, compreendendo o Coletivo Fora do Eixo. A tarefa de

³Palavras resignificadas pelo FdE, que significam: orgânicos: membros que participam diretamente vivenciando o movimento integralmente; não-orgânicos: aqueles que participam orientando os líderes, articulando com os grupos, mas tem seus trabalhos independentes do FdE.

acompanhar as atuações desses jovens produtores da cultura não foi simples, pois fui surpreendida pela forma dinâmica e criativa com que eles se organizam, se articulam e se movimentam.

1.1. O Coletivo Fora do Eixo e sua concepção

Muito se ouve falar a respeito do Fora do Eixo. Uma rede de coletivos juvenis complexa, por desenvolver processos dinâmicos, que envolve pessoas de diversos segmentos das artes, de forma bastante ampla e diversa. Uma rede de coletivos voltada a organizar eventos musicais a partir de recursos públicos e privados, por meio de editais e outras formas de criativas de financiamentos.

Segundo seus representantes, tudo começou em Cuiabá, com o Coletivo Espaço Cubo, no ano de 2002. Inicialmente foi idealizado com o nome de Cubo Mágico. Os jovens produtores culturais e artistas almejavam criar e pensar coletivamente estratégias e objetivos realizando atividades de forma colaborativa. Aos poucos o Espaço Cubo foi ganhando forma, agregando parceiros da região de diversas áreas e segmentos como produtores culturais, artistas, associações de cultura, mas também mercearias, padarias, bancas de revistas, armazéns de construção e escolas. Segundo a organização, o objetivo, desde então, foi fornecer aos seus integrantes (músicos, produtores culturais, diretores de teatro e dança, atores e dançarinos) o básico para viverem sem precisar necessariamente de moeda corrente, dinheiro nacional (Real). Foi dessa necessidade que as lideranças do coletivo criaram uma moeda de troca, ou melhor, o sistema de moeda solidária, o Cubo Card, que ainda está em uso no Fora do Eixo. Este foi o meio encontrado por eles para iniciar o processo de fomentação da cena musical local de Mato Grosso. Sobre a moeda, apresentarei detalhadamente o seu funcionamento no terceiro capítulo.

O Fora do Eixo foi fundado em 2005 por quatro coletivos independentes, localizados nos estados do Mato Grosso, Paraná, Acre e Minas Gerais, que juntos buscavam alternativas para o escoamento dos trabalhos culturais que seus artistas

produziam⁴. Cada coletivo participava ativamente das ações culturais de suas cidades, frequentavam festivais nacionais de música independente e realizavam intercâmbio dos trabalhos produzidos. Muitos desses produtores culturais e artistas associados aos coletivos se apresentavam nos festivais com o objetivo de fazer circular seu trabalho, sua música e apresentar sua marca de maneira dinâmica. Segundo os produtores do Fora do Eixo, os artistas da cena *underground*, distantes do “tradicional” eixo Rio/São Paulo não tinham espaço para divulgar seu trabalho, verba para gravar um CD e fazer girar a “roda da produção musical independente”, era preciso desenvolver meios para isso acontecer.

Por isso, ainda em 2005, estes jovens ativistas somados a outros, também baseados em articulações coletivas, criaram o Circuito Fora do Eixo com o propósito de conectar as cenas culturais, chamadas de independentes, por onde circularia a música produzida nas cidades afastadas do tradicional eixo Rio-São Paulo. A ideia era não depender desse mercado de maior volume comercial do país.

No ano de 2006, eles se prepararam para mais um novo desafio, o de realizar um festival de música de rock, que aconteceria paralelamente ao carnaval daquele ano: o Festival Grito Rock. Inicialmente apoiado pela Secretaria Municipal de Cultura de São Carlos, Estado de São Paulo, o festival foi a cada ano ganhando ritmo e se expandindo para outros locais. As últimas edições incluíram outras cidades do mundo, na América do Sul e na África.

A partir da primeira montagem do festival, a parceria entre produtores culturais de Mato Grosso-MT, Rio Branco-AC, Uberlândia-MG e Londrina-PR, concretizou o núcleo pioneiro do movimento. Até então os diálogos e ideias estavam sendo construídos em torno de possibilidades. Mesmo protagonizando ações ainda embrionárias, o coletivo foi buscando espaços mais abrangentes e foi no sentido de agregar outras parcerias que eles realizaram o I Congresso Fora do Eixo, em Cuiabá, no ano de 2008, trazendo um primeiro nome político à cena coletiva: o do economista Paul

⁴ Todos os dados sobre o surgimento do FdE foram obtidos pelo próprio grupo, que de forma ampla descreve o início de todo o processo, mas não cita nenhuma pessoa como precursora do movimento social.

Singer, então Secretário Nacional de Economia Solidaria do Ministério do Trabalho, para participar do evento.

Entre os anos de 2008 a 2011 ocorreram outros eventos como reuniões, encontros e congressos com o objetivo de criar uma maior dinâmica de trabalho junto às coordenações, e ainda na formatação e organização da arquitetura da rede propondo novos arranjos. Estão inclusos nesses encontros ações como o Festival Grito Rock, o Portal Fora do Eixo, as Etapas Regionais do Congresso Fora do Eixo, o Fórum da Cultural Digital, o Festival Fora do Eixo, a Casa Fora do Eixo, entre outros. Cada um desses momentos teve ou tem por meta discutir propostas, fomentar atividades, realizar circuitos artísticos do Coletivo e criar intercâmbio fortalecendo as práticas do grupo.

A partir de então, do ano de 2006, passaram a acontecer encontros anuais, que costumam ocorrer no segundo semestre de cada ano. Esses eventos têm por objetivo maior consolidar as propostas e articulações que são desenvolvidas durante todo o ano corrente. Os assuntos são pautados em cima das prioridades que as lideranças das frentes de trabalho consideram relevantes.

O ano 2012 foi o mais movimentado do Coletivo. Eles produziram vinte eventos ao longo desse período, por quase todos os estados do Brasil. Cidades como Porto Alegre, Salvador, Brasília, São Paulo e Rio de Janeiro são apenas algumas das localidades que sediaram circuitos de festivais, reuniões e encontros. Neste mesmo ano, o evento mais relevante foi o Encontro Global de Redes, que aconteceu em dezembro de 2012 no Rio de Janeiro. Este momento proporcionou ao grupo a oportunidade de discutir e elaborar novas articulações políticas e culturais. Também foram discutidas novas formas de organização da rede de coletivos e a criação de documentos com o intuito de melhor definir o grupo naquele momento.

Imagem 01 – Encontro Global de Redes 2012



Fonte: Coletivo Fora do Eixo

A imagem acima é representativa das reuniões que agregam os coletivos em torno do FdE. Após as reuniões gerais, que se realizam sempre no início e término de algum encontro ou congresso organizados pelo FdE, os participantes se reúnem para fazer um registro visual do encontro. Essas imagens são utilizadas em material impresso e virtual como as cartilhas produzidas por eles e folders de divulgação das atividades. O encontro de 2012 reuniu lideranças de outros movimentos, coletivos vinculados a rede FdE, jornalistas, pesquisadores, produtores culturais e artistas, e ainda estiveram presentes debatedores do Brasil, América Latina e África, que trataram de temas como juventude, cultura, arte e empreendedorismo através dos chamados grupos de trabalho, seminários, plenárias, reuniões livres e observatórios, além da programação artística. Segundo informaram os representantes do grupo, os encontros nacionais servem também como uma ponte de discussões para eles se conectarem com o que diz respeito à rede e seus coletivos nas diferentes linguagens culturais.

No ano seguinte, em 2013, após o Encontro, as ações discutidas deram resultados amplos para o movimento, os colocando em evidência no noticiário nacional. Os destaques foram: a ascensão do Festival Grito Rock, que realizou a 10ª edição em 30 países; a hospedagem solidária que ganhou mais um local, a Casa das Redes; as coberturas jornalísticas da Mídia Ninja (articulado ao FdE), entre elas a cobertura das

manifestações de junho de 2013 e a realização do 5º Congresso Nacional do Fora do Eixo.

Imagem 02 – 5º Congresso Nacional Fora do Eixo – dezembro de 2013



Fonte: Coletivo Fora do Eixo

O 5º Congresso Nacional Fora do Eixo foi realizado em Brasília, em dezembro de 2013. A imagem acima é mais uma forma de registrar o que estava acontecendo naquele momento. O evento contou com apoios participativos de empresas que colaboraram com transporte, alimentação, dormitório, assim como serviços de táxi com descontos especiais e cozinheiras do Movimento Sem Terra, auxiliando na alimentação. O evento trouxe a presença de diversos coletivos que fazem parte da rede colaborativa FdE, além de ativistas sul-americanos, políticos do Distrito Federal que dizem defender as causas do movimento, advogados ativistas, pesquisadores, professores e estudantes. O formato para a realização desse congresso foi construído a partir da base de uma das Casas Fora do Eixo, a Casa das Redes-DF. Cada dia, durante todo o congresso, aconteceram atividades, como: plenárias no Congresso Nacional, reuniões gerais, reuniões por segmento cultural e as chamadas conversas infinitas⁵. As pautas demandaram as atividades planejadas para 2014, discussão e atuação do coletivo durante a Copa do Mundo, o ativismo político e cultural, discussão sobre o

⁵Nome dado aos diálogos inesgotáveis, formais ou informais, apresentado em rodas de conversas.

funcionamento do Banco Fora do Eixo, além de temas sobre música, teatro, dança, artes plásticas, entre outros.

A primeira reunião geral do 5º Congresso Nacional do Fora do Eixo foi mediada pelo principal coordenador do movimento, Pablo Capilé. No momento, de forma sistemática, ele explicou o motivo pelo qual o Coletivo estava realizando mais uma edição e a importância desse encontro. Para melhor andamento das atividades durante o congresso, o grupo estabeleceu dois blocos de discussões.

O primeiro bloco discutiu o que eles chamam de Circuito Cultural Fora do Eixo, que tem por objetivo se organizar em torno das linguagens da cultura. Nesse bloco foram colocados recrutados alguns membros para exercerem a tarefa de facilitadores dos temas que foram abordados em reuniões de grupos menores. O objetivo era que cada grupo realizasse discussões para organizar o movimento e propor novos arranjos. Todos apresentaram três propostas no final do congresso: o conceito da atuação do FdE dentro de cada linguagem, definição da estrutura atual do grupo para definição desses conceitos, e o desenho dos passos seguintes para cada linguagem. Tudo transformado em documento.

O segundo bloco girou em torno das atividades da própria organização social como o Partido Fora do Eixo e o Partido das Utopias (P.U.T.O.)⁶. De forma ampla, o bloco agrupou temas gerais: primeiro a Universidade Fora do Eixo, que trabalha com as imersões, com os processos de formações e percursos do grupo e discussões de temas diversos; segundo, tratou do Banco Fora do Eixo, que envolve toda a rede de coletivos e a administração dos gastos do grupo; e terceiro realizaram uma discussão sobre os chamados simulacros, que são as frentes de trabalho lideradas por coordenadores que organizam a arquitetura de rede, as reuniões, a agenda do grupo para o ano seguinte. É também quem realiza as articulações, o mapeamento das cidades para saber o que e onde podem ser realizadas determinadas atividades.

⁶Até 2013 chamava Partido da Cultura (PCult).

O campo que vivenciei nesta última edição do congresso me proporcionou compreender, de forma geral, o modo como se dá a circulação das informações entre os participantes do movimento, que procuro traduzir nas imagens abaixo:

Imagem 03 – Esquema geral do modo de trabalho do Fora do Eixo – Ano 2012

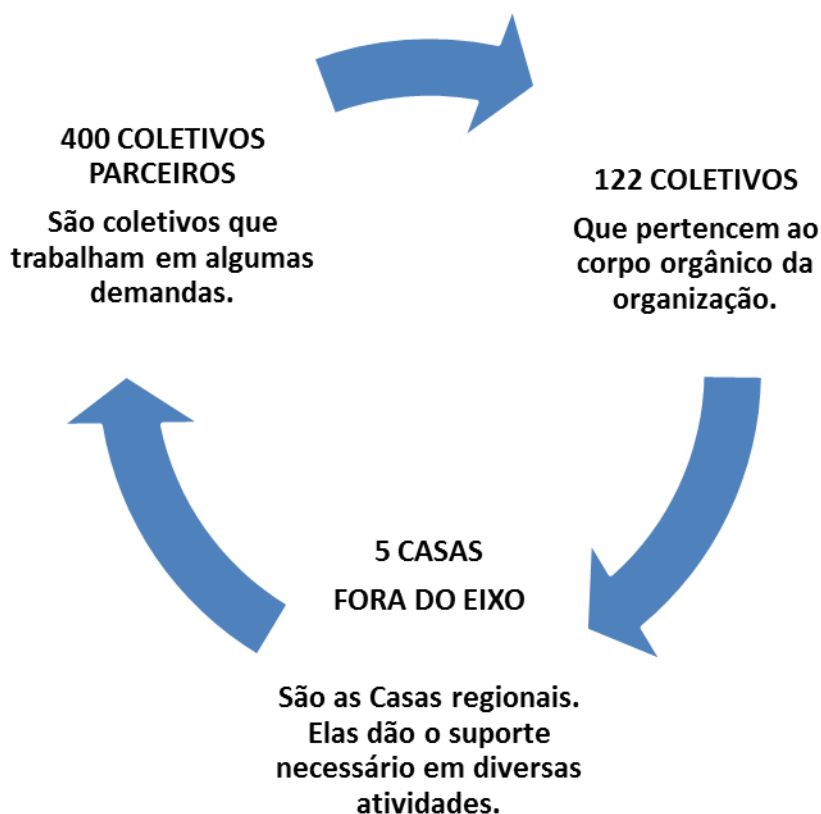


Ilustração: Wener Brasil

Imagem 04 – Esquema geral do modo de trabalho do Fora do Eixo – Ano 2013

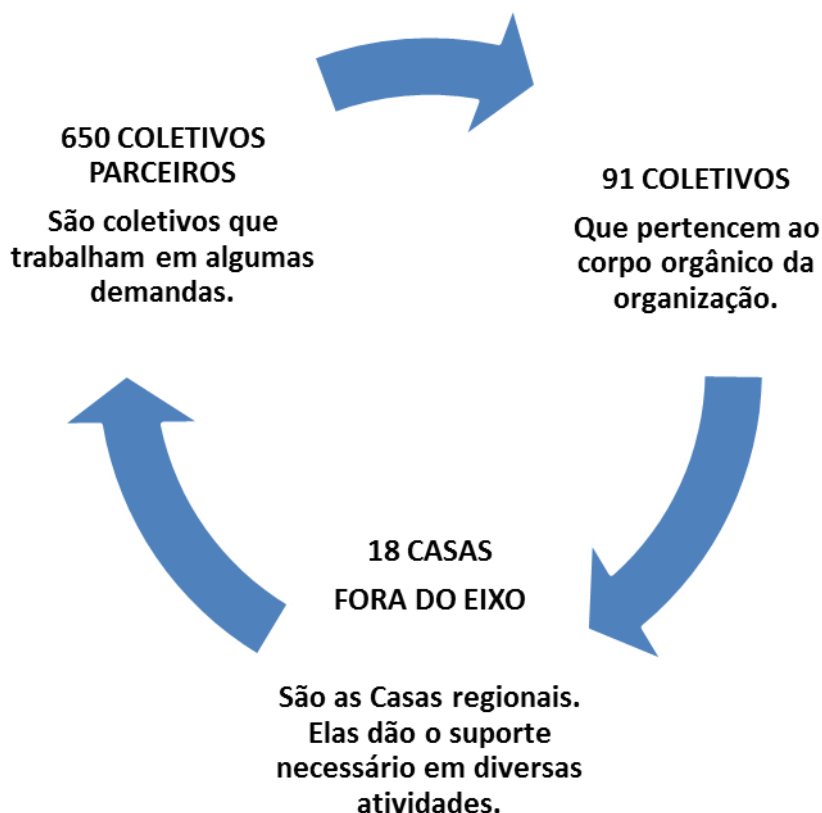


Ilustração: Wener Brasil

As informações acima, projetadas como esquemas fazem referência aos anos de 2012 e 2013, por serem o período limite que o grupo conseguiu obter o controle da quantidade de participantes e coletivos. As atividades correspondem às ações artísticas que as Casas oferecem como festas e reuniões. Eles criaram também o programa de intercâmbio para estrangeiros, que estabelece o acolhimento de produtores culturais no Brasil, nas Casas FdE e em coletivos de outros países na América Latina. O festival de música Grito Rock esteve na pauta de prioridades do grupo naqueles momentos.

Para o Coletivo FdE, o que importa é trocar experiências e procurar através do método da contradição aflorar questões sociais e culturais. São as reuniões, encontros e a participação dos ativistas que, segundo eles, foram às formas que melhor encontraram para desenvolver as atividades do grupo. Por isso, os encontros geram sempre algum resultado seja a nível interno organizacional ou externo por meio da visibilidade das ruas e espaços públicos ocupados e re-significados por eles.

Observo a análise de Maria da Glória Gohn, ao descrever que coletivos contemporâneos focam em pautas que demandam os problemas da vida cotidiana como emprego, finanças/salários, dívidas, serviços sociais como a educação e saúde, moradia, entre outros. A diversidade de temas com os quais o FdE se envolve é muito característico dessas demandas cotidianas também relacionadas aos jovens. Há sempre a ligação da ação com o empírico, ou seja, o problema é abordado e com isso se materializam meios de se propagar a discussão e definir as ações. De uma ação em nome da produção, da circulação e do consumo cultural alternativo, surgem outras demandas e objetivos.

Os integrantes do FdE são práticos e sistemáticos em seus discursos. No planejamento das ações e atividades que a rede ou a liderança pautam é notória a preocupação em dividir tarefas. O registro com fotos e vídeos é realizado constantemente objetivando divulgar a construção de projetos. A coordenação metódica e pontual de Pablo Capilé mostra como uma das características do grupo é sistematizar os temas colocando-os num processo decisório do “voto espontâneo” de quem é a favor ou contra uma determinada orientação. No segundo capítulo abordo mais amplamente sobre o papel dos coordenadores e consultores do Fora do Eixo e exploro o modo como isto se realiza.

Para entender melhor o perfil dos jovens do Fora do Eixo, as entrevistas e conversas informais que realizei durante a observação participante, me ajudaram a compreender a diversidade de perfis sociais dos integrantes. A maioria tem entre 18 e 35 anos, concentrando um maior número na faixa dos 18 aos 25 anos, entre homens e mulheres. É um movimento de classe média escolarizada (ensino superior completo e outros em fase de superior incompleto). Muitos participantes já cursaram ou interromperam algum curso de pós-graduação, como o caso do produtor cultural e músico que interrompeu o mestrado em música para se dedicar ao movimento. Vale mencionar, também, que esses jovens ativistas são oriundos de cidades de médio porte do interior do país, ou de capitais de estados de todas as regiões.

Como já mencionado, este é um coletivo que busca articular globalmente suas atividades culturais, desenvolvendo politicamente bases que contribuam com o processo de atuação. A metodologia que o FdE segue é um modelo de desconstruções de ideias. Eles afirmam que movimentar coletivamente as ações requer trabalho e compromisso permanente de seus participantes. Por isso, os “fora do eixo”, como se intitulam, vivem em casas coletivas dividindo tudo, desde comida até roupas. Eles entendem que vivenciando experiências diversas o movimento se fortalece. As “vivências”⁷ também tem a ver com a rede de coletivos organizada por eles pois as articulações e acordos são realizados em diversos lugares no Brasil e no exterior. Isso tem contemplado o grupo de diversas formas com financiamento de projetos culturais, ocupações em espaços privados e atuações de mais membros que colaborem com as Casas Fora do Eixo.

O uso da tecnologia é outro ponto marcante na atuação do grupo. Com o objetivo de registrar e publicar tudo, os jovens “fora do Eixo” trabalham com tecnologia digital sempre à mão. Observei que esse tipo de postura tem o cunho de propagar as informações e atividades que são desenvolvidas. Segundo eles, o objetivo não é só de fazer com que a sociedade participe e compartilhe as informações, mas principalmente de transparecer tudo que estejam realizando. Não posso deixar de mencionar a criação do Pós-TV e o surgimento do Mídia Ninja⁸ articulados ao FdE. A primeira é um canal online que exibe todo tipo de conteúdo produzido pelos “fora do eixo”, seja gravado ou ao vivo. Essa ferramenta digital é criação do próprio movimento. A segunda, o Mídia Ninja, é o que eles chamam de mídia livre, idealizado pelo jornalista Bruno Torturra. É um canal de exibições e produções de vídeos, documentários, gravações de manifestações e de atos públicos. O Mídia Ninja não só exibe material do Coletivo FdE e manifestações, mas de artistas, festivais de música produzidos por coletivos da Rede, e também produção e exibição de campanha política de candidatos como a do Deputado Federal Jean Wyllys, em 2014. Essa soma de ações conota um investimento tecnológico

⁷É a disponibilidade do jovem atuante e do militante de morar de forma coletiva e participativa em uma das Casas Fora do Eixo. Essas vivências são pautadas em construir soluções a partir da lógica que o Banco e o Caixa Coletivo desenvolvem como forma de financiamento independente.

⁸Eles afirmam ser uma rede de jornalismo independente. A sigla significa Narrativas Independentes, Jornalismo e Ação.

em internet veloz, câmeras fotográficas, filmadoras profissionais, computadores avançados, aparelhos smartphones e outras tecnologias portáteis de última geração.

Sobre a relação entre tecnologias e juventudes contemporâneas, André Lemos (2010) e Pierre Levy (2010) nos ajudam a perceber tal experiência. Para eles, “O ciberespaço já fez da cultura um lugar de produção de conteúdo, de conexão livre entre pessoas e grupos e de reconfiguração da vida social, política e cultural” (LEMOS, LEVY. 2010, p. 29). Assim, a partir do que prepõe os autores, o que observo, no contexto vivenciado pela frente de trabalho da informação do FdE, é o reconhecimento das múltiplas possibilidades de produção, circulação e consumo midiático. A Internet proporciona um conjunto de possibilidades de troca de informações e maneiras diversas de comunicação, que está cada vez mais presente na sociedade. Isso é abordado pelo grupo como ferramenta de uso constante para votações e participações no desenvolvimento de projetos.

Para o FdE, produzir impacto cultural e fazer circular a informação nos ambientes políticos e sociais, é desempenhar um papel específico e inovador na sociedade, o papel de colaborador social através da cultura. As constantes denúncias expostas na mídia nos últimos anos têm caracterizado o Fora do Eixo como um grupo social dinâmico, articulador, estruturado e persuasivo, como uma metamorfose que busca incessantemente realizar ideias. Trata-se de um grupo organizado, com regulamentação e regras próprias criadas e pensadas por eles, através de convívio social intenso e constante. Em suma, para quem faz parte do FdE, o importante é que tenham a intenção de agregar e movimentar o processo, agir e gerar pensamentos coletivos.

Em campo pude perceber que os membros do Coletivo aparecem divididos em dois tipos de atuação: a ação integrada efetivamente nas Casas e nos coletivos da rede, que chamados de participantes orgânicos; e os que atuam no processo de construção de forma mais afastada, sem residir nas Casas, que eles chamam de não-orgânicos. Esse tipo de atuação, segundo eles, gera comprometimento e, por sua vez, confiança.

Há um grande número de jovens com diferentes referências, experiências e idades no FdE. A proposta de coletividade é aberta e colaborativa, isso atrai pessoas que

vivenciaram outros tipos e formas de atuação social. Segundo Feixa e Leccardi (2010), a concepção sobre geração conquistou espaço:

Por um lado, porque permite que o tempo biográfico e o tempo social sejam interligados; de outro, porque permite que a dimensão da reflexividade seja introduzida na análise da dinâmica geracional e nos processos de mudança social. (FEIXA; LECCARDI. 2010, p. 192).

Diante desse contexto exposto por Feixa e Leccardi, o processo geracional se constitui também por certas continuidades e discontinuidades. Durante a pesquisa de campo percebi que os jovens do FdE lidam com o que fazem enfatizando que estão realizando algo novo. Nas reuniões que acompanhei do grupo, observei que alguns membros que vivenciaram experiências de vida atravessando outras gerações, buscavam trazer a experiência ao diálogo para esclarecer que o processo em construção das propostas defendidas pelo FdE não é de todo novo, embora que a forma de atuar com o auxílio de novas ferramentas, como a Internet, são características próprias dessa geração.

As interferências dos mais experientes são inúmeras diante desse debate, mas, dentro da mesma proporção são rebatidas e rebatidas pelos jovens ativistas. A euforia dos jovens militantes é notória nas discussões. Os não-orgânicos da Rede (por sua vez, as vezes também os mais experientes), tomam para si um lugar de distanciamento nesses embates se colocando de outra forma dentro desse contexto.

1.2. Organização Coletiva e Colaborativa

O surgimento de organizações coletivas e colaborativas vem crescendo em diversos lugares do mundo. Para uma melhor compreensão relaciono o FdE com outras mobilizações de jovens, que também desenvolvem trabalhos na linha do colaborativismo. O JovenIc de Madrid, é um termo que significa Jóvenes, Inteligentes, Colectivos, Colaborativos, é formado por jovens que experimentam algo criado a partir de ideias como Inteligência Coletiva e Colaboração e com base em conceitos como

confiança, horizontalidade, autonomia e obras de autoaprendizagem (LÓPEZ, RODRIGUEZ. 2014). A concepção e a maneira de formar o pensamento político, social e cultural entre os exemplos citados são bem próximos. Defendo que há uma modalidade de juventudes contemporâneas, que tratam dos temas colaboração e coletividade como formas de se envolverem com a produção, a circulação e o consumo cultural, através do uso das tecnologias digitais e da internet.

Nos últimos anos, no Brasil, o diálogo com a juventude vem sendo estimulado com frequência. Coletivos, organizados por jovens, tem aberto novos e velhos espaços no debate sobre o poder público e isso tem recentemente causado grandes discussões sobre o colaborativismo e coletividade. O que diz Pierre Lévy sobre movimentos sociais da cibercultura tem relação com esse contexto vivido pelo Fora do Eixo.

Pode parecer estranho falar de “movimento social” quando se trata de um fenômeno habitualmente considerado “técnico”. Eis, portanto, a tese que vou tentar sustentar: a emergência do ciberespaço é fruto de um verdadeiro movimento social, com o seu grupo líder (a juventude metropolitana escolarizada), suas palavras de ordem (interconexão, criação de comunidades virtuais, inteligência coletiva) e suas aspirações coerentes. (LÉVY. 1999, p. 123).

A leitura de Lévy traduz a realidade de construção do FdE, pois também remete a definições e conceitos trabalhados pelo grupo. Diante dessa perspectiva trago questões fundamentais para a construção sociológica desta pesquisa: o que vem a ser coletivo? Neste caso, é uma organização que surge da colaboração de muitos indivíduos que têm interesses semelhantes e atuam de forma a compreenderem a atividade um do outro. Durante todo o processo de análise e estudo, pude observar que o Coletivo Fora do Eixo vê as questões abordadas pelo Coletivo de forma individualizada, ou seja, que beneficie e ganhe agilidade às ações propostas do grupo. As atividades não são desenvolvidas com intuitos altruístas, mas sim voltadas para o coletivo, para aqueles que fazem parte da Rede a partir de convicções construídas por eles enquanto participantes da rede.

Segundo Ilse Scherer-Warren (2011) “Os NMS apresentam, todavia, suas especificidades dependendo das situações estruturais e conjunturais onde se organizam.

O seu significado político social terá, portanto, a ver com as relações que estabelecem com estas condições socialmente dadas.” (2011, p. 51), isso implica dizer que o papel dos movimentos sociais na sociedade contemporânea revela uma nova realidade política e cultural.

O Coletivo Fora do Eixo se aproxima desse pensamento de Scherer-Warren, mas não o define plenamente. Pude notar que esta é uma organização coletiva que atua de forma flexível nas suas ações desenvolvidas. Os tratamentos desenvolvidos nas frentes de trabalho do grupo têm interações e trocas que possibilitam que eles atuem de maneira heterogênea, perpassando por outros coletivos e parceiros dentro de um mesmo segmento, a cultura, através de suas diversas linguagens, como a música, o teatro, as artes plásticas, a literatura, a cultura popular entre outras.

O FdE tem a sua disposição ferramentas como sites, redes sociais, consultores, pesquisadores e também aplicativos como o Mídia Ninja. Dessa forma a produção circula e interage com mais coletivos associados e parceiros, isso gera intervenções, festivais, shows, feiras, entre outros. Eles ainda articulam-se a partir do corpo-a-corpo, das reuniões e das chamadas conversas infinitas, formando estruturas que se sobrepõem distribuídas no plano temático da cultura e no plano territorial do estado brasileiro.

Para apresentar o que dizem ser sua ideia de organização do coletivo, eles criam formatações como desenhos que têm o objetivo de auxiliar na reprodução da organização interna de todas as casas do FdE e distribuídos para toda a rede do movimento. Eles dizem ter pensado o organograma do FdE em formato de mandala. A leitura que faço é de que isso significa a circulação de informações e ações para dentro do grupo, além da tentativa de representar a horizontalidade que eles afirmam ter no que diz respeito ao modo de gerenciar a organização. Os desenhos de planejamento são expostos durante congressos ou qualquer tipo de reunião que venha agregar indivíduos que não conheçam o grupo. Durante a minha pesquisa de campo presenciei os diversos tipos de organogramas que explicavam o formato organizacional do Coletivo.

Em tais resumos, são apresentadas as Casas Fora do Eixo distribuídas nas cinco regiões do país. Até a presente pesquisa são sete Casas, sendo uma no Norte, uma no

Na imagem acima, os simulacros⁹, a parte interna da figura, são quatro: (a) Universidade; (b) Banco; (c) Partido e (d) Mídia. Além disso, cada unidade do Fora do Eixo, em sua operação cotidiana, ainda administra uma agência de eventos, que promove atividades como debates, shows e festas, um espaço para distribuição física de conteúdos, uma frente de promoção da arte no espaço coletivo, além do trabalho de arte e design e de divulgação de conteúdo pela internet.

Na forma estilizada da estrutura de organização, acima, há uma ênfase na ideia de participação do fazer a cultura, mas também deixa entrever um modo concepção de cultura que articula a educação, a política e a economia. Isto pode ser observado na linguagem utilizada na imagem, reforçando elementos como a educação, representada como Universidade Fora do Eixo; a política vista dentro do grupo como sendo o Partido; a informação colocada como Mídia e a economia, simulada como sendo o Banco Fora do Eixo.

No que se refere às informações em laranja, estão as frentes temáticas compostas pelo FdESL – Fora do Eixo Software Livre, aplicativo do software livre; Comunica, para o fortalecimento da comunicação em rede; Palco, destinada ao teatro e a dança; FdEL – Fora do Eixo Letras, para o segmento das letras; Nós Ambientes, para sustentabilidade; Poéticas, de fotografia; Música, para a produção musical e distribuição do material produzido; e por fim, CDC, que significa Clube de Cinema, direcionada, sobretudo a distribuição audiovisual.

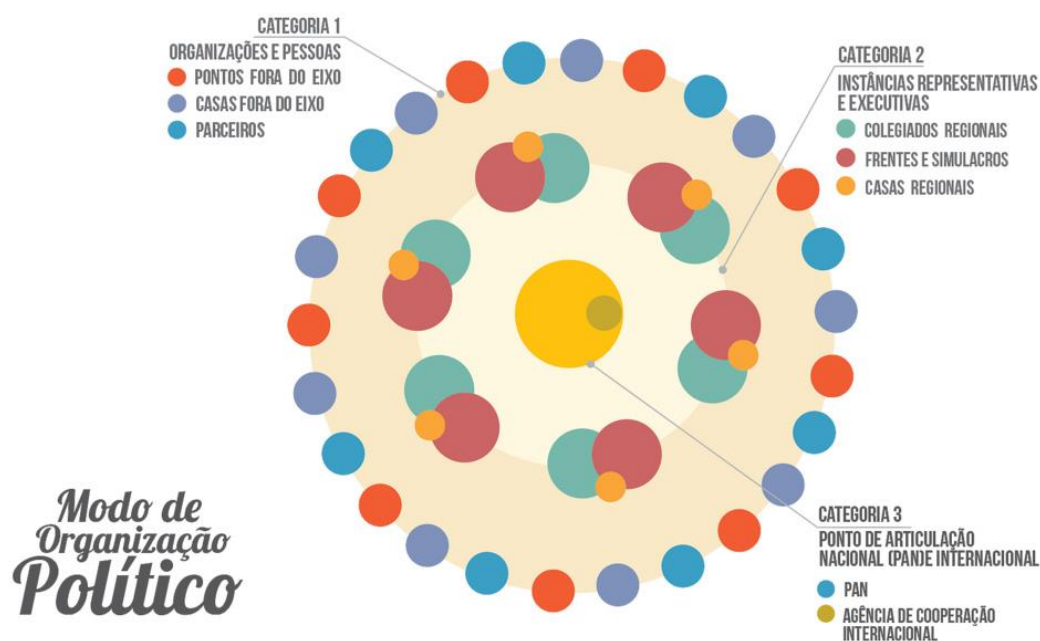
O grupo também criou as Casas Fora do Eixo, representadas na imagem acima presentes na ponta do círculo. São moradias permanentes de circulação e apoio para artistas, produtores culturais e colaboradores. Faz-se necessário esclarecer que ao entorno das Casas existem os coletivos que fazem parte de um projeto guarda-chuva. Para uma melhor compreensão e conforme já expus, que o Fora do Eixo é composto por uma estrutura territorial e outra temática, ambas comportam o operacional chamado de Ponto de Articulação Nacional (PAN), sediado na Casa Fora do Eixo São Paulo, ou seja, a central do grupo. As demais Casas são responsáveis pela articulação regional e

⁹ São segmentos que articulam a arquitetura da rede.

reconhecidas pela rede como territorial. São elas: em Belém (Casa FdE Amazônia), em Porto Alegre (Casa FdE Sul), em Fortaleza (Casa FdE Nordeste), em Belo Horizonte (Casa FdE Minas) e a mais recente, inaugurada no ano de 2013, em Brasília, a Casa das Redes. Esta última tem o objetivo de ser uma embaixada de representação dos coletivos e redes político-cultural na capital do país e é financiada pela Fundação Banco do Brasil¹⁰.

Outra forma de entendimento estilizado é também elaborado pelo que eles entendem ser o seu modo de organização política.

Imagem 06 – Modo de Organização Político



Fonte: Coletivo Fora do Eixo

¹⁰ Instituição pública financeira.

Como é possível observar na imagem acima, a representação gráfica da organização política da rede apresenta as casas regionais de forma mais detalhada, pois são trabalhadas em conjunto com os coletivos da rede. Esses coletivos colaboram tendo a função de desempenhar a representação local da rede Fora do Eixo nas cidades onde a organização se faz presente e aos poucos estão reformulando sua atuação na rede assumindo o papel como Casas Fora do Eixo locais. As casas de São Carlos, Juiz de Fora e Ribeirão Preto estão à frente desse processo. Os Pontos Parceiros do Circuito¹¹ também tem papel importante de articulação, desenvolvendo o mesmo processo de mudança. Essa frente de trabalho desenvolve ações em cooperação, mas não está submetida aos procedimentos de responsabilidade dos demais integrantes da rede. Toda a organização é regulada por um regimento interno elaborado e aprovado pelos seus membros durante o segundo Congresso Nacional do FdE, realizado em 2009, na cidade de Rio Branco, no Acre.

Na sua própria estrutura organizacional interna, o Coletivo encontrou caminhos próprios de auto organização política. Além disto, eles acompanham ativamente as mudanças políticas sociais no plano Nacional por meio de parcerias. A abertura de diálogo com diversos partidos políticos e gestores possibilitaram que o grupo se fortalecesse a ponto de conseguir agendamentos muito raros, como plenárias na Câmara de Deputados Federais e reuniões com a Presidência da República.

O FdE faz um estilo “aberto para conversas” em qualquer das esferas. Outra colocação importante, que auxilia nessas tramitações políticas, é a presença de membros do movimento que trabalham em gabinetes de deputados. Presenciei este fato durante algumas plenárias públicas onde o FdE estava participando ativamente da pauta. Percebi que esses tipos arranjos políticos são estratégicos no processo de construção política ativado pelas suas lideranças.

¹¹ Coletivo que se propõe a ser um articulador do arranjo criativo local, identificando parceiros, público, trocas, artistas, comunicadores e demais agentes envolvidos, a fim de formar, articular e executar ações estratégicas para o cenário cultural. Essas informações foram extraídas do Glossário Fora do Eixes criado pelo próprio FdE. O mesmo encontra-se nos anexos.

A forma de organização política que o Fora do Eixo definiu como estratégia de ação, privilegia a distribuição territorial com pessoas bem distribuídos por todas as regiões do país. O Coletivo tem um sistema de organização política horizontal e em rede. Embora, em suas estruturas organizacionais haja sempre um núcleo formado por “membros de confiança”. Esse mesmo núcleo que no caso da imagem acima é representado pelo Ponto de Articulação Nacional, tem a tarefa de lançar propostas e articulações fomentadas e estruturadas que permita ações mais dinâmicas frente ao Estado. O formato horizontal também se apresenta como fases que precisam ser vivenciadas até chegar às pontas que nesse caso são os Pontos e Casas Fora do Eixo. Os parceiros, que são os coletivos companheiros no processo, também agregam ao sistema caminhando junto com o FdE fazendo um papel de realizadores finais do processo.

Somada ao Modo de Organização Estrutural do Coletivo, o Modo de Organização Político subdivide-se em uma frente temática, associada às linguagens artísticas e outra que é baseada no que chamam de “*simulacros*”. Os inúmeros coordenadores dos simulacros são pessoas de confiança das quatro lideranças que compõe o chamado “núcleo duro” e por isso atuam na linha de frente dos projetos e da articulação política.

Tratando-se ainda da forma política de atuação, o FdE criou sua própria estrutura de conhecimento, a Universidade Fora do Eixo, que tem como função principal a formação de seus membros. O grupo mantém o Glossário Fora do Eixo¹², projeto de formação resignificação baseado em vivências e experiências dentro e fora de suas estruturas. São processos constantes desenvolvidos num discurso consistente e político. O glossário mostra que os *simulacros* “tem como objetivo disputar o modelo de sociedade em que vivemos, apresentando propostas concretas de reorganização das estruturas econômicas, políticas e sociais”¹³. Posso assim dizer, que estes são esquemas que simulam instituições estruturadoras, que redesenham princípios característicos das sociedades para se adaptarem aos princípios coletivistas que regem o FdE. Em todas as

¹² O Glossário é uma ferramenta desenvolvida com patrocínio da Petrobrás, maior empresa petrolífera brasileira, de cunho federal, portanto pública, que anualmente abre editais nacionais no âmbito da cultura.

¹³ “Glossário Fora do Eixês”. Disponível em: <http://universidade.foradoeixo.org.br/?page_id=64>. Acesso em: 15 ago. 2014. O mesmo também se encontra nos anexos.

esferas, seja do Ponto de Articulação Nacional (PAN) outro Ponto Fora do Eixo, todos os colaboradores pertencentes à rede precisam se dedicar a trabalhar juntos e com o mesmo discurso diante das frentes temáticas e dos simulacros. Eles entendem que formando 06 pontos de referência regional articulam melhor as responsabilidades e os fluxos dos trabalhos e discussões entre todos os Pontos Fora do Eixo de cada região.

Como já disse no capítulo anterior, os congressos são considerados ações importantes para o grupo, pois é um momento de rediscutir estratégias e repensar e planejar métodos. Destaco o II Congresso Fora do Eixo, realizado em 2009, em Rio Branco (AC), por ter sido o congresso que definiu boa parte dos tramites que são utilizados hoje e boa parte dos documentos normativos do FdE: a Carta de Princípios¹⁴, o Regimento Interno¹⁵ e o Organograma Geral da Rede, que compreende os Pontos Fora do Eixo, Pontos Parceiros, sub-redes, além dos Eixos Temáticos que definem as Frentes Setoriais, Frentes de Mediação e Frentes Produtoras de Trabalho. O que significa dizer que o FdE foi se constituindo no curso de suas experiências coletivas, na busca por um modo diferente de fazer a produção, a circulação e o consumo cultural acontecer, e ao mesmo tempo racionalizando e burocratizando seu modo fazer e de entender o ativismo cultural.

Para Becker (2008) o desvio movimenta a ação social, saindo do indivíduo para os grupos sociais. Ele descreve em uma de suas obras, *Outsiders – Estudo de Sociologia do Desvio* – um estudo empírico que perpassa por histórias no campo da música, por exemplo, onde analisa o músico de casa noturna. A obra aborda conceitos e definições de quem seriam esses indivíduos desviantes, que seguem carreiras sociais vistas pela sociedade e por eles próprios como fora do normal¹⁶. Para Becker, o desviante tanto pode ser aquele que infringe a regra como pode ser aquele que está fora da “normalidade”. Neste sentido, entendo que o Fora do Eixo imprime um papel de desvio

¹⁴ Texto na integra nos anexos

¹⁵ Texto na integra nos anexos

¹⁶ No caso do FdE, eles imprimem um movimento social composto por jovens, que ganham destaque na sua forma diferenciada de pensar a organização interna do grupo. As vivencias em casas coletivas são exemplos dessa atual maneira de abordar temas como o amor livre, a legalização da maconha e o colaborativismo entre os integrantes. Eles além de discutirem a forma, praticam experiências entre eles.

diante não só do mercado cultural e social, mas principalmente das “velhas” formas de atuação da mídia e da política por trabalharem o processo coletivo como diferencial, construindo seu próprio caminho ao largo da “normalidade”.

No decorrer da pesquisa e das análises do material de campo, percebi o quanto é difícil entender um grupo formado por jovens, com ampla faixa etária, de classes econômicas muito próximas, que por meio da colaboração coletiva desenvolvem projetos culturais e que constrói articulações e acessos políticos de forma organizada e planejada. Este é um coletivo que se constitui pela adesão de pessoas ao seu modo de operar, mas também pelo entendimento de critérios inovadores e pouco convencionais para o mercado cultural sobre o que é e como se faz cultura. Se por um lado, há um novo momento que permite percebemos o fluxo mais veloz de informações e um acesso mais facilitado as tecnologias, reconfigurando o modo que as pessoas tem de fazer cultura, de fazer política e de criar formas alternativas de economia, por outro, algumas lógicas se reproduzem ao lado das que se desfazem, a partir da mudança dos repertórios e de como as pessoas se capacitam e aproveitam das inovações que emergem das contingências do presente.

Segundo Gohn,

(...) há um novo momento e um novo modelo de associativismo civil dos jovens no mundo contemporâneo. Ele é diferente das rebeliões dos anos de 1960, assim como é distinto das ações coletivas dos movimentos altermundialistas recentes, que têm o Fórum Social Mundial como principal exemplo. As diferenças passam pelos campos temáticos tratados, pelos repertórios, formas de comunicação, identidades criadas, pertencimentos de classe e sociocultural e as formas como aproveitam as oportunidades políticas que surgem. (GOHN. 2013, p. 207).

Esse atual momento possibilita a organização de grupos de interesse que disputam recursos financeiros objetivando produzir e circular a sua produção cultural.

1.3. A causa da cultura como participação e o ciberespaço como ferramenta participativa

Durante a pesquisa, constatei que a principal causa mobilizadora aparente da ação social do FdE é a cultura e suas diversas linguagens, apesar de sua atuação também da política, reflexo de uma forma de ativismo. A proposta do grupo é a aceleração dos processos de produção e consumo cultural numa perspectiva mais diversificada e democratizada. Eles construíram acerca da organização formas criativas de desenvolver a participação coletiva, através da utilização do ciberespaço, dos seus encontros coletivos e de atuações militantes dentro e fora de gestões públicas. A discussão sobre cultura é encontrada em todos os debates do FdE, embora sempre articulada aos temas sociais, políticos e econômicos contemporâneos.

De qualquer modo, embora toda a articulação face-a-face seja significativa para o existência do FdE, o ciberespaço se tornou o meio pelo qual o FdE se constituiu em rede pelo País, o modo pelo qual fez surgir formas inovadoras de produção e divulgação cultural e pelo qual ganhou visibilidade enquanto organização e agente político nos últimos cinco anos.

Para melhor compreender todo esse contexto de novas alternativas de engajamento e participação, me apoio em Gohn (2012) que apresenta as mudanças traçadas pelos Novos Movimentos Sociais, por meio dos grupos e dos valores apontados pelas sociedades que antecederam essa fase. No processo brasileiro de democratização o “direito a ter direito” vem do clamar de ter direito ao lugar, de ser ouvido e atendido. É preciso entender que ocorreram mudanças transformadoras na produção e reprodução do conhecimento, da cultura e da informação com a Internet.

Twitter, Facebook, You Tube, LinkedIn, Groupon, Zynga etc. São acionados principalmente via aparelhos móveis, como Blackberries, iPhones etc. Ferramentas do ciberativismo se incorporando ao perfil do ativismo. Saber se comunicar on-line ganhou status de ferramenta principal para articular as ações coletivas. Por isso, é preciso incorporar na análise essa importante alteração nas relações que se estabelecem e estruturam esses movimentos (GOHN, 2012).

Tendo em vista a intensidade e a demasiada exploração da Internet e suas ferramentas tecnológicas, coletivos incorporaram aplicativos e redes sociais nas construções dos seus processos de articulações em rede.

O poder de participação do jovem, em qualquer atividade que ele se envolva, nos tempos atuais está na mão, de fácil acesso e mundialmente exposto. Os últimos anos vêm mostrando isso. Como diria Castells (2003), a sociedade está caminhando cada vez mais cedo para a cultura tecnológica e isso tem sido reflexo em movimentos sociais constituídos por crianças de diversas faixas etárias.

Na perspectiva de Castells (2003) sobre cultura da Internet :

Embora explicita, a cultura é uma construção coletiva que transcende preferências individuais, ao mesmo tempo em que influencia as práticas das pessoas no seu âmbito, neste caso os produtores/usuários da Internet. (CASTELLS. 2003, p. 34).

A Internet pode ajudar na construção de novas possibilidades sociais e quebrar legados autoritários, essas possibilidades não são inevitáveis. Existem diferentes formas de incorporar a Internet em processos sociais. Há diversas maneiras e isso tem sido discutido cotidianamente por organizações sociais, que criam e trabalham possibilidades tecnológicas incorporadas ao processo interno do grupo. A eficácia da comunicação via redes sociais tem sido um elemento fundamental na resolução de diversas questões e servido como ferramenta de manifestos de sentimentos e articulações sociais relevantes no âmbito mundial. A interatividade está por toda a parte e isso tem feito do jovem, nesses novos tempos, um participante ativo e rápido na transação de informações, trabalhos e projetos.

Uma nova maneira de agir no mundo é construir a participação quebrando hierarquias. Novas causas e atores tem se multiplicado, espalhando-se por todo o planeta questões sociais, culturais e ambientais e isso tem gerado uma maior importância entre os jovens quanto às políticas e economias desenvolvidas conjuntamente. As ações cotidianas tem feito do colaborador FdE ator responsável por

assumir parte dessas atividades dentro da casa. A soma das pequenas ações de todos resulta em atuações e transformações amplas.

Ao pensar nas maneiras apropriadas de uso das ferramentas tecnológicas, me remeto as chamadas “conversas infinitas” que o FdE tanto valoriza. Estou querendo dizer que grande parte do conhecimento desenvolvido nos discursos desses jovens envolvem as conversas informais que tem entre si. A Internet, as ferramentas tecnológicas e redes sociais são complementos e meios facilitadores de tramitar as informações desenvolvidas por reuniões coletivas. É por posturas assim que os jovens ativistas do FdE defendem o convívio em diferentes áreas, conhecendo projetos e culturas diversos e assim trocam experiências e agregam valor cultural e social ao que consideram projeto guarda-chuva. Os líderes do movimento acreditam na pluralidade de ideias e apostam na diversidade cultural movida pela ação política.

Com a internet, a atuação desses jovens deixa de ser vista como algo necessariamente institucionalizado e rígido. A conexão em rede, a amplitude que emerge do poder da rede, criou em grupos coletivos uma nova maneira de se relacionar e de construir processos políticos, culturais e econômicos. Muitos valorizam a possibilidade de transitar entre diferentes projetos, ter flexibilidade para atuar de formas mais pontuais e se conectar com o máximo possível de frentes em que acreditam.

O caminho percorrido pelo Fora do Eixo é de compartilhamento, de mobilização coletiva para as atividades das Casas e ações que foram criadas ao longo de sua história. Os jovens do FdE dizem não só renegar as formas tradicionais de governo, mas também as antigas formas de ações e organizações coletivas. Para esses jovens desconstruir conceitos e se apoderar de novas expressões também são características que destacam o grupo de outros coletivos. À exemplo, o conceito de Rede utilizado por eles, que mostra que o “colaborador” é como aquele que faz algo para si ou alguém e os demais do grupo recebem em conjunto, através da internet esta perspectiva de colaboração se multiplica de forma ágil e dinâmica.

- Capítulo Segundo -

FORA DO EIXO E ATUAÇÃO POLÍTICA

O contexto de indignação em meio a protestos, vivenciado nos últimos anos, trouxe à tona reflexões sobre o cenário político brasileiro com relação às recentes formas de organização da ação coletiva entre os jovens. O Fora do Eixo, desde o início de sua atuação, tem entrado nessa seara. As formas de articulação política, a criação de ações empreendedoras, o conhecimento produzido e a maneira de atuar das juventudes tem sido objeto de diferentes pesquisas (Rossana Reguillo, 2012; Celi Scalón, 2013; Rodrigo Tarchiani Savazoni, 2013; Carme Ferré Pavia, 2014; Michelle Pascoal Maia e Ana Kalina Araújo de Souza, 2014;).

Neste capítulo descrevo as formas de fazer política do FdE, analiso a estrutura de organização política e as trajetórias dos principais coordenadores do coletivo. Abordo questões que se referem à atuação política do FdE e as parcerias e consultorias políticas e culturais articuladas pelo grupo. Nas reuniões gerais, como acontecem nos Congressos realizados pelo FdE, a interferência dos participantes em todo o processo e o planejamento das atividades são debatidos em conjunto nas chamadas reuniões gerais. O uso das tecnologias também faz parte do processo de construção política. São realizadas gravações continuamente e ao vivo transmitidas por canais de internet que por vezes recebem milhares de acesso por usuários de distintos lugares.

Busco aqui compreender as relações de poder exercida pelos participantes expostas e articuladas através de reuniões presenciais e virtuais. O processo construtivo político do grupo é pauta inesgotável de discussão entre os seus membros, porque segundo eles quanto mais organizado o FdE se apresentar, mais vezes será ouvido pelo Estado, ganhando credibilidade e confiança.

O FdE diz acreditar em políticas públicas de estado e não em políticas de governo, por isso suas lideranças deixam claro que não há preferência partidária na

política formal, mas sim que buscam parceiros e apoios em todas as instâncias no cenário político do País. Consequentemente, muitos partidos procuram por esses jovens ativistas a fim de fortalecer suas propostas partidárias e suas plataformas eleitorais. O destaque do FdE no cenário nacional e internacional tem feito políticos procurarem as lideranças do movimento convidando-os para assumirem cargos públicos.

Outra característica da participação política é o uso de aplicativos e Internet na construção das atividades políticas do grupo, que auxiliam na comunicação como forma de escoar informações e divulgações de sua atuação. Segundo os membros do FdE a tecnologia tem papel fundamental nas suas ações, sendo imprescindível como fomento de parcerias no processo político. No decorrer do capítulo busco entender estes usos ao mesmo tempo em que tento analisar as formas de articulações colaborativas as característica dos atores e das suas ações políticas no âmbito do FdE.

2.1. Articulações colaborativas: o sentido de inovação para o FdE

A Carta de Princípios do Fora do Eixo¹⁷, é uma peça chave para começar a compreender o sistema político interno e externo do Coletivo. Eles trabalham com inovação, criatividade e descentralização de informação, buscando novos enlacs, parcerias e constantes desconstruções daquilo que chamam coletivo. Vejo que é importante destacar o ponto 8 da Carta de Princípios que revela de maneira detalhada cinco diretrizes: (1) Intercâmbio, transversalidade e delegação; (2) Identidade, diversidade e autonomia; (3) Gestão e sustentabilidade; (4) Inovação e comunicação; (5) Formação e conscientização. Esse item, em específico, descreve os pontos fundamentais abordados pelo grupo. Formular, integrar, estimular e promover são palavras do cotidiano desses jovens. A política deles é construir usando ferramentas que venham a inovar o formato tradicional de fazer política, desenvolvendo junto ao tema da cultura, um papel que contribua para acelerar processos parados no pesado sistema burocrático do financiamento público da cultura no País.

¹⁷A carta de Princípios do fora do eixo está na íntegra nos anexos. Lá constam detalhes de todo o processo de construção da organização social.

O Partido da Utopia (P.U.T.O.), antigo Partido da Cultura (PCult), criado por eles, não tem existência formal. É um partido que foca em pautas que discute os processos de formação, os percursos necessários de mobilização dos coletivos parceiros, as imersões dos participantes nas construções coletivas, o mapeamento das cidades que se conectam com as atividades do movimento, a construção de bancadas legislativas, campanhas eleitorais a nível municipal, estadual e federal voltadas para as causas culturais. Dentro da lógica de organização social colaborativa, o P.U.T.O. é entendido como alicerces que perpassa a arquitetura das discussões em rede. A discussão de regionalização, a discussão de geo-referenciamento, a retomada de fluxo mais intenso nos trabalhos nas regiões interioranas do Brasil Profundo¹⁸, a relação dos movimentos sociais, a conexão e funcionamento entre as Casas Fora do Eixo. Por isso, para eles, o Partido da Utopia é um possibilitador da abrangência do coletivo em outras escalas sociais, ao mesmo tempo que a sigla P.U.T.O remete a ideia de indignação com relação ao atual estado das coisas no plano político, por exemplo.

Parceiros políticos, no intuito de ampliar a discussão relacionadas a cultura, usam o P.U.T.O. como plataforma política na busca do engajamento em diversas causas sociais e envolve o nome do FdE em várias manifestações, como a da Marcha da Liberdade¹⁹ e o #ExisteAmoremSP²⁰, entre outras.

Retomo à leitura de Ilse Scherer-Warren para melhor compreender esse contexto atual que a sociedade tem presenciado.

¹⁸Entendo como sendo o trabalho em rede de coletivos nos interiores do país. Um dos objetivos do Brasil Profundo é conectar coletivos das regiões mais periféricas do Brasil, desenvolvendo a cultura em rede. O FdE sempre realiza em suas Casas encontros gerais com coletivos do Brasil Profundo.

¹⁹Manifestação social realizada por vários movimentos sociais, que protestam por diversas causas. Entre elas, luta contra o racismo, o estímulo a preservação ambiental, aos direitos dos homossexuais, ao combate a violência contra a mulher, à defesa dos animais. Esse foi um movimento organizado através das redes sociais na Internet tendo como norte a liberdade de expressão.

²⁰Um encontro relevante para a cidade de São Paulo, onde jovens envolvidos com as produções culturais de São Paulo se reuniram na Praça Roosevelt, no Centro de São Paulo, para despertar o debate sobre as eleições e mostrar que a cidade necessita de mais atenção dos seus governantes. Foi um festival com música e performances de ativistas que objetivou apresentar que é possível levar a cultura de forma colaborativa para as ruas.

Todavia, para que a sociedade civil se fortaleça e o Estado torne-se relativamente menos poderoso, ter-se-á de atingir a antítese da sociedade contemporânea. Naturalmente, isto só seria possível através de uma verdadeira revolução cultural, na qual a sociedade civil constituir-se-ia numa força hegemônica, influenciando, consequentemente, no perfil dos partidos. (SCHERER-WARREN. 2011, p. 53).

Para Scherer-Warren, a sociedade precisaria estar envolvida no processo de construção política, presente em decisões que mudassem o cenário cultural. Percebo que isso tem se revelado a cada ano através de manifestos, festivais culturais, e também por meio das redes sociais, que atualmente desenvolve um papel organizacional em rede estimulando uma discussão em torno da sua importância em eventos promovidos por movimentos sociais. No Brasil, o contexto político de participação tem mudado com a inserção de organizações sociais presentes nas decisões e pautas apresentadas por gestores.

A partir da discussão sobre participação coletiva, estabelecida por organizações sociais compostas por jovens, como no caso FdE, o descontentamento e a inovação dentro desse processo podem ser compreendidos em sua dimensão tecnológica abrangendo o fácil acesso a informação e as articulações realizadas por meio de redes sociais. Refiro-me a implantação de produtos culturais, seja em bens ou serviços ou em métodos de produção de trabalho ou de engajamento social estabelecido como forma de consultorias. O Fora do Eixo é uma organização social que se destaca por reformas e reinvenções melhoradas nos processos organizacionais e de marketing.

Ao pesquisar o Fora do Eixo fui percebendo que parte da sua força está na capacidade de incidir nacionalmente, com dedicação política a tarefas de articulação em todos os coletivos pertencentes à rede. Neste sentido, várias ações estão sendo desenvolvidas entre estudiosos e demais representantes de organizações sociais, com o objetivo de encontrar formas de desenvolver trabalhos significativos para o mercado cultural no país. O intenso e constante uso da comunicação digital e de tecnologias fortalecem os apoios e as demandas políticas que vem sendo bastante investidas, nos últimos tempos. O FdE tem estado visível na mídia convencional por conta do alcance

público dos seus meios inovadores de comunicar, pela constituição de parcerias e pela aproximação com o Estado. Cabe aqui fazer uma reflexão sobre a Cibercultura tratada por Lévy (1999) como fenômeno de interconexão cultural e social. Para ele existem “três princípios que orientaram o crescimento inicial do ciberespaço: a interconexão, a criação de comunidades virtuais e a inteligência coletiva” (LÉVY. 1999, p.127). A reflexão do autor expressa bem o que na atualidade jovens vem almejando com suas construções políticas.

A interconexão de pessoas, coletivos e gestores tem proporcionado ao Fora do Eixo processos de produção, circulação e consumo de conteúdo e produtos culturais que se estabelecem aos poucos em regiões bem distantes do País. As tecnologias digitais de comunicação possuem a capacidade de integrar, rapidamente e com baixo custo, pessoas de diferentes localidades, além de proporcionar articulações que perpassam pelas tecnológicas e mobilidade digital. A presença da cultura digital no atual contexto social permite uma reestruturação nos manifestos e nas formas de se articularem, de se planejarem, e o FdE se utiliza disto muito bem. O Estado também se apropriou das ferramentas digitais na ambição de aproximar a sociedade da gestão, assim como forma de articulação para a exploração das ações culturais. As informações tornaram, até certo ponto, descentralizadas do poder estatal, passando a receber interferências diretas do cidadão comum, de ONG's, dos coletivos, dos movimentos sociais entre outras, através das redes sociais e plataformas digitais²¹.

É estabelecendo parcerias que o Fora do Eixo e seus consultores estimulam a maximização da sua presença constante nas esferas sociais. Contudo, é relevante analisar que em busca da criação de uma sociedade mais democrática, grupos como o Fora do Eixo, passam por um processo de criação diário, formatando um novo modelo cultural e político como desenho de desempenho das ações mais precisas junto ao Estado, em assuntos de primeira instância como saúde, educação, emprego e cultura. As

²¹ Essa forma de conduzir a gestão é o que o atual Ministro da Cultura, Juca Ferreira, é a favor com relação às organizações sociais e a classe artística do Brasil. O ministro acredita que a parceria com organizações sociais é fundamental para administração pública, fazendo com que essas organizações administrem equipamentos públicos.

redes sociais, criação, utilização de novas tecnologias e os modos de escoamento cultural empregados pelo grupo tem o objetivo de voltar à atenção da sociedade civil para causas sociais de primeira instância, conseguindo com isso a atenção não só dos indivíduos, mas principalmente do Estado. Porém, o FdE continua priorizando a circulação da cultura em suas ações.

A análise das relações entre inovação e desenvolvimento, que realizo neste momento, vem a partir de discussões que presenciei na convivência com o movimento. Para grupos sociais como FdE, existe a necessidade de estreitar relações a partir da atuação em rede, mas sobre os enfoques de interesse do grupo. Por outro lado, há uma demanda por novas alternativas que envolvam o colaborativismo e o fortalecimento de articulações políticas e sociais entre as esferas relacionadas ao conhecimento e à informação, ao setor econômico e à comunicação, de maneira a ampliar as perspectivas da atuação em rede colaborativa.

No ciberespaço, também destaco a plataforma virtual do grupo que trabalha cotidianamente para a alimentação do site na intenção de esclarecer e divulgar o que está acontecendo dentro e fora da organização. Por exemplo, o Portal de Transparência Fora do Eixo²² foi criado com o objetivo de apresentar todas as frentes de trabalho. No final de todas as páginas e janelas virtuais do site eles divulgam que o portal está sempre em construção, deixando inclusive o número de contato para dúvidas. Mas, apesar de ser esse o objetivo, algumas *tags* não são alimentadas e nem todas as questões respondidas. Vejo que há algumas brechas na alimentação do *site*. Diante de todo o material analisado, considero que este também seja o objetivo do grupo: fazer que essa construção virtual seja permanente e contínua.

Essa foi a maneira encontrada por eles para centralizar e divulgar todas as informações possíveis sobre o que é dito sobre eles e o que também é produzido por eles, incluindo artigos científicos, respostas à imprensa e a presença de novos

²² www.foradoeixo.org.br

aplicativos²³. É fundamental analisar o importante papel que as novas tecnologias têm sobre a sociedade organizada, pois com o “boom” da globalização novos valores e interesses sociais surgiram e trouxeram consigo novos atores sociais para superfície. A Internet, como realidade global, transformou os recursos atuais em verdadeiros mecanismos de influência para com outros indivíduos e possibilidades de acesso livre às informações. As articulações e parcerias projetadas nas pautas estabelecidas nas reuniões do FdE, elegem sempre um potencial de produção de conteúdo para todo o sistema de rede do coletivo.

Como descrevi anteriormente, desde sua fundação, que o FdE se dedica a utilização e desenvolvimento de suas próprias mídias, onde a Internet é o recurso primeiro a ser explorado em novas articulações políticas. Os aparelhos de celulares mais recentes, computadores atualizados, e câmeras de gravação e câmeras fotográficas de ponta são as ferramentas utilizadas pelos seus membros e não só servem para fazer registros, mas também como forma de ação política. Se antes os ativistas se muniam de listas de discussões, chats de MSN, blogs pouco acessados e a extinta rede social Orkut, atualmente ampliaram para novos e atuais espaços considerando aumento do nível de eletrônicos avançados e o advento da chamada internet 2.0.²⁴ Esses novos espaços tem permitido não só a aproximação com o Estado, mas as atuações estabelecidas nas pressões.

Atualmente a maior visibilidade do Coletivo Fora do Eixo ainda se dá através da atuação do Mídia Ninja, que nas manifestações de junho de 2013 conseguiu gravações inéditas dos locais em que estavam acontecendo o evento, o que se repetiu nas manifestações contra a Copa, em 2014, entre outras. E a segunda, não menos importante, é a atuação econômica do Coletivo que chega, em valores financeiros, na

²³ Os aplicativos do Banco FdE, compreendidos como programas que subsidiam a compreensão e a execução das ações relacionadas à sustentabilidade da Rede Fora do Eixo formam o sistema. (site Fora do Eixo)

²⁴ A Internet 2.0 foi um termo que surgiu em 2004 por uma empresa americana chamada O'Reilly Media. O termo foi dado para a segunda geração de comunidades e serviços na plataforma virtual e a uma mudança na forma de percepção dos usuários e desenvolvedores. Não é um termo técnico ou nem que se refira à especificações técnicas. A Internet 2.0 é um ambiente que envolvem diversas linguagens e usando da interação e participação.

casa dos milhões por ano desenvolvendo atividades da economia criativa que circula dentro do grupo. As atividades, que vem desde a época do Cubo Mágico, fizeram o FdE ser notado mercado cultural, por políticos e pelo Governo.

No final de 2013, o Coletivo avançou na estratégia ativista demarcando uma pauta de reivindicação na Câmara de Deputados, em Brasília, a fim de ampliar a discussão e obter a aprovação referente à democratização do acesso livre a informação na Internet, o chamado A pressão realizada pelo FdE foi realizada em manifestações e debates presenciais, mas também virtuais. No mesmo ano, nos dias do congresso do FdE foi realizada uma plenária exclusiva para se tratar dessa ementa, que estava com a discussão parada no Congresso Nacional e na Câmara de Deputados Federais em Brasília. O ato foi simbólico, mas junto a todo esse processo foram demarcadas alianças políticas (com deputados e senadores) pela demanda do FdE, que discutiram em plenária a importância do Marco Regulatório da Internet.

Imagem 07 – Plenária Marco Civil da Internet – dezembro 2013



Fonte: arquivo de pesquisa

Os “fora do eixo” levaram cartazes, como mostra a imagem acima, expondo a posição do Coletivo durante a plenária que discutiu o acesso livre na Internet. As manifestações de junho de 2013 contribuíram para que este tema voltasse à pauta dos políticos e acelerasse o processo de votação no Congresso Nacional

Isto se mostrou interessante porque revela que a dinâmica de trabalho construída pelo Coletivo é permanente e estrategicamente montada por toda a organização, mas principalmente por aqueles que coordenam o que eles chamam “simulacro”, representados na rede como sendo o Partido, a Universidade, o Banco e a Mídia. Ou seja, os quatro pilares de toda a arquitetura do grupo que perpassa pela estrutura política e articulações, o aprendizado e troca de ensinamentos com o objetivo de formação dos integrantes, o mecanismo econômico do grupo que desenvolve formas de financiamento para a realização das ações e manutenção da rede e o acesso e distribuição das informações.

Como já disse anteriormente, as formas de organização e a atual visibilidade política do FdE consequentemente tem proporcionado aos coordenadores receberem convites para ocupar cargos políticos nas secretarias de estado e municípios de algumas regiões do país, segundo Pablo Capilé, que responde: “É mais interessante você ter um movimento social que está o tempo inteiro dialogando e fazendo pressão do que você se transformar no Estado” (Rolling Stone, 01/10/2013, p. 97).

Para o Coletivo Fora do Eixo, as pessoas esperam que o movimento seja o Estado. Mas, o principal coordenador completa: “Parte significativa das reclamações que os músicos fazem a nós deveriam fazer pra Funarte, pro Ministério da Cultura. Estamos tentando contribuir pra acelerar os processos, mas quem tem que fazer acontecer, dar mais condições, melhor estrutura, são esses órgãos. Tentar imputar essa culpa ao Fora do Eixo é uma besteira. Quando se criminaliza o Fora do Eixo não é um problema para o grupo, mas para a música brasileira” (Rolling Stone, 01/10/2013, p. 97)²⁵.

O grupo não se diz partidário, afirma não ter preferências políticas, mas dizem conversar com partidos e políticos que estejam abertos ao diálogo sobre seus interesses. Apesar do Fora do Eixo ter a postura de atuar com diversas frentes de trabalho e com diferentes diálogos com partidos, se baseiam na lógica de agregar uma maior

²⁵ Ele se refere as ações que o Coletivo desenvolveu nas manifestações de 2013, mas também às críticas recebidas por artistas que saíram do FdE acusando-o de não cumprir com pagamentos de cachês.

participação de coletivos pertencentes à Rede e outros parceiros engajados nas suas causas.

É fundamental deixar claro que a Internet e as novas formas de fazer política não são diálogos finais, mas sim há uma discussão muito mais ampla que possa abordar tal mudança tecnológica. A Internet traz consigo inovações, mecanismos e ferramentas de apoio à causas, que ajudam na construção social em que se encontra o país.

2.2. Os coordenadores do FdE e a atuação do Núcleo do Duro

Analisar a importância e o papel dos mediadores²⁶ da organização social Fora do Eixo é relevante para uma compreensão de como se processam as atividades desenvolvidas pelo grupo. A autora Ilse Scherer-Warren (2005), no texto *Novos movimentos sociais, a construção da democracia e o papel dos mediadores* trata da reflexão sobre alguns movimentos sociais que tem papel influente não só na sociedade civil, mas também no Estado. Essa reflexão serve a pesquisa como ponte para entender o motivo que leva um indivíduo a se engajar em causas diversas. Sobre este aspecto, meu foco são os coordenadores, categoria nativa que o FdE intitula aqueles que estão de frente dos chamados simulacros.

Que papéis assumem esses coordenadores? Considerando a ação política desenvolvida pelo grupo no campo dos movimentos sociais, inicialmente para auxiliar na sistematização dos processos colocando outras pessoas do grupo para dar continuidade. Um dos embates que vivenciei na pesquisa foi o de tentar explicar a participação política de jovens que criam articulações coletivas, com discursos aprimorados e envolventes propondo nas mudanças estruturais e culturais.

²⁶ O autor SCHERER-WARREN utiliza o termo “mediadores” referindo-se a intelectuais, agentes de pastoral, religiosos, educadores, líderes políticos etc., pois segundo ele são portadores de conhecimento formal e experiência política, trazidos de outras vivências (de fora) para atuar junto ao movimento.

Busco com essas análises compreender a participação dos coordenadores no FdE a partir de suas distintas trajetórias de vida. Tento destacar a reflexão sobre o trabalho realizado por profissionais especializados (os consultores, que será abordado no próximo item) e dos coordenadores do Coletivo na construção social relacionada à extensão e o desenvolvimento do Fora do Eixo. Os cenários da política e da cultura são vertentes trabalhadas em conjunto, de forma horizontal e com tarefas distribuídas para coordenadores das frentes de trabalho do movimento. Organizações sociais que trabalham com a participação coletiva, como o FdE, trabalham com mecanismos que possam descentralizar as informações fazendo que a horizontalidade da estrutura política permaneça forte, sem haver hierarquias.

Segundo as coordenações dos simulacros do Fora do Eixo, eles evitam desde o surgimento do coletivo, a verticalização de hierarquias na estrutura organizacional, organizando a ação dos coordenadores em formato de rede, que lideram o que chamam de frentes de trabalho, não havendo uma só liderança em cada atividade. Ou seja, para esses ativistas é importante existir a figura do coordenador, porém com o objetivo de auxiliar a construção do todo. Com o discurso de que tudo é de todos e pertencem a todos, os colaboradores se envolvem em questões que, inicialmente, não estão sob a responsabilidade do mesmo. Mas vale salientar que essa forma de compartilhamento de atividades, de um ajudando o outro, também é gerada de maneira organizada. Por exemplo, se alguém começou determinadas funções, essa pessoa vai até o fim “liderando” e ajustando as ações, ouvindo os colegas e tomando decisões.

Antes de prosseguir, para uma melhor análise da importância desses mediadores no processo coletivo e colaborativo do Fora do Eixo, analiso a relação entre agência e poder, no modo de atuação do coletivo.

Sobre agência, Ortner (2007) diz que:

Finalmente, ao discutir os modos como agência pode ser coletiva e também individual, diz que “agência acarreta a capacidade de coordenar as próprias ações com os outros e contra outros, de formar projetos coletivos, de persuadir, de coagir...” (Idem: 21). (ORTNER. 2007, p. 53 e 54).

Essa capacidade de persuasão da agência para projetos coletivos se constitui numa característica interessante da forma organizativa do FdE. O que quero dizer traz à tona a reflexão sobre a forma de atuação dos coordenadores que em seus pilares político e cultural orientam e organizam todo o grupo para um discurso afinado em todas as frentes de atuação. Destaco as categorias de jovens que se denominaram nas manifestações de junho de 2013 como ativistas ou como midiativistas²⁷ ou como mídialivrista²⁸. Muitos foram presos e ainda são sempre que estão registrando alguma manifestação ou realizando algum registro de sobre temas marginais na grande mídia, retratando violências policiais e outros temas tabus. O fato de realizarem seus registros sem a presença pomposa de equipamentos de rádio e televisão ou identificações visuais de “imprensa” os coloca numa condição menos formal no campo do jornalismo. O material é rapidamente editado e instantaneamente colocado na rede virtual, o que poderá ou não ter impacto restrito e massivo. O FdE utiliza-se desse material e repercussão não só para repensar estratégias, mas para publicizar o movimento. Dessa maneira o conjunto ganha forma e estimula outros coletivos e indivíduos a fazerem parte da rede.

A organização geral do grupo procuro demonstrar no que segue. O que eles intitularam de Núcleo Duro é a haste base de tudo que circula dentro e fora da organização, são as lideranças, que dominam todos os fluxos do processo e a lógica de atuação coletiva que imaginam ser a ideal. Os consultores, que apresento melhor no próximo subitem, aparecem ao centro do esquema, exercendo a função orientação, de prestação de consultoria, mas por vezes também de participação. Existem trocas de ideias e articulações mais precisas no escopo político e cultural. A ideia é filtrar e sistematizar as demandas do grupo de forma organizada e politizada antes de se projetar as discussões e as ações ao todo. As reuniões oficiais do Núcleo Duro são abertas e

²⁷ Midiativista vem de midiativismo, que significam indivíduos (independente de gerações) que buscam registrar os fatos e notícias em qualquer lugar que estiverem. Eles utilizam tecnologia para isso como celulares e câmeras de gravação.

²⁸ Jovens que atuaram nas manifestações de junho de 2013 gravando em tempo real tudo que estava acontecendo dentro e fora da manifestação. Eles encaram como liberdade de expressão, liberdade de atuar como jornalistas, realizando um trabalho jornalístico diferente do que é trabalhado na mídia tradicional. Na época algumas emissoras de televisão abertas tiveram que usar essas imagens nas matérias exibidas.

acontecem com a participação de quem quiser estar presente, porém, conversas paralelas mais reservadas fazem parte também do método utilizado pelos coordenadores para tratar de temas mais estratégicos, inclusive no processo de condução das reuniões, dos congressos e das atuações coordenadas. Portanto, há uma afinação de ideias e afinidades pessoais entre os membros do Núcleo Duro.

O esquema abaixo retrata como enxergo o posicionamento dos coordenadores e como vejo a circulação das informações a partir de suas ações. Esse é um esquema geral, de observação participante, procurando pensar nas categorias de poder que ouvi sendo utilizadas entre os coordenadores.

Imagem 08 – Esquema Estrutura Macro

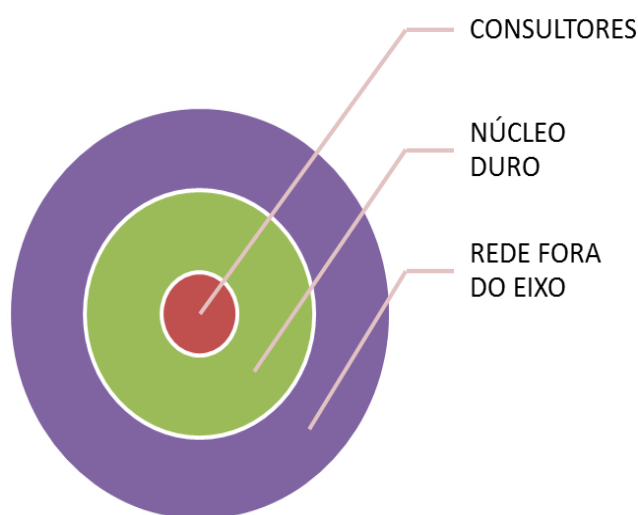


Ilustração: Wener Brasil

O formato em círculo significa a circulação das informações que perpassam por todo o conjunto. Os consultores do movimento aparecem como um núcleo técnico e profissional, que fornece informações e saberes por sua experiência. Esse diálogo é realizado com aqueles que formam o Núcleo Duro, que são as principais lideranças do FdE e seus criadores. As demandas, ajustes ou atualizações de informações e atividades para com as frentes de trabalho, são tarefas que os componentes do Núcleo Duro

precisam desenvolver com toda a Rede Fora do Eixo, que por sua vez, faz o papel de trabalhar as pontas, os diálogos finais com coletivos parceiros, por exemplo.

Entre as lideranças do Coletivo estão Pablo Capilé, que se autodenomina produtor cultural e é considerado pela mídia convencional o porta-voz do Coletivo; Lenissa Lenza, comunicadora, que participa do FdE desde o início; e os autodenominados ativistas Talles Lopes e Felipe Altenfelder, que são responsáveis pelo segmento da música e pela comunicação. A maneira de conduzir as atividades e reuniões, assim como a fala, as ideias e traquejo com os coletivos e a imprensa convencional, levam Pablo Capilé a ser chamado de messiânico²⁹.

Pablo Capilé, Lenissa Lenza, Talles Lopes e Felipe Altenfelder são os precursores desse movimento, mas não foram os únicos. Como o FdE passa, diariamente, por processos construtivos, muitos escolhem não mais participar por diferentes motivos. Os quatro se conheceram informalmente em lugares distintos, porém Lenissa Lenza e Pablo Capilé estão juntos nas causas sociais desde os tempos de faculdade. Os quatro comungam do mesmo discurso sobre vários temas e isso caracteriza um projeto e um sonho comum de transformação. Cada qual tem uma determinada função dentro do Núcleo: Pablo Capilé é responsável pela liderança de todas as questões das “frentes de trabalho” e nos “simulacros”; Talles Lopes está à frente das atividades que envolvam diretamente as demandas da cultura; Felipe Altenfelder, congrega junto a comunicação do grupo e também junto ao Mídia Ninja; e Lenissa Lenza, sempre ao lado de Pablo, está responsável pelas ações do chamado Banco FdE (que tratarei mais adiante). Porém, como eles mesmos relatam em entrevista, todos auxiliam uns aos outros em todas as frentes caso sejam solicitados.

²⁹ É considerado aquele que se coloca como líder providencial para reformar a ordem vigente das coisas.

Imagem 09 – Esquema Núcleo Duro - Esquema Detalhado das Demandas e de Seus Coordenadores

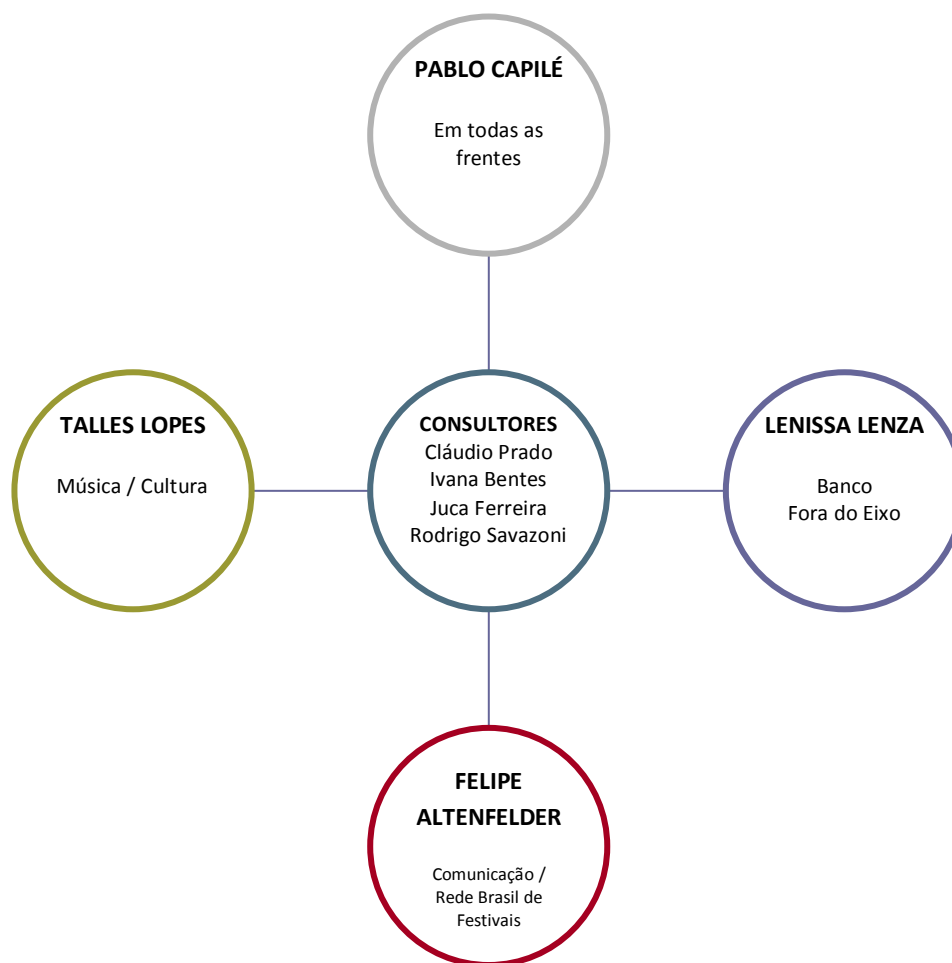


Ilustração: Wener Brasil

O principal componente deste grupo é o Pablo Capilé. É o mais abordado nas conversas que participa, assim como o mais solicitado a dar entrevistas pelo fato de ser, para o grupo e dentro do grupo, a figura que melhor representa o Coletivo. Nas entrevistas que pude realizar durante a pesquisa de campo, o produtor cultural pareceu nas primeiras vezes estar sempre apostos para responder perguntas desconfortáveis. Aos poucos e em dias diferentes, foi me respondendo, pois precisava, segundo ele, estudar o “estranho” em seu território. Pablo Capilé desenvolve seu discurso de forma sistemática, sem pressa e com provocações que estimulam os componentes do FdE a participarem e desenvolverem os temas das pautas.

Durante o 5º Congresso Nacional FdE, o jovem ativista usa de seu domínio no discurso para chamar a atenção dos mais de 200 coletivos e parceiros presentes na primeira reunião do Congresso. Tudo muito prático. Com dinâmica objetiva e pontuada as demandas foram passadas e tudo assistido atentamente. A construção das frases sempre indica coletivo, plural e isso me chamou a atenção, pois em nenhum momento ele externou a singularidade. O mexer na cadeira, os consecutivos cigarros que fumava fora da sala e a constante conectividade no Iphone fizeram parte desse momento. Aos poucos outros personagens foram aparecendo, mas mesmo nesta reunião ninguém mais do Núcleo Duro expõe, só se for solicitado.

Pablo Capilé vem de uma família que contribuiu para a formação dele, conforme narra o jornalista Gustavo Silva (2013):

A vida de João Augusto, o Sinjão, avô de Pablo, é a que melhor representa a faceta política da família: prefeito de Dourados (MT) nos anos 40, ocupou em décadas seguintes diversos cargos no estado. Do alto dos 98 anos, ele revê uma carreira pública que envolve, entre outros feitos, a fundação de novas cidades, e um legado particular que moldou gerações posteriores. “Meu avô optou em não conceder aos filhos posses, mas sim conhecimento”, conta Fabio Arthur Capilé, um primo de Pablo (SILVA, 2013, online)³⁰.

Pablo Capilé vem de família rica e com forte herança política e isso agregou bastante para uma formação de discurso apurado e planejado. O habito de leituras juntamente com discussões são constantes, e segundo ele, necessário para novas articulações.

No ano de 2001 Lenissa Lenza e Pablo capilé faziam parte do movimento estudantil da universidade que estudavam. Pablo fazia direito, mas não concluiu e Lenissa fazia comunicação. Os dois começaram desenvolvendo ações conjuntas realizando parceria nos trabalhos do movimento estudantil. Mas, segundo eles, o movimento estudantil era bastante engessado e sem maiores formações de trabalhos.

³⁰ Matéria da Revista Rolling Stone, de outubro de 2013, edição 85.

Então, depois de oito anos atuando em Cuiabá, no Mato Grosso, os então estudantes na época Pablo e Lenissa, iniciava a história da Rede de Coletivos.

Lenissa Lenza é da área de comunicação, nasceu em Rio Verde, Goiás. Segundo ela, sua vida mudou completamente depois que percebeu juntamente com outros participantes, que o FdE precisava expandir e ocupar um espaço que eles pudessem viver coletivamente. A ambição sempre foi de ensinar e aprender, compartilhar e agregar novas tecnologias e formas de fomentar a cultura. A gestão do Banco Fora do Eixo é de compromisso dela e dos demais coletivos espalhados pelo país. Cada coletivo que pertence à rede tem um gestor que movimenta conta bancária, entrada e saída de dinheiro e demandas administrativas como construção de planilhas, contratos. Além disso, Lenissa incentiva a participação em editais públicos e estimula a movimentação de novas articulações e ideias que venham agregar ao “simulacro” Banco.

Talles Lopes, formado em Ciências Sociais e um dos fundadores do FdE, é o responsável pelo “simulacro” da música. Apesar de ser um dos que iniciaram no processo coletivo, foi no final de 2005 que ele entra no Circuito FdE. O seu currículo é extenso, pois além de ser coordenador de associações, fazer parte de comissões na área da música, Talles é pai de duas filhas. Mineiro, da cidade de Passos, fez sua graduação em Uberlândia e estimulado a intervir nas questões sociais da universidade fez com que Talles aos poucos ultrapassasse os portões da instituição. Foi realizando festivais de música que o cientista social, em uma das edições, convidou Pablo a participar e conhecer o trabalho coletivo que ele estava desenvolvendo em Uberlândia. E a partir daí, a quantidade de coletivos foi crescendo até se transformar na Rede de Coletivos Fora do Eixo.

Felipe Altenfelder é de São Paulo e considera que vive “fora do eixo”. Reside na Casa Fora do Eixo São Paulo. Procura vivenciar os percursos que o FdE realiza através dos circuitos experimentando novos processos na área da comunicação³¹. Isso proporcionou a Felipe passar por diversas cidades do Brasil, da América do Sul e da Europa. As conexões e distribuição de informações com coletivos de outros países é à

³¹ O Coletivo intitula essa ação de Desterritório, categoria nativa.

frente de trabalho que ele se encaixa, além da Rede Brasil de Festivais que trabalha com a cena independente de música. Os trabalhos de Felipe e Talles estão muito ligados por trabalharem ativamente com a música e sua circulação.

O Núcleo Duro é formado por esses quatro pilares que se articulam com os consultores através dos simulacros. As informações, ideias, demandas e ações inicialmente pensadas, são repassadas para os coletivos pertencentes à Rede. O objetivo do Núcleo Duro é fomentar e realizar intervenções na área da cultura que o grupo acredita ganhar frutos.

2.3. Consultores do Fora do Eixo: a ação coletiva para a cultura

Os chamados consultores do Fora do Eixo são especialistas em temas da cultura que aproximam o grupo da política. Esses consultores são um pequeno grupo formado por acadêmicos, produtores culturais e gestores da cultura que movimentam o coletivo pensando junto com eles as prioridades de ação.

Os consultores não estão no começo da formação do coletivo e não se consideram orgânicos, participantes das Casas FdE ou das atividades de rua. Por exemplo, os consultores nunca moraram em nenhuma das casas coletivas da rede. Eles se articulam de forma mais próxima com os que fazem parte do Núcleo Duro, apesar deste atuar de forma independente.

No diagrama que segue tento apresentar quem são esses consultores:

Imagem 10 – Esquema Consultores – Não Orgânicos no Coletivo – Ano 2013

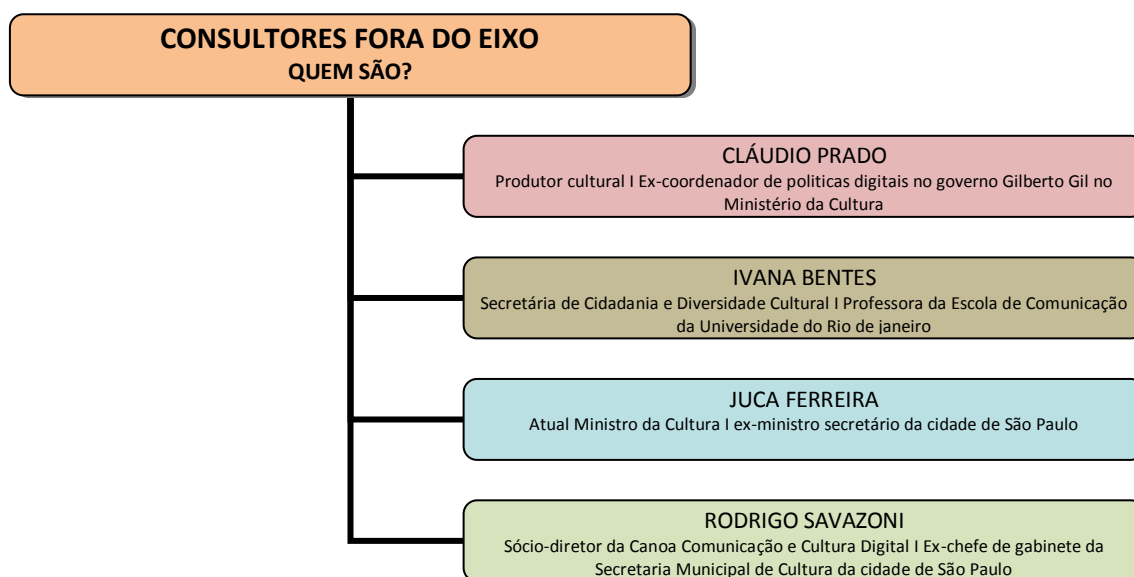


Ilustração: Wener Brasil

Basicamente o Fora do Eixo atua com a consultoria dos quatro profissionais acima. Como o esquema mostra, são pessoas atuantes na política. O Núcleo Duro e os consultores não realizam seus diálogos de modo convencional. As conversas infinitas realizadas para dialogar com mais e maior profundidade sobre os temas e realizações das ações, são práticas estimuladas entre eles e ocorrem com pessoas de dentro do Coletivo como também com políticos ou algum especialista que eles convidem para uma visita nas Casas. Essa foi uma das formas encontradas por eles para a distribuição de informações. A atividade consta inclusive no modelo de estruturação organizacional como uma prática direta dos coletivos e parceiros envolvidos nas “pontas” do processo de arquitetura da rede, conforme apresentei no capítulo anterior.

Imagem 11 – Reunião Geral com os consultores do FdE no 5º Congresso Nacional Fora do Eixo – 06/12/2013



Fonte: arquivo de pesquisa

O grupo de consultores esteve presente no penúltimo dia do 5º Congresso Nacional FdE, em 2013. Eles realizaram uma palestra em que todos falaram, ocasião em que Pablo Capilé foi o responsável pela mediação da roda, colocando para o grupo a importância do momento e da relação estreita com gestores e intelectuais autorizados. Percebi durante as entrevistas informais e formais que realizei com os líderes do Coletivo Fora do Eixo, que eles sempre repetem nos discursos frases construídas no plural, que dão a ideia de que agem sempre coletivamente³². O discurso é o que determina a definição de muitas propostas colocadas em questão pelo grupo, pois determina rapidamente a postura política abordada por todos, inclusive os coletivos parceiros no processo.

³² As frases são ditas sempre no plural como formas de reafirmar que a construção contínua do processo cultural do grupo ocorre de forma coletiva e colaborativa e que ninguém faz nada de maneira individual. Por exemplo: “*Nós fazemos*”, “*É nosso*”, “*Todos nós temos que resolver*”, “*É de nosso interesse*”, “*Nós somos*”, “*A gente tem*”, “*precisamos resolver*”. A proposta é sempre envolver nas pressões e resoluções das demandas mais de uma pessoa. Existe a figura do coordenador que vai distribuir assim como colher informações novas.

Para melhor compreensão da atuação política realizada pelo FdE, busquei entender como os quatro consultores do FdE constroem junto ao Lastro e Núcleo Duro as relações de confiança. Analisar suas trajetórias conceituais foi um ponto relevante em minha pesquisa de campo para entender de forma mais clara a movimentação do grupo. Pude acompanhar de perto a dinâmica de atuação que eles exercem sobre o Coletivo. Para melhor desenho dessa arquitetura de consultores junto ao FdE, descrevo o perfil profissional de cada um³³:

Imagem 12 – Divulgação na Internet sobre a participação de Claudio Prado, Ivana Bentes, Rodrigo Savazoni e Juca Ferreira no 5º Congresso Nacional FdE 2013



Fonte: Site 5º Congresso Nacional Fora do Eixo

³³ As informações de Ivana Bentes e Rodrigo Savazoni foram retiradas dos próprios currículos lattes, extraídas da Plataforma Lattes no endereço www.lattes.cnpq.br. Também busquei informações mais atualizadas sobre Ivana Bentes pelo site do MINC – Ministério da Cultura no www.cultura.gov.br, onde o mesmo apresenta o histórico profissional de Juca Ferreira. E através do site www.savazoni.com.br pude conhecer as atuais funções de Rodrigo Savazoni. As informações de Claudio Prado foram extraídas do material de campo da entrevista concedida a presente pesquisa e pelo site www.producaocultural.org.br.

Cláudio Prado é produtor cultural, ativista, tem uma carreira extensa na política atuando no Governo Lula de forma empírica ao lado do Ex-ministro da Cultura Gilberto Gil coordenando o setor de Cultura Digital do Ministério da Cultura. Atua como coordenador do Laboratório Brasileiro de Cultura Digital³⁴,

Ivana Bentes assumiu em janeiro de 2015 a Secretaria de Cidadania e Diversidade Cultural, secretaria pertencente à pasta do Ministério da Cultura. Ivana é professora da Universidade Federal do Rio de Janeiro, formada em Comunicação Social com mestrado e doutorado em Comunicação, é pesquisadora na área de tecnologias da comunicação e estéticas e foi por quatro anos (1991-1994) redatora do Jornal do Brasil. É coordenadora do Pontão Digital da ECO/UFRJ³⁵.

Rodrigo Savazoni é jornalista e atua como sócio-diretor de uma produtora de comunicação e cultura digital, a Canoa Comunicação e Cultura Digital onde presta serviços de consultorias, assessorias e desenvolvimento de projetos para diversas empresas e instituições públicas como Instituto Brasileiro de Gestão Cultural (responsável pela gestão e administração executiva do Theatro Municipal de São Paulo), Fundação Ford, atuou na campanha política de Dilma Rousseff como assessor político e de comunicação digital entre outros. É mestre em Ciências Humanas e Sociais e sua dissertação foi um estudo de caso sobre o Coletivo Fora do Eixo. No ano de 2014 publicou o livro *Os Novos bárbaros: a aventura política do Fora do Eixo*. Foi braço direito na gestão de Juca Ferreira como Secretário de Cultura da Cidade de São Paulo.

Juca Ferreira, no ano de 2015, iniciou o segundo mandato de Ministro da Cultura, onde de 2008 à 2010 já havia ocupado. No ano de 1968 foi presidente da União Brasileira dos Estudantes Secundaristas, atuou ainda como assessor especial da Fundação Cultural do Estado da Bahia. O meio ambiente também foi sua área de militância política que lhe rendeu na década de 90 o cargo de secretário de Meio Ambiente da Cidade de Salvador e presidente da Associação Nacional de Municípios e Meio Ambiente. Realizou trabalhos públicos como vereador pela capital de Salvador.

³⁴ONG que objetiva promover as tecnologias de forma inovadora proporcionando viabilidades tecnológicas para a sociedade e suas expressões culturais.

³⁵ O Pontão trabalha como um laboratório de software livre e tem como base a CPM da ECO/UFRJ.

Chegou a assumir pelo o Ministério da Cultura a Secretaria-Executiva do Ministério da Cultura. Em 2011 e 2012 realizou trabalhos como embaixador especial da Secretária-geral Ibero-americana (Espanha). Como Secretário de Cultura da Cidade de São Paulo Juca Ferreira implantou, como forma de gestão, a participação de organizações sociais na administração de equipamentos públicos, como por exemplo, do Theatro Municipal de São Paulo.

Os consultores são pessoas com perfis distintos, mas com histórico político e militante muito forte. Segundo Castells (2012) somos uma sociedade em rede. Ao decorrer da pesquisa percebi que o FdE vive seus dias transformando a sua própria rede aproximando lados políticos e firmando acordos com propostas mais asseguradas. Para isso destaco o Castells:

Uma estrutura social construída em torno (mas não determinada por) redes digitais de comunicação. Eu entendo que o processo de formação e exercício das relações de poder é decisivamente transformado por esse novo contexto organizacional e tecnológico derivado da emergência das redes de comunicação digital globais, as quais consistem no fundamento sistema simbólico-processual de nossa época (CASTELLS, 2012, p. 4).

A proximidade das relações entre esses indivíduos e o Núcleo Duro possibilita o acesso à informações privilegiadas na área da cultura. O que do ponto de vista estratégico é importante para a viabilização das intervenções que o Coletivo desenvolve. Ao mesmo tempo, que reforça a legitimidade do grupo e suas interferências perante a sociedade.

- Capítulo Terceiro -

A “ECONOMIA CRIATIVA” DO FORA DO EIXO

Nos capítulos anteriores discorri sobre o que é o Fora do Eixo, uma organização coletiva da juventude organizada que criou mecanismos de colaboração para a circulação, produção e consumo de cultura. Apresentei como eles conseguiram desenvolver atividades no âmbito cultural, numa dimensão bastante alargada pelo País utilizando-se da internet de suas estratégias de encontros presenciais e da formação das Casas Fora do Eixo. Por último, apresentei, também, suas formas de atuação política, as ações envolvendo seus parceiros, bem como procurei entender as trajetórias de vida dos principais coordenadores do FdE e o perfil dos consultores.

Este terceiro capítulo tenho como objetivo apresentar as formas de financiamento e o entendimento do coletivo sobre economia, abordando suas mais diversas alternativas de troca, circulação e financiamento. Uma das características de sua proposta é formar e informar quem faz ou quer fazer parte dessa organização para o modo como ela funciona. Por isso, atualmente, o grupo trabalha desenvolvendo cartilhas que explicam e conceituam suas visões econômicas e seus sistemas de financiamento.

O sistema econômico e financeiro do Fora do Eixo desenvolve formas de ação coletiva e criativa objetivando o consumo daquilo que é produzido e circula na rede. As concepções do Banco Fora do Eixo, tratadas por eles pelo entendimento da economia criativa, demonstram uma percepção de organização pautada por força de trabalho e colaboração de todos os participantes. Se uma forma de financiamento de suas ações se dá através de projetos que concorrem a editais públicos, a outra forma de viabilização econômica se dá pelo modo com que eles se autofinanciam a partir do seu trabalho. Neste caso, entre os membros do coletivo circula a sua própria moeda, o Cubo Card, além da moeda nacional, o Real.

Mas, o obstáculo maior enfrentado por eles é o processo de distribuição financeira das verbas pleiteadas através dos editais. É de como fazer circular o dinheiro

(Real) por toda a Rede e que será usado no projeto inscrito em determinado edital. O Banco é o simulacro que desenvolve e movimenta a arquitetura financeira de novos processos e tem o compromisso de ajustar projetos que estão em andamento. O diálogo e as trocas de experiências vivenciadas por coletivos distintos são formas de articular os trabalhos em desenvolvimento. As decisões e sugestões são estimuladas o tempo inteiro através das redes sociais e e-mails.

Neste capítulo, procuro compreender a faceta empreendedora deste tipo de ativismo cultural. Também descrevo as tecnologias envolvendo aplicativos e ações nas redes sociais que trouxeram novas formas de atuação para que o FdE pudesse abranger parcerias em diversos países, dialogando com ferramentas até então pouco absorvidas pela sociedade.

3.1. Banco Fora do Eixo: o núcleo da ação financeira do FdE

Segundo Lenissa Lenza, a principal coordenadora do Banco Fora do Eixo, o Banco FdE é uma frente de sustentabilidade. Tem como objetivo principal disputar e ressignificar a forma de banco estabelecida economicamente na sociedade. Ela também informa que toda a gestão do Fora do Eixo trabalha de maneira radical em toda sua estrutura e que esse meio alternativo de convivência intensa tem produzido resultados concretos para o coletivo.

Caixa Coletivo, Moeda Social FdE e OPA – Orçamento Participativo são os projetos guarda-chuvas desenvolvidos internamente nos últimos anos pelo Banco Fora do Eixo. A moeda própria é uma das ações utilizadas desde o início. Artistas de diversas linguagens da cultura articulados ao coletivo circulam com a moeda em vários estabelecimentos parceiros do Fora do Eixo - no próximo subcapítulo descreverei a dinâmica desse funcionamento.

Toda a estrutura econômica do Banco FdE é representada por um sistema de círculos que eles chamam de circuito. É importante apontar que o núcleo da figura é o Banco FdE onde existem três pontas que lembram pontas de um tripé. Cada “ponta” vai mediando e passando as informações para as demais camadas desse circuito até chegar às extremidades. Em entrevista ao programa de televisão Roda Vida, Pablo Capilé explica que “O banco tenta mediar a relação desses coletivos e fazer fluxo de tecnologia entre eles”³⁷. O interesse é que cheguem às pontas, pois a ideia é de que o fluxo seja dinâmico. Todo o sistema é considerado como um laboratório para os coletivos e parceiros. O banco do FdE não utiliza um único Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica (CNPJ). Os diversos projetos aprovados em editais e a concretização de parcerias com empresas privadas são administradas pelo CNPJ de vários coletivos que pertencem à rede. É através das cartilhas “Moeda Social” e “Formalize-se” que eles estimulam que coletivos tenham CNPJ, pois isso facilita a tramitação e participação deles em editais, festivais e outras formas de consolidações de parcerias. A proposta é de descentralizar os recursos, já que o Fora do Eixo não possui um único registro de pessoa jurídica para os projetos, ou seja, cada projeto contemplado, independente da região, é construído e pleiteado por proponentes distintos.

Para esses jovens ativistas, a Economia Colaborativa é um princípio de sustentabilidade pautada na colaboração coletiva em valorização da cultura de tudo que produzem. A colaboração para esses jovens é compartilhada com muitos, em todo país e ajustados as mais diversas formas de realização daquilo que produzem. Pessoas que ao longo do processo mudaram, alteraram sistemas de ações, estrutura de festivais, demandas do cotidiano dos integrantes das casas coletivas e das frentes de trabalho.

O financiamento colaborativo também é construído coletivamente através de ferramentas da internet que possibilitam o investimento nos projetos do coletivo. É por meio do sistema de Crowdsourcing que o FdE solicita contribuições de pessoas que possam trocar ou voluntariamente desenvolver, distribuir e ofertar trabalhando diretamente nos projetos. Essa articulação pode ser feita online ou off-line para estimular a terceirização de serviços para a realização do projeto. Outro método é a colaboração por meio de depósito bancário ou pagamento via cartão de crédito para a realização de um projeto cultural ou para a manutenção de serviço prestado pagando quanto o colaborador puder e achar que valha. O exemplo mais conhecido no mercado

³⁷ Programa Roda Viva, da TV Cultura, no dia 5 de agosto de 2013.

colaborativo é o do Cartase³⁸, uma plataforma virtual que oferece diversas ações para o possível colaborador investir e em troca e conforme o quanto foi investido o colaborador ganha um produto ou serviço daquele artista em questão.

A internet, redes sociais online, as conversas infinitas, aplicativos digitais e um vocabulário próprio imprimem de maneira legitimadora como o Fora do Eixo trabalha em nome e conjuntamente por aqueles que estão não somente dentro da rede, mas também por aqueles que se associam temporariamente a eles. Movidos pelos seus próprios desejos e utopias, estes jovens desenvolvem técnicas que fortalecem correntes humanas em rede buscando respostas e, mais que isso, resultados reais do que se pode fazer de forma coletiva, mas também empreendedora para que as metas traçadas sejam efetivamente executadas.

A juventude da última década tem a seu favor um espaço infinito de informações e alternativas públicas e privadas que lhe dá opção de **escolha** sobre como, onde e quem quer atingir. A ausência do corpo físico, mas ainda com pontuais necessidades presenciais, impõe novas formas de trabalhar, circular, criar movimentos para dentro do movimento. Fomentar o desenvolvimento da cadeia produtiva da cultura, promovendo alternativas de sustentabilidade pautadas pelo uso das tecnologias digitais e em uma perspectiva solidária, reafirma o uso do externo e interno nas relações sociais do grupo.

Prosseguindo com o pensamento empreendedor do Fora do Eixo, eles criam ou incorporam conceitos, como a noção de *desconferência*, termo dado a um dos tipos de encontros em que discutem o tema da economia entre outros. São painéis de discussões com novas propostas de incentivo ao escoamento da produção cultural desenvolvidos de forma diferenciada de uma conferência tradicional, fugindo da proposta de mesa de debates. Através do aplicativo Banco das Culturas, o FdE estimula essa ação como sendo integrada as propostas do Banco e das formas de diálogos que desenvolvem.

³⁸ www.cartase.me

O empreendedorismo ativista vai além do cumprir metas. Recentemente, o grupo, mais precisamente o Banco Fora do Eixo, criou em sua plataforma digital a cartilha Formalize-se, para apresentar aos fazedores da cultura as possibilidades para formalização e empreendedorismo social e coletivo. Eles entendem que isso engloba microempresas, associações, cooperativas e microempreendedores individuais. A cartilha foi uma iniciativa dos gestores do Banco Fora do Eixo em discussão com outros colaboradores da rede.

Imagem 14 – Flyer Cartilha Formalize-se



Fonte: Plataforma virtual Fora do Eixo

As cores, a linguagem e formatação da cartilha são referências baseadas em conceitos de comunicação, visando passar organização e credibilidade a todos. O círculo verde ao centro, remete a ideia de uma logística de informação distribuída, que é recorrente em outros materiais de divulgação e informação do FdE, como já demonstrado anteriormente. Por ser um projeto integrado com participação de colaboradores da América do Sul, a cartilha Formalize-se é um “braço” do aplicativo Legalize-se, construída pelo próprio Banco Fora do Eixo. Acima, no canto direito da imagem se vê a referência à noção de economia criativa e abaixo alguns logos de ações do FdE e de suas parcerias.

Segundo John Howkins³⁹, autor do livro *The Creative Economy*, “a economia criativa são atividades que resultam de indivíduos exercitando a sua imaginação e explorando seu valor econômico. Pode ser definida como processos que envolvam criação, produção e distribuição de produtos e serviços, usando o conhecimento, a criatividade e o capital intelectual como principais recursos produtivos.” (HOWKINS, 2001).

A economia criativa como conceito vem sendo discutida e trabalhada no âmbito dos mais diferentes movimentos sociais. Para o FdE, é também uma ferramenta de gestão participativa que objetiva consolidar as partes envolvidas no processo, transformando o todo em rede. Podem parecer, inicialmente, informações administrativas ou comunicacionais, mas os jovens na contemporaneidade têm buscado esse caminho para atuações inicialmente micro, ambicionando o seu auto crescimento ideológico e social.

A relação entre o Banco FdE e a economia criativa perpassa pelo o envolvimento de novas tecnologias e mídias digitais no processo das demandas culturais que o grupo aborda política e economicamente. Esse laboratório de intervenções proporciona dinâmicas de trabalho criadas por eles, que possibilitam inovações nas formas de financiamento do grupo. Por exemplo, os aplicativos como o Caixa Coletivo, a Moeda Solidária e a Mídia Ninja, ferramentas que fazem a circulação da produção cultural estabelecidas pelo FdE. Eles dizem ter independência porque construíram meios de produção durante toda a trajetória.

O Banco funciona articulado com toda a rede do sistema de produção, circulação e consumo cultural. Para uma melhor compreensão desse circuito financeiro, tal situação posso ilustrar com a dinâmica de dinheiro (Real/Cubo Card) entre os coletivos da rede. Uma das Casas realiza um evento privado, sem envolvimento de verba pública. E quando uma outra Casa ou coletivo precisa realizar algum pagamento e não tem

³⁹Bacharel em Relações Internacionais, trabalhou em mais de 30 países incluindo o Brasil, é Professor Visitante, [City University, Londres](#), Inglaterra, e Vice-Reitor e Professor Visitante da Escola de Criatividade Xangai, Shanghai Theatre Academy, China. Autor de vários livros como *Novas Tecnologias*, *Novas Políticas*, *Televisão Entretenimento*, entre outros.

dinheiro em caixa aquela Casa que realizou um evento a dias atrás enviará, na forma de empréstimo, a quantia solicitada. Ou seja, quando o coletivo/Casa que solicitou o empréstimo tiver dinheiro disponível no Caixa Coletivo, ele realizará o pagamento de volta.

3.2. Desmonetizando o fomento cultural do Fora do Eixo

Organizações sociais como o Fora do Eixo utilizam de tecnologia e colaboração coletiva para socializar informações, propagar e fazer circular as próprias ações que são desenvolvidas diante de um crescente movimento. Na plataforma virtual do FdE existe a *tag* Banco Fora do Eixo cuja função é ensinar como trabalhar e investir de forma coletiva e participativa, dando orientações sobre como formalizar empreendimentos sociais, o que está disponível para qualquer navegador. Além de utilizarem dessas ações para os próprios projetos, os jovens do movimento mostram como qualquer um pode fazer circular uma ideia.

O Coletivo também desenvolveu diversas formas de gerir e distribuir demandas, fazendo com que elas circulem dentro da rede, agregando parcerias entre seus membros e aglutinando novos colaboradores. Alguns membros do FdE, do chamado simulacro, são responsáveis pelo mapeamento dos coletivos no país, bem como por relatórios e pelo acompanhamento financeiros de toda a rede. Esse é um trabalho de construção coletiva em que os próprios envolvidos alimentam as informações. O diálogo é aberto e constante, não existe uma só pessoa que cuide desse sistema de informações. Os coordenadores de cada simulacro (Mídia, Banco, Universidade e Política), que organizam e discutem amplamente os trâmites internos.

O Banco Fora do Eixo também publicou a cartilha *Monte Sua Moeda*⁴⁰. Esse material é de livre acesso a quem entra na plataforma virtual do grupo e explica o que é,

⁴⁰ A cartilha foi criada pela Universidade Fora do Eixo em conjunto com a Universidade de Cultura Livre e Cultura de Red, patrocinada pela Petrobrás via a Lei Rouanet e Fora do Eixo Card. Essa é uma ação do Fora do Eixo que está sob a responsabilidade da Universidade FdE, que objetiva formar, educar e desenvolver meios, técnicas e ferramentas que melhorem as ações coletivas do grupo.

como funciona e como utilizar uma moeda própria numa economia solidária. Eles defendem uma economia como moeda social, como uma forma de escambo, diferente das relações salariais e capitalistas convencionais. A cartilha explica que: “Sua criação se inspira nos conceitos da economia solidária de articulação e trocas da economia, na produção e comercialização de produtos que vai além da lógica capitalista, por beneficiar a comunidade local e trazer desenvolvimento” (Universidade Fora do Eixo. 2013, p. 5).

Essa modalidade de dinâmica econômica desenvolvida para o consumo básico rapidamente ganhou força na rede. Os jovens do FdE usam este tipo de moeda como uma das formas de circulação e troca de bens e serviços entre eles. Mas, vale ressaltar que essa prática não é usada em todas as Casas. Como são muitos os que ocupam essas moradias em diferentes regiões, as estruturas trabalhadas vão de acordo com a logística e a experiência de quem mora e vive nas casas coletivas. O modo como lidam com a cultura, as ações e atividades são no geral as mesmas, mas nem todas as Casas e coletivos agregados ao Fora do Eixo trabalham do mesmo modo. As Casas, como já explanado, são ocupadas por jovens, muitos com profissões na área de comunicação, que trabalham e vivem coletivamente.

A imagem abaixo mostra como é o dinheiro, a moeda própria que circula nesse meio.

Imagem 15 – Moeda Social



Fonte: Universidade Fora do Eixo

A representação dessa moeda na imagem acima é muito forte na circulação da rede, pois o Card é considerado a moeda de toda a organização e o Real, para eles, é uma moeda complementar. É com essa logística de sustentabilidade coletiva e ao mesmo tempo empreendedora que o FdE diz *desmonetarizar* o processo colaborativo e solidário desenvolvido pelo Banco Fora do Eixo. Cada coletivo agregado ao FdE tem seu próprio fundo monetário e administra seus próprios financiamentos.

É importante dizer que, apesar de parecer independente ou completamente autônoma, esse é um formato de economia empreendedora não ambiciona trabalhar numa perspectiva paralela a economia formal, mas cria mecanismo complementares e lógicas próprias de troca. O valor dessa estratégia econômica não está na moeda, mas sim nos bens e serviços que ela proporciona ao grupo através de trocas de serviços por serviços ou bens por bens. Os festivais e eventos proporcionados pelo Fora do Eixo utilizam esse meio para a realização das atividades estabelecendo parcerias que possibilitam a circulação de pessoas de diferentes lugares no envolvimento com a produção local do evento. As feiras, festivais e espaços virtuais representam para o FdE um importante meio de produzir e consumir cultura em rede. As mudanças adotadas estimulam a ampliação de serviços criados, viabilizam a produção de artistas que estão fora do mercado convencional e criam novas possibilidades de consumo cultural.

A competitividade de mercado existe e para eles isto não pode ser um problema, mas sim um motivo para aquecer as ideias e fortalecer o que já faz parte das suas atividades. Neste sentido, a tecnologia digital e a internet também são muito utilizadas na viabilização econômica das articulações do Coletivo. A moeda social é integrada a todo o sistema da rede, seja para aquele que já está como coletivo da rede ou aquele coletivo que quer aderir ao sistema monetário. Ou seja, o domínio da tecnologia para eles é de fundamental importância para se manter o controle de todo o processo.

No livro “Capital Social Juvenil: intervenciones y acciones hacia los jóvenes” (DÁVILA et. al, 2003), os autores apresentam uma reflexão o processo de globalização da internet e as juventudes a partir novo milênio. O argumento é que os jovens desta geração tem cada vez mais utilizados a globalização a favor do empreender. Os autores apontam seis aspectos que definem essa relação entre sociedade contemporânea e a globalização. São elas: a unificação das finanças e dos mercados, a massificação da comunicação digital, a desterritorialização da cultura, as operações de trocas, a difusão e legitimação do discurso neoliberal e a forma de fazer política na estrutura de padrões e Estado.

Como já apontado anteriormente, o Coletivo Fora do Eixo vem criando meios e formas de escoar seus produtos culturais. Uma das ferramentas criadas por eles para auxiliar nas demandas de serviços é o chamado Cardápio, desenvolvido para facilitar trocas subsidiadas pela moeda. O Cardápio Fora do Eixo Card disponibiliza as ações solidárias que são convertidas em moeda social/solidária. O cardápio é uma lista de produtores, serviços e saberes da Rede Fora do Eixo com a função de listar os parceiros e colaboradores a fim de facilitar trocas subsidiadas pela moeda do coletivo. Cada coletivo se cadastra colocando todos os serviços e profissionais disponíveis.

Imagem 16 – Cardápio Fora do Eixo Card



Fonte: Plataforma virtual Fora do Eixo

Como tenho tentando demonstrar, o Fora do Eixo é uma organização social composta por jovens ativistas culturais que desenvolvem ideias pautadas por concepções tidas como empreendedoras. É necessário analisar quais os recursos de mobilização monetária que o FdE aciona, mas também de que maneira os jovens envolvidos chegam a compreensão coletiva sobre seu formato. As redes sociais e e-mails são ferramentas que servem como modo de reunião do Banco FdE. Diariamente, as coordenações, seguindo o que diz a cartilha, criam novos mecanismos, ajustam os que estão em circulação e acionam novas demandas acordadas virtualmente. A dinâmica da “vivência” nas Casas FdE, traz à tona reflexão sobre a prática da logística do que está ou não dando certo nas Casas, por exemplo.

Sobre a noção de economia do FdE, cabe dizer que ela também agrega concepções a respeito do Orçamento Participativo (OPA)⁴¹. O Fora do Eixo na tentativa de laboratório em rede absolveu o Orçamento Participativo como mais um mecanismo colaborativo que estimula a descentralização de gestão econômica. A imagem abaixo representa simbolicamente as formas desenvolvidas para a tramitação dessa ferramenta.

⁴¹ Essa foi uma concepção de gestão política adotada por alguns governos do Partido dos Trabalhadores (PT), a partir das mudanças realizadas na Constituição de 1988. A primeira experiência ocorreu na prefeitura de Porto Alegre (RS). O objetivo é que seja estimulada a participação popular nas decisões e definições da aplicação do orçamento público nas ações do governo. Para o funcionamento desta modalidade de debate sobre o orçamento são criados Conselhos Setoriais de Políticas Públicas, que são “delegados” da área em questão, os representantes de setores da população.

Os agentes envolvidos no processo do OPA são sociedade civil e coletivos que realizam suas intervenções por meio da interatividade tecnológica como lista de e-mails do FdE, e-mails, comentários na plataforma virtual do grupo, as planilhas que sistematizam os orçamentos. Há um cuidado com o processo que, para eles, precisa ser continuado, ou seja, existem as Reuniões Gerais (RG) que acontecem de forma presencial, mas existe a presença nas ferramentas virtuais para que prossigam as discussões.

Imagem 17 – OPA – Orçamento Participativo - Banco Fora do Eixo



Fonte: Plataforma virtual Fora do Eixo

O Fora do Eixo se vê, inicialmente, como uma rede que fomenta a cultura reagindo de dentro para fora e de fora para dentro, contra o sistema mesmo fazendo parte dele de alguma forma. As ferramentas tecnológicas, mídias digitais e a expressão presencial são resultados de um trabalho constante diante dos temas da cultura, da política e da economia.

Analizando a proposta de concepção da economia colaborativa apresentados pelo Banco Fora do Eixo, percebo o quanto é dinâmico o processo de construção econômica do grupo. Para eles os resultados precisam acontecer, mas, ao mesmo tempo, é importante que sejam dinâmicos, que se alterem, que mudem, que se ajustem. A presença da consultoria é relevante para o acolhimento de novas ideias e novos diálogos. Bancos comunitários, escambos, moedas e cardápio são sistemas ativos e permanentemente construídos a partir de concepções sobre ação coletiva e participativa.

3.3. A circulação e consumo da produção cultural do FdE

A produção, circulação e consumo cultural não começam com o produto/serviço em questão. O primeiro passo para eles é trabalhar o sistema inicialmente dentro do Coletivo usando as Casas e os Pontos de Cultura . Mas, a forma e a ação de circulação das demandas do grupo não se referem única e exclusivamente a produção cultural e dizem respeito também a subsistência e a sustentabilidade de um sistema coletivo que tem agregado mais de 2000 participantes.

De acordo com os integrantes do FdE, não existe salário, eles vivem da partilha e da colaboração uns com os outros. Toda a rede (Coletivos, Casas e Pontos Fora do Eixo) tem como metodologia de trabalho e vivência, a divisão de tudo que circula nas Casas. Os custos das estruturas da organização são pagos por um caixa coletivo que cada casa e ponto comporta em suas estruturas. As Casas que estão na região de São Paulo, por exemplo, além do Caixa Coletivo utilizam também cartão de crédito e todos os moradores têm acesso à senha do mesmo cartão.

O dia a dia da casa funciona como troca de afazeres domésticos ou também com dinheiro, caso o morador não queira colaborar com serviços de casa ele contribui de outro modo. Mas cada um tem responsabilidades a cumprir com a rotina diária da manutenção da casa e das atividades que ela proporciona. A Casa também precisa dar resultados adequado de acordo com a finalidade para a qual ela existe, voltada para produção cultural, aos moldes do entendimento do FdE.

Os projetos empreendidos também são formas traçadas para capitalizar dinheiro corrente para o caixa da casa. Ao realizarem as atividades de produção cultural, qualquer delas prevê os pagamentos geridos administrativamente e o dos trabalhos que acontecem nas casas. Os bens que trazem os participantes quando entram na casa, como carro, por exemplo, ficam à disposição de todos, assim como as roupas que trazem fazem parte do que eles chamam de guarda-roupa coletivo, também os cigarros e outros produtos de consumo cotidiano. O modelo de gestão financeira inclui também as Moedas Sociais (Cards), como já apresentado neste capítulo. A troca dos serviços é gerada pelo dinheiro social entre os agentes que participam do “Caixa Coletivo” e entre os próprios coletivos que compõem esse “clubes de troca”. O “simulacro” do Banco Fora do Eixo sistematiza tudo que é gerado pelo fluxo de caixa. O Banco fica incumbido de articular as formas de captação de recursos em moeda corrente e apoios de editais, como quantificar e gerir as “reservas solidárias”. Os dados da organização revelam que foram movimentados, em 2012, 62 milhões em cards, valores que não são convertidos em moeda corrente, pois como já disse referem-se aos serviços partilhados, mas dão uma ideia de valor produtivo.

Segundo Pablo Capilé, por meio de editais ou financiamento de leis de incentivo é que o FdE circula valores que são multiplicados através do sistema de colaboração, chegando a movimentar o equivalente à alguns milhões de reais para toda a rede. Da necessidade de compreender melhor o sistema de circulação em termos de valores, descrevo abaixo o que disse Pablo Capilé ao programa de televisão Roda Viva quando abordado sobre o tema da circulação de valores tão altos num sistema coletivo de rede:

“O x da questão desse debate sobre verba pública é como que em rede você consegue multiplicar. A gente *tava* falando da Casa FdE. Ela custa, mais ou menos, em torno de R\$ 20.000,00 a R\$ 25.000,00, moram trinta pessoas dentro dela. Cada pessoa custa, mais ou menos, R\$ 900,00. O *cara* que trabalha numa Rede Brasil de Festivais, *tipo* o Gabriel Ruiz, quando ele dá suporte para esses trezentos festivais, se cada um desses suportes custassem R\$ 500,00, o *cara* que custou R\$ 900,00 num mês, num mês de fevereiro que ele *tá* dando suporte para esses trezentos festivais, ele gerou R\$ 150.000,00. Então, cada R\$ 1,00 investido em recurso público, dentro desse sistema de rede, ele é multiplicado muito mais. Por isso, que muitas vezes a gente faz muita coisa e as pessoas acham que circula muito

recurso, mas na verdade é a capacidade que a gente tem de *desmonetarizar* isso e de somar. Então cada Real que entra ali, você multiplica em quinze, vinte, vinte e cinco que são muitas pessoas juntas fazendo isso acontecer” (CAPILÉ, 2013).

A arquitetura financeira e econômica do FdE é complexa e densa, pois envolve agentes relacionados à cultura e que mobilizam juntos mecanismos de intervenções capazes de chegar na ponta final do processo, os coletivos e Casas. Tudo isso gira em torno da economia criativa, que na produção, circulação e consumo dos serviços/produtos do Coletivo são desenvolvidos processos com participação de todo o grupo a ponto de desenvolverem com criatividade a multiplicação de recursos. Essa matemática é realizada por trocas de serviços, por exemplo, ou com a venda de CDs, camisas realizadas em festas/festivais produzidas por eles.

O Ministério da Cultura disponibiliza mecanismos de apoio a projetos culturais, que são eles: a Lei Federal de Incentivo à cultura (Lei nº 8.313/91/ Lei Rouanet), a Lei do Audiovisual (Lei nº 8.685/93), bem como os Editais para projetos específicos, lançados regularmente. Só com os projetos pleiteados nessas leis, o Fora do Eixo tramita com muitos projetos que são iniciados nas pontas das frentes de trabalho. Ou seja, coletivos que fazem parte da rede, mas que não são as casas. Porém, as regionais também escrevem projetos e realizam projetos. A organização ainda desenvolve projetos que sejam pleiteados em mecanismos das esferas governamentais menores, como as leis de incentivo às culturas estaduais e municipais.

Algumas leis se baseiam no modelo de renúncia fiscal, significa que as empresas têm um determinado percentual dos impostos que seria repassado ao Governo e é convertido no patrocínio de ações culturais de vários segmentos: música, dança, teatro, cinema, artes cênicas, artes visuais etc. Mas os editais, em sua maioria, premiam diretamente os projetos selecionados com um valor em reais, possibilitando, assim, a elaboração, o desenvolvimento e a difusão das atividades culturais. No caso de renúncia fiscal, os projetos são inscritos nas leis e, se aprovados, os proponentes terão que captar a verba junto às empresas que se interessem em investir seus impostos na cultura. Mas são propostas que necessitam passar pelo crivo de seus “patrocinadores”.

É importante destacar que, apesar da iniciativa do Governo de criar essas leis e estimular que produtores culturais participem desse legado, se faz presente a insatisfação do grupo com relação à canalização desses investimentos na região Sudeste do país, pois, desde a criação do FdE, primam pela valorização, a descentralização e a distribuição das tecnologias do saber, conforme mencionado em sua Carta de Princípios.

As dificuldades de realizar produções e abranger o consumo de seus produtos culturais são, de certa forma, desenvolvidas com mais facilidades devido ao trabalho em rede. O FdE se vê na condição de inovar nas práticas culturais que estabelecem dentro e fora da rede. A formação dos aplicativos, o gerenciamento de festivais e a dedicação ao simulacro Mídia são ferramentas que os permitem pensar e trabalhar as diversas maneiras de dialogar com o mercado consumidor de cultura. Isso tem ajudado nas realizações das atividades. Considerando o que Mike Featherstone (1995) aponta sobre cultura de consumo, coloco:

Usar a expressão “cultura de consumo” significa enfatizar que o mundo das mercadorias e seus princípios de estruturação são centrais para a compreensão da sociedade contemporânea. Isso envolve um foco duplo: em primeiro lugar, na dimensão cultural da economia, a simbolização e o uso de bens materiais como “comunicadores”, não apenas como utilidades; em segundo lugar, na economia dos bens culturais, os princípios de mercado – oferta, demanda, acumulação de capital, competição e monopolização – que operam “dentro” da esfera dos estilos de vida, bens culturais e mercadorias (FEATHERSTONE. 1995, p. 121).

A colocação do autor me fez refletir sobre o processo de produção e circulação dos produtos que são desenvolvidos pelo FdE. A organização vive e germina suas atividades a partir dos meios de produção que, segundo eles, já são consolidados no mercado cultural. O FdE, por ser um coletivo em rede, realizou, nos últimos anos, formas de sustentabilidade para a circulação de todo o material produzido. Quando são perguntados se existem artistas do Coletivo que fazem ou já fizeram sucesso, eles respondem que o sucesso é relativo. Para eles, realizar um processo que sustente a rede e, ao mesmo tempo, faça circular artistas para públicos micro e macro consumirem, é fazer sucesso. Se o objetivo inicial e a concepção do grupo era não depender do eixo Rio/São Paulo, para eles, que realizam turnês de artistas durante 63 dias, em média, pelo

Brasil, e de artistas até então pouco conhecidos da grande massa, o sucesso da organização tem apresentado frutos.

A produção de vários festivais em parcerias e patrocínios públicos e apoios de empresas privadas tem sido, antes de mais nada, uma verdadeira incubadora empírica para esses jovens. Em escalas diversas, o FdE tem conseguido fazer as vendas de CD's, camisas, gravações de DVD's e a venda de ingressos, seja nas Casas FdE e nas casas noturnas ou nos festivais. A cadeia produtiva faz circular os artistas através da rede e isso tem tornado os projetos mais sólidos e rentáveis, seja em Real ou em Cubo Card.

A forma como se consome cultura e informação na atualidade é ainda um desenho complexo de se entender porque é tudo muito recente. O mercado ganhou moldes diferentes e tecnológicos comparados aos trâmites tradicionais. Voltando ao ciberespaço, aponto o importante papel dos softwares livres e a forma colaborativa de troca, compra e venda de produtos/serviços, que tornou possível a ação de consumo cultural, de colaboração na Internet de maneira distinta e inteligente. O conceito de inteligência coletiva defendida por Lévy (2007) se encaixa na lógica de horizontalidade em toda política e economia de gerenciamento em rede do FdE. Retrata o trabalho de circulação para todas as pessoas por igual, sofrendo tanto críticas positivas quanto negativas. Dessa forma para Lévy, é criada comunidade com trocas que perpassam por informações, trabalhos, produções e produtos culturais.

Completo com a perspectiva usada por Gohn (2012) que define, em um dossiê, o que são essas novas demandas e buscas por meio de discussões que os jovens envolvidos em movimentos e coletivos estão conseguindo resultados, fortalecendo a cadeia produtiva.

Eles estão repolitizando as demandas socioeconômicas e políticas, independentemente de estruturas partidárias, tendo como um dos focos a oposição ao mercado financeiro, especialmente ao capital especulativo que atua em escala global e as grandes corporações financeiras (GOHN, 2012).

A produção cultural consiste em gerenciar as demandas de eventos, de produzir executando processos desenvolvidos em escalas. O FdE é uma rede colaborativa que vem se fortalecendo e consolidando seus trabalhos (produtos/serviços) em escalas

diferenciadas no cenário cultural brasileiro. A inovação de ideias e o sentido que a tecnologia forneceu a essa organização social, criou novas possibilidades de ganhos coletivos multiplicando o consumo e as formas de ação. Aqui me referindo às estratégias econômicas usando as tecnologias e criando necessidades e demandas no âmbito da cultura.

O modelo econômico criado por eles empreende com o trabalho de muitos coletivos com grandes diversidades de propostas culturais e que todos fazem parte do processo político e econômico do Coletivo. Por isso o FdE não trabalha mais só com a linguagem da música, como no início, mas com uma variedade muito grande de linguagens culturais. Atinge várias cidades das cinco regiões do país e dialoga com as diferentes culturas e credos retratando a diversidade social. O FdE, com suas relações construídas junto ao mercado e a política, é visto como um “negociador cultural”, mas sem perder o propósito de fortalecer as atuais estruturas do grupo. Portanto, assim como a “tecnologia que o inspirou”, é a própria rede que entrelaça os personagens estruturantes dessa história: produtor cultural, o artista, o público e o sistema, baseados na cultura, política e economia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando iniciei a presente pesquisa sobre a temática das juventudes no processo de organização social, privilegiei abordar a produção cultural e as formas de circulação e consumo cultural desenvolvidos por eles. Neste estudo, pude constatar a peculiaridade do sistema de gestão que o Coletivo Fora do Eixo desenvolveu nos últimos anos. O seu sistema de arquitetura em rede ganha visibilidade nas redes sociais, mídias e no cenário político e cultural não só do Brasil, como também em alguns países da América Latina e Europa. Percebi que o Coletivo organiza e articula suas ações de forma complexa, porém flexível porque ao mesmo tempo em que desenvolve sistemas internos burocráticos, o grupo trabalha com dinamismo e mudanças evitando engessar o próprio sistema. Além disso, eles mantêm diálogos com diversos partidos políticos e movimentos sociais como Movimento Sem Terra, Black Block entre outros.

Desta forma, no decorrer desta investigação, desenvolvi reflexões visando, sobretudo, responder aos questionamentos iniciais: Como esses jovens se organizam nas suas frentes de trabalho? Qual o papel social, político e cultural que esses jovens realizam? Quem são e como atuam as pessoas envolvidas no FdE? Como eles produzem sentido sobre o Coletivo e o que eles consideram como proposta cultural e política? Como é trabalhado o financiamento de suas atividades? Como o FdE mantém todas as estruturas da organização? Assim, propus aqui uma análise desse grupo enquanto organização social composta por jovens escolarizados, de discurso forte dentro da cena da produção cultural do país. A identificação do papel dos coordenadores e suas trajetórias ajudaram-me a compreender a cadeia de produção cultural desenvolvida por eles, apontando o discurso presente enxergado pelos mesmos.

No primeiro capítulo pude me dedicar a construir uma reflexão em torno da discussão a respeito da relação entre o conceito juventudes, o conceito de coletivos e a relação entre jovens e o Coletivo Fora do Eixo. Abordei o tema coletivo e juventude enquanto organização social no âmbito dos estudos sobre “juventudes”. A análise contemplou apresentar a forma de organização contemporânea vivenciada por eles e a necessidade de vivenciar de forma experimental a vida colaborativa em Casas que constituem conceitos e sistemas econômicos próprios. Ficou claro para mim, que

organizações assim não se permitem rótulos de faixa etária ou de comportamento. Segundo o FdE, eles são indivíduos representantes da área cultural que ajudam nas resoluções burocratizadas do país, tentando flexibilizar um sistema engessado.

No segundo capítulo desta dissertação, pude compreender a política do FdE, bem como, sua atuação coletiva e colaborativa, desenvolvida não só pelos membros dos coletivos da rede e por aqueles que moram nas Casas FdE, mas também por terceiros que pertencem diretamente a posições políticas do Estado. Foi a partir da pesquisa de campo que conheci outras formas de participação desenvolvidas nos últimos 10 anos, objetivando fortalecer a própria independência e respaldo político diante de gestores parceiros do processo político do grupo. Com isso, consegui apresentar de forma sistemática a atuação política de articulação e parceria que tanto o grupo preza. A atividade de campo me proporcionou enxergar nas entrelinhas o discurso legítimo, audacioso e estruturado politicamente falando. E ainda, a pesquisa apresentou que apesar de o FdE desenvolver sua estrutura horizontalizada, o grupo age de forma hierarquizada, portanto, descrever esse processo me ajudou a pensar nos principais atores sociais envolvidos.

No terceiro capítulo, o discurso percorreu pela relação entre a ação coletiva e a visão política no que concerne a economia criativa voltada para a produção e consumo cultural. Compreendi, primeiramente, como o grupo enxerga a economia criativa usando de inteligência colaborativa nas suas diversas formas de financiamento desenvolvidas através de aplicativos e tecnologias digitais. Ficou claro que com a participação dos consultores no grupo tem se fortalecido o processo em rede por meio do desenvolvimento econômico através do colaborativismo digital como criação de aplicativos, tecnologias, uso das redes sociais entre outros.

O campo me proporcionou acionar os sentidos das reflexões em torno das juventudes e consumo cultural, cultura e ciberespaço. Trabalhar por meses em um campo mutante e intenso me custou pensamentos densos para seguir compreendendo as transformações que o Coletivo Fora do Eixo me apresentava.

Sendo assim, os entraves da pesquisa dificultaram encontrar dados mais concretos sobre o grupo, pois nas diversas entrevistas analisadas, percebi uma diferença entre dados relatados por eles em períodos diferentes. Isso me fez enxergar o quanto volátil o FdE é em sua essência e aberto a transformações constantes. Porém, tanta fluidez, em uma rede tão densa, permite fragilidades nos discursos estabelecidos em tempos e pessoas distintas. Neste sentido, constatei que é muito recente o estudo do tema de organizações sociais.

O estudo teve como proposta contribuir com a academia não limitando novas discussões frente ao tema. Os processos de juventudes e coletivos poderiam ser vistos em outros coletivos tão densos, dinâmicos e organizados. A discussão desenvolvida sobre juventudes, organizações sociais e os meios de produção, circulação e consumo cultural é um tema que tem muito mais a oferecer no que se refere as inovações tecnológicas, nas formas de construção política e na estrutura econômica desenvolvida. Sendo assim, escolhi o Coletivo Fora do Eixo por ser uma das maiores organizações sociais do país e pela forma diferenciada de trabalhar em rede com diversos mecanismos e estruturas política e econômica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, Theodor. **Indústria cultural e Sociedade**. São Paulo: paz e terra, 2009.

AVRITZER, L. **Conferencias Nacionais: ampliando e redefinindo os padrões de participação social no Brasil**. Texto para Discussão (IPEA. Brasília), v. 1, p. 7-24, 2012.

BAUMAN, Zygmunt e Tim May. **Aprendendo a pensar com a sociologia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010.

_____. Sobre educação e juventude: conversas com Ricardo Mazzeo. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

BECKER, Howard Saul. **Outsiders: estudos de sociologia do desvio**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008. Cap. 6, pp. 111-128.

BOAVENTURA, de Sousa Santos. **Democratizar a democracia: os caminhos da democracia participativa**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

BOULAY, Marinilda Bertolete. **Música: cultura em movimento**. Socorro, SP: Totem: Instituto Totem Cultural, 2009.

BOURDIEU, Pierre. **A “juventude” é apenas uma palavra**. Paris: Association des Ages, 1978.

BURITY, Joanildo. Caminhos sem fim – caminhos do fim? Movimentos sociais e democracia. In: Breno A. S. M. (org.). **Movimentos sociais: produção e reprodução de sentido**. Recife, Editora Universitária da UFPE, 1999.

CACCIA-BRAVA, Augusto, PÀMPOLS, Carles Feixa, CANGAS, YANKO, Gonzáles. **Jovens na América Latina**. 1. ed. São Paulo: Escrituras, 2004.

CANCLINI, Néstor García. **Culturas híbridas**. 4. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003.

_____. **Consumidores e cidadãos**. 7. ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2008.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede – A era da informação: economia, sociedade e cultura**. São Paulo: Paz e Terra, 1999, vol. 1.

_____. **O poder da identidade. A era da informação: economia, sociedade e cultura**. São Paulo: Paz e Terra, 1999, vol. 2.

_____. **A galáxia da internet**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2003.

_____. **Communication power.** New York: Oxford, 2009.

_____. **Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet.** Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas Ciências Sociais.** 2. ed. Bauru, SP: Edusc, 2002.

DAHL, Robert. **Sobre a democracia.** Brasília: Editora UNB, 2001. pp. 47-74.

DÁVILA, Oscar; HONORES, Carmem Glória; GOICOVIC, Igor; SANDOVAL, Juan (Orgs.). **Capital Social Juvenil: intervenciones y acciones hacia los jóvenes.** Instituto Nacional de la Juventud (INJUV): Co-Edición: INJUV y Ediciones CIDPA, primeira edición, diciembre 2003.

FEATHERSTONE, Mike. **Cultura de consumo e pós-modernismo.** São Paulo: Studio Nobel, 1995.

FEIXA, Carles. **Los Estudios Sobre Culturas Juveniles em España – 1960-2004.** In: Revista de Estudios de Juventud. Madrid. 2004.

_____. **A Construção Histórica da Juventude.** In: Jovens na América Latina. São Paulo: Escrituras, 2004. p. 257-327.

_____. **Generación XX. Teorías sobre la juventude em la era contemporânea.** In: Revista Lationamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud – Volume 4, nº2, 2006.

FEIXA, Carles e LECCARDI, Carmem. **O conceito de geração nas teorias sobre juventude.** In: Revista Sociedade e Estado – Volume 25, nº2 Maio/ Agosto, 2010.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas.** Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989.

GOHN, Maria da Gloria. **Novas teorias dos movimentos sociais.** São Paulo: Edições Loyola, 2008.

_____; BRINGEL, Breno M. (Orgs.). **Movimentos sociais na era global.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

_____. **Teoria dos movimentos sociais: paradigmas clássicos e contemporâneos.** São Paulo: Edições Loyola, 1997 (caps. VI, VII, VIII, IX).

HOWKINS, John. **Economia criativa: como ganhar dinheiro com ideias criativas.** São Paulo: M. Books Editora, 2012.

IVO, Anete Brito Leal. **As transformações do estado contemporâneo**. Caderno CRH. Salvador, nº 35, jul/dez 2001, pp: 11-20.

JAMESON, Fredric. **A cultura do dinheiro: ensaios sobre a globalização**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2001.

JOHNSON, Allan G. **Dicionário de sociologia: guia prático da linguagem sociológica**. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

LEMOIS, André; LEVY, Pierre. **O futuro da internet: em direção a uma ciberdemocracia planetária**. São Paulo: Paulus, 2010.

LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática**. São Paulo: Ed. 34, 1993.

_____. **Cibercultura**. São Paulo: Ed. 34, 1999.

MAIA, Michelle Pascoal; SOUZA, Ana Kalina Araújo. **A cibercultura e os movimentos sociais**. (2014) Revista Eletrônica Inter-Legere, nº 14.

MARCON, F. & ENNES, M. A. **Das identidades aos processos identitários: repensando conexões entre cultura e poder**. Sociologias, Porto Alegre, ano 16, no 35, jan/abr 2014, p. 274-305.

ORTNER, Sherry B. **Poder e projetos: reflexões sobre a agência**. GROSSI, Miriam et al. Reunião Brasileira de Antropologia: Conferências e Práticas antropológicas (Goiânia: 2006). Blumenau: Nova Letra, 2007.

PAIS, José Machado. **Culturas Juvenis**. Lisboa: casa da moeda, 2003.

_____. **Ganchos, Tachos e Biscates. Jovens, Trabalho e Futuro**. Lisboa: Ambar, 2005.

_____. **Jovens e cidadania**. Comunicação apresentada na sessão inaugural do Simpósio Internacional sobre a Juventude, no Rio de Janeiro, UFRJ, Outubro de 2005.

REVISTA CULT, “A esquerda na encruzilhada”. “A revolução será tuitada – Maria da Glória Gohn”, nº 169.

REVISTA SOCIOLOGIA, “A importância das mídias sociais”. “Mídias sociais: rumo a democracia participativa? – Cláudia Rossi”, nº 37.

SANTOS, Laymert Garcia dos. **Politizar as novas tecnologias: o impacto sociotécnico da informação digital e genética**. São Paulo: Editora 34, 2003.

SAVAZONI, Rodrigo. **Os novos bárbaros: a aventura política do Fora do Eixo**. 1º ed. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2014.

SCHAFF, Adam. **A sociedade informática**. 4. ed. São Paulo: Unesp, 1993.

SCHERER-WARREN, Ilse. **Redes de movimentos sociais**. São Paulo: Loyola, 2005. pp. 49-64.

SIMMEL, George. **Questões fundamentais da sociologia: indivíduo e sociedade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

Thompson, Edward P. **Costumes em comum**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

VELHO, Gilberto. **Desvio e divergência: uma crítica da patologia social**. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

WEBGRAFIA

Assessoria de comunicação Ministério da Cultura. **Grupo de Trabalho dá mais um passo para definir novas regras dos Pontos de Cultura**. Disponível on-line via www no URL: http://www.cultura.gov.br/banner-1/-/asset_publisher/G5fqgiDe7rqz/content/grupo-de-trabalho-da-mais-um-passo-para-definir-novas-regras-dos-pontos-de-cultura/10883?redirect=http%3A%2F%2Fwww.cultura.gov.br%2Fbanner-1%3Fp_p_id%3D101_INSTANCE_G5fqgiDe7rqz%26p_p_lifecycle%3D0%26p_p_state%3Dnormal%26p_p_mode%3Dview%26p_p_col_id%3Dcolumn-1%26p_p_col_count%3D2

Casa da Cultura Digital. **Partiu o ônibus hacker!** Disponível on-line via www no URL: <http://www.casadaculturadigital.com.br/category/projetos/laboratorio-brasileiro-de-cultura-digital/>

Coletivo Fora do Eixo. **Plataforma virtual: www.foradoeixo.org.br**

GRAGNANI, Juliana. **Organização social pode agilizar gestão pública, diz ministro da cultura, Juca Ferreira**. Disponível on-line via www no URL: <http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2015/02/1589038-organizacao-social-pode-agilizar-gestao-publica-na-cultura.shtml>

Mídia Ninja. <https://ninja-pw1fox-livetest.oximity.com/>

Ministério da Cultura. O Ministro. Disponível on-line via www no URL: <http://www.cultura.gov.br/o-ministro>

Produção Cultural. **“O mundo está obrigada a se reinventar inteirinho, as gravadoras, as televisões, as companhias de telefone, a indústria...”**. Disponível on-line via www no URL: <http://www.producaocultural.org.br/slider/claudio-prado/>

SILVA, Gustavo. **No olho do furacão**. Disponível on-line via www no URL: Rollingstone.<http://rollingstone.uol.com.br/edicao/edicao-85/no-olho-do-furacao-?page=2#imagem0>

SAVAZONI, Rodrigo. <http://www.savazoni.com.br/>

ANEXO A - CARTA DE PRINCÍPIO DO FORA DO EIXO

Preâmbulo

1. O Circuito Fora do Eixo é uma rede colaborativa e descentralizada de trabalho constituída por coletivos de cultura espalhados pelo Brasil, pautados nos princípios da economia solidária, do associativismo e do cooperativismo, da divulgação, da formação e intercâmbio entre redes sociais, do respeito à diversidade, à pluralidade e às identidades culturais, do empoderamento dos sujeitos e alcance da autonomia quanto às formas de gestão e participação em processos sócio-culturais, do estímulo à autoralidade, à criatividade, à inovação e à renovação, da democratização quanto ao desenvolvimento, uso e compartilhamento de tecnologias livres aplicadas às expressões culturais e da sustentabilidade pautada no uso de tecnologias sociais.

2. São ainda valores do Circuito Fora do Eixo a substituição da noção de interesse pela de valores no cotidiano do trabalho dos artistas, produtores e bandas, a substituição do foco nos produtos pelo foco nos processos, a substituição da racionalidade instrumental pela racionalidade comunicativa (dialógica) nas relações de trabalho e produção artístico-cultural e substituição dos valores de individualismo pelos valores de associativismo / cooperativismo.

3. Constituem-se em pilares e eixos de atuação do Circuito Fora do Eixo o conjunto de estratégias de sustentabilidade, de circulação, de comunicação e de emprego de tecnologias de sonorização, palco e iluminação.

4. As ferramentas desenvolvidas a fim de dar consecução a cada um dos pilares de atuação do Circuito Fora do Eixo devem ser desenvolvidas de forma integrada, orgânica, transversal, interdependente e interpenetrante, de modo a constituir o chamado *Sistema Fora do Eixo de Música e Cultura Independente*, que tende a suplantiar a lógica do modelo ainda predominante da indústria fonográfica (as *major*se seu *modus operandi* contratual) pela lógica do “mercado médio” cultural,

pautado pelos princípios da economia solidária aplicados às cadeias produtivas da economia da cultura, em especial, da música independente.

5. O Circuito Fora do Eixo é composto por Coletivos Locais de cada cidade ou município onde exista um núcleo ou célula de produção cultural independente, denominados de “Pontos Fora do Eixo”, cuja adesão do indivíduo no coletivo é livre, espontânea, esclarecida e consciente. Tais coletivos articulam-se em circuitos estaduais e regionais de produção, circulação e comunicação, que se fazem representar por um Conselho Regional, capilarizando e vascularizando, assim, os preceitos e projetos do Circuito como um todo.

6. O *Sistema Fora do Eixo da Música e da Cultura Independente* sintetiza o *modus operandi* de atuação do Circuito Fora do Eixo. É integrado por entidades as quais, com suas estruturas de funcionamento, estabelecem um fluxo de atuação integrado e sistêmico em prol do fortalecimento da cadeia produtiva da música e da cultura independente no nosso país.

7. Para dar vazão a cada um dos pilares de atuação do Circuito Fora do Eixo, diversos projetos são desenvolvidos como ferramentas para concretizar aqueles que são os objetivos do CFE, sendo os principais o Grito Rock América do Sul, o Portal Fora do Eixo, o Compacto. REC, o Toque no Brasil, o Festival Fora do Eixo, a Agência Fora do Eixo, a Fora do Eixo Discos, o Fora do Eixo Card, o Congresso Fora do Eixo, Observatório Fora do Eixo, Fora do Eixo Tec, dentre outros.

8. Além dos princípios e valores acima enunciados, os participantes do II Congresso Fora do Eixo também convenciam quanto à adoção das seguintes diretrizes e premissas, elencadas conforme os enunciados abaixo relacionados:

8.1 - Intercâmbio, transversalidade e delegação

a) Formular e colaborar com o desenvolvimento de políticas públicas para a cultura, promovendo a atuação política com identidade representativa do CFE;

- b) Estimular as redes sociais municipais, estaduais e regionais com vistas a valorizar as parcerias com outros grupos afins;
- c) Integrar e estabelecer uma relação compartilhada com grupos parceiros de princípios semelhantes, redes e movimentos sociais;
- d) Incentivar o debate e a formação de fóruns representativos no campo da cultura e afins;
- e) Promover o intercâmbio entre os coletivos da rede e com os grupos afins, fomentando a transversalidade das ações do CFE, dos parceiros e das políticas públicas em geral;

8.2- Identidade, Diversidade e Autonomia

- a) Questionar e enfrentar as práticas hegemônicas dos modos de produção, circulação e fruição com ênfase no campo da cultura;
- b) Respeitar as diferenças e diversidades de condições étnicas, religiosas, culturais, linguísticas, estéticas, etárias, físicas, mentais, de gênero, de orientação sexual e outras;
- c) Estimular, difundir e integrar a diversidade das expressões sócio-culturais e artísticas, garantindo espaços de valorização e de respeito a essa diversidade;
- d) Promover o empoderamento dos indivíduos e coletivos dentro dos princípios da economia solidária;
- e) Fomentar a produção criativa, autoral, independente do mercado vigente e interdependente entre os grupos afins;
- f) Valorização social do trabalho humano na perspectiva da igualdade de condições e da polivalência individual e coletiva;

g) Equilibrar a relação entre o trabalho manual e o intelectual com vistas a valorização equânime de ambas as práticas;

8.3 - Gestão e Sustentabilidade

a) Fomentar a criação de moedas sociais nos coletivos da rede;

b) Viabilizar a formação, produção, circulação e fruição, fomentando as trocas de serviços e produtos entre os coletivos, seus membros e parceiros;

c) Orientar as ações para satisfação das necessidades individuais e coletivas de maneira equânime, justa e solidária;

d) Adotar os critérios de territorialidade no estabelecimento das políticas do CFE;

e) Fomentar o desenvolvimento da cadeia produtiva da cultura, promovendo alternativas de sustentabilidade pautadas no uso de tecnologias sociais e em uma perspectiva solidária;

f) Fomentar a renovação de frentes de atuação, agentes e tecnologias, fomentando a criação experimental em todo os processos e produtos associados à atividade do CFE;

g) Promover a democratização e universalização do acesso aos bens e serviços culturais;

h) Estimular ações considerando o impacto ambiental e impulsionar as práticas de preservação, incentivando a utilização sustentável dos recursos renováveis;

8.4 - Inovação e Comunicação

a) Estimular a criação, desenvolvimento e utilização de tecnologias livres, sociais e de código aberto referente ao direito autoral e propriedade intelectual, fomentando o uso de plataformas criadas pelos coletivos e parceiros;

- b) Garantir a difusão, o compartilhamento e o livre acesso às tecnologias do Circuito Fora do Eixo bem como outros conhecimentos livres;
- c) Valorizar a troca contínua, colaborativa e a atualização de informações entre os coletivos da rede;
- d) Estimular as práticas de comunicação livre bem como parcerias com veículos de informação públicos, comunitários, independentes e outros, que não estejam ligados a grandes grupos ou conglomerados do setor;

8.5 - Formação e Conscientização

- a) Estimular a formação e a resignificação contínua do processo, dos coletivos e seus membros, atingindo os agentes internos e externos;
- b) Criar ferramentas de formação e qualificação dos agentes, promovendo a multiplicação do processo e do conhecimento cooperativo, solidário e coletivo;
- c) Estimular a consciência e a clareza do processo nos indivíduos e coletivos da rede, promovendo a formação crítica dos agentes e do público;
- d) Estar sempre alerta;
- e) Estimular a disciplina e a liberdade;
- f) Estimular a autocrítica, a humildade, a honestidade e o respeito nas relações sociais e ambientais;
- g) Valorizar a essência do ser humano ao invés da posse;
- h) Criar lastro através do trabalho gerando o equilíbrio entre o discurso e a prática;
- i) Garantir a competência técnica dos setores produtivos no desenvolvimento de ações.

ANEXO B – REGIMENTO INTERNO

1. DA ESTRUTURA POLÍTICA

O Circuito Fora do Eixo é uma rede colaborativa de coletivos de cultura distribuídos pelo Brasil e pautados em conceitos de Economia Solidária. Cada coletivo representa um Ponto Fora do Eixo ou um Ponto Parceiro, que se organiza em sub redes autônomas, operantes em esferas Local, Estadual, Regional e Nacional.

1.1 - Ponto Fora do Eixo

São movimentos ou organizações sem fins lucrativos responsáveis por toda e qualquer ação ligada ao Circuito Fora do Eixo na sua cidade. Cabe ao Ponto Fora do Eixo conectar novos agentes interessados em participar da rede, bem como desenvolver medidas estruturantes capazes de gerar e estabelecer PONTOS PARCEIROS. Cada cidade pode ter mais de um PONTO FORA DO EIXO.

1.2 - Ponto Parceiro

São organizações informais ou formais de qualquer natureza jurídica, que participam da Rede Estadual e que podem se caracterizar como PONTOS DE DISTRIBUIÇÃO, PONTOS DE MÍDIA, PONTOS DE PESQUISA e etc. Os PONTOS PARCEIROS devem estar devidamente conectados ao PONTO FORA DO EIXO que tem a chancela e a autonomia local para gerenciar as parcerias. Qualquer divergência ligada a possíveis parcerias locais devem ser reportadas e debatidas com os PONTOS DE REFERÊNCIA ESTADUAIS e REGIONAIS, respectivamente, que ajudarão o coletivo local a mediar qualquer situação conflituosa. Os PONTOS PARCEIROS podem, mediante solicitação e aprovação em quaisquer instâncias deliberativas pelo Ponto Fora do Eixo, participar de reuniões e ambientes deliberativos estaduais - virtuais ou presenciais - sendo-lhes concedido o direito de voz e de voto. Poderão também participar como ouvintes das reuniões referentes às instâncias deliberativas nacionais, porém sem direito a voto, em conformidade com o item 4.2.6.

1.3 - Redes Estaduais

São formadas por PONTOS FORA DO EIXO e PONTOS PARCEIROS de um mesmo estado, que atuam de forma conectada entre si. Cada REDE ESTADUAL possui um PONTO FORA DO EIXO responsável por delegar seu estado nos PONTOS DE REFERÊNCIA ESTADUAIS OU REGIONAIS.

1.4 - Pontos de Referência Estaduais e Regionais

Os Pontos de Referência Estaduais e Regionais são geridos por um Ponto Fora do Eixo eleito pelos pontos integrantes da(s) REDE(s) ESTADUAL(is). Cada região tem sua equipe gestora responsável por todos os Pontos Fora do Eixo da respectiva região, visando desenvolver a rede em sua mais variada forma. Cabe também ao Ponto de Referência Estadual e Regional: estimular a pró-atividade dos Pontos Fora do Eixo, a circulação e as trocas regionais; a formação de novos Pontos; facilitar encontros presenciais, mobilizar; mediar; fiscalizar; orientar; cobrar; receber pedidos de inserção à rede, bem como elaborar pareceres sobre solicitantes da inserção à rede, entre outras questões que implicam a atividade dos Pontos Fora do Eixo de sua região. Será também o responsável pela avaliação e diagnóstico de como esses coletivos estão trabalhando. Caso haja alguma divergência ou reivindicação, os coletivos devem dialogar primeiramente com o seu Ponto de Referência Estadual e em segunda instância com o Ponto de Referência Regional, antes de lançar o tema para a instância nacional. Para os casos onde não há PONTO DE REFERÊNCIA ESTADUAL, o PONTO FORA DO EIXO LOCAL deverá se reportar ao PONTO DE REFERÊNCIA REGIONAL.

Parágrafo Único: Um Ponto Fora do Eixo não pode acumular as funções de Ponto de Referência Regional e Estadual.

1.5 - Colegiado Nacional

É composto pelos PONTOS DE REFERÊNCIA REGIONAIS e destina-se a executar ações de âmbito nacional e mediar conflitos entre si. Cabe a ele também acompanhar e/ou gerir as ações sugeridas pelos Eixos Temáticos, levantando e mapeando dados relativos às ações realizadas a partir dos mesmos; apresentar a prestação de contas trimestral dos Pontos Fora do Eixo, evidenciar e mapear as redes parceiras, entre outras atribuições consultivas.

1.6 - Eixos Temáticos

Os Eixos Temáticos organizam a estrutura, catalizam a coerência temática e fornecem o cenário no qual são construídos os planos de gestão. São definidos anualmente durante o Congresso Fora do Eixo, em plenária.

1.7 - Congresso Fora do Eixo

Instância máxima deliberativa presencial, conforme descrito no item 4.1.3.

1.8 - Festival Fora do Eixo

Instância deliberativa presencial, conforme descrito no item 4.1.4.

2. DOS DIREITOS

São direitos dos Pontos Fora do Eixo que compõem o CIRCUITO FORA DO EIXO:

- Autonomia em consonância com a Carta de Princípios;
- Direito de usar a chancela;
- Direito de voz e de voto em todas as instâncias deliberativas (reuniões ordinárias, extraordinárias, Festival Fora do Eixo e Congresso Fora do Eixo, como descrito no item 4);
- Direito a participação e gestão em todos os projetos encaminhados pelo CFE.

3. DOS DEVERES

São deveres dos Pontos Fora do Eixo que compõem o CIRCUITO FORA DO EIXO:

- Prestar contas trimestrais das ações solicitadas pelo Colegiado Nacional;
- Ser um Ponto de Distribuição Fora do Eixo;
- Ser um Ponto de Circulação Fora do Eixo;
- Ser um Ponto de Comunicação Fora do Eixo;
- Desenvolver e sistematizar sua Moeda Complementar;
- Manter-se constantemente informado sobre as atualizações do Circuito Fora do Eixo - usando como fontes o Portal Fora do Eixo, o TEC (<http://tec.foradoeixo.org.br>) e a lista de e-mails - para não alegar ignorância quanto aos processos do CFE, entidades parceiras e afins;
- Fomentar o surgimento de outros PONTOS FORA DO EIXO;
- Comparecer ao Congresso Fora do Eixo com pelo menos 01 representante;
- Comparecer ao Festival Fora do Eixo com pelo menos 01 representante por regional;
- Veicular a logo do Fora do Eixo em todas as ações desenvolvidas pelos Pontos;
- Acatar as decisões tomadas nas instâncias deliberativas;
- Participar dos debates nos ambientes deliberativos virtuais ou presenciais, conforme descrito no item 4;

- Democratizar o acesso a todas as planilhas e projetos ligados ao PONTO criando seus respectivos TECS;
- Estar em consonância com a Carta de Princípios e o Programa Circuito Fora do Eixo vigente.

4. DAS INSTÂNCIAS DELIBERATIVAS

As instâncias deliberativas são aquelas onde e quando são tomadas resoluções sobre temas relacionados ao Circuito Fora do Eixo.

4.1- São instâncias deliberativas do CIRCUITO FORA DO EIXO:

4.1.1 - Reuniões Ordinárias

O Circuito Fora do Eixo se reúne ordinariamente a cada quinzena, às 19 horas (horário de Brasília), em plataforma virtual definida pelo Eixo Temático responsável. A duração das reuniões é estipulada entre os representantes dos Pontos Fora do Eixo presentes. As datas poderão ser modificadas havendo prévio acordo entre os coletivos com 48 horas de antecedência. A moderação dessas reuniões se dará em regime de rodízio entre os Pontos de Referência Regionais.

4.1.2 - Reuniões Extraordinárias

O Circuito Fora do Eixo pode se reunir extraordinariamente por solicitação de qualquer um dos Pontos Fora do Eixo. Reuniões extraordinárias são validadas quando 100% dos coletivos forem convidados e 50% + 1 confirmarem sua presença. A confirmação de presença deverá ser feita em até 72 horas antes do horário marcado pelo grupo de e-mail dos Coletivos Fora do Eixo. Caso algum Ponto Fora do Eixo confirme a presença e não compareça, as deliberações serão validadas pelas entidades presentes.

4.1.3 - Congresso Fora do Eixo

Instância máxima deliberativa presencial, de realização anual e que conta com a participação de todos os Pontos Fora do Eixo. Caso algum coletivo não participe sem apresentar justificativa plausível em alguma reunião geral deliberativa, este poderá perder sua chancela de Ponto Fora do Eixo, participando apenas de sua Rede Estadual como um Ponto Parceiro. A operacionalização da produção fica sob responsabilidade compartilhada do Ponto Fora do Eixo anfitrião e da Comissão Gestora, esta definida em plenária no Congresso anterior.

4.1.4 - Festival Fora do Eixo

Instância deliberativa presencial, de realização anual e que conta com a participação de todos os Pontos de Referência Regional. Caso algum ponto de referência regional não participe sem apresentar justificativa plausível em alguma reunião geral deliberativa, este poderá perder sua chancela de Ponto de Referência Regional do Circuito Fora do Eixo, continuando a ser um Ponto Fora do Eixo. A operacionalização da produção fica sob responsabilidade compartilhada do Ponto Fora do Eixo delegado pelo Colegiado Nacional e da Comissão gestora, este definido em plenária no Festival anterior.

4.2 - Do funcionamento das Instâncias

4.2.1 - Delegação nas Reuniões

Qualquer integrante dos Pontos Fora do Eixo pode participar das reuniões como DELEGADO, não havendo limite máximo de número de integrantes por coletivo, presentes. A reunião não será paralisada para atualizar sobre os assuntos tratados, aos membros que comparecerem com atraso. Os delegados deverão estar alinhados com a pauta do dia e as resoluções anteriores. O tempo extra de reunião, caso necessário, será decidido em consenso, preferencialmente, ou por meio de votação entre os delegados presentes.

4.2.2 - Quórum

As reuniões ordinárias ou extraordinárias podem começar:

- no horário previsto, com pelo menos um delegado de cada PONTO FORA DO EIXO;
- com 15 minutos de atraso, com qualquer número de delegados.

4.2.3. - Definição da(s) Pauta(s) e Duração

As propostas de pauta devem ser enviadas pelo Ponto de Referência Regional responsável pela moderação da reunião para o grupo de e-mail do Coletivo Fora do Eixo, (*coletivo-fora-do-eixo@googlegroups.com*), com antecedência mínima de 48 horas. A pauta será confirmada pelos Pontos Fora do Eixo por e-mail em até 12 horas antes do horário previsto para a reunião, devendo ser informado o tempo de duração da mesma. A inclusão de pautas depois desse período será avaliada ao início da sessão.

4.2.4 - Deliberações

Deliberações são validadas em todas as reuniões contempladas no item 4.2.1, buscando-se sempre o consenso entre os coletivos. Caso não haja consenso, a questão será votada e aceita conforme a decisão da maioria (50% + 1). O voto é paritário por Ponto Fora do Eixo.

4.2.5 - Atas

As reuniões devem ter um responsável pela redação da ata, escolhido no início da sessão e em regime de rodízio. As atas deverão conter um resumo topificado das deliberações e a conversa na íntegra. As atas serão compartilhadas para análise do conteúdo e poderão ser alteradas em até 48 horas após o envio, mediante apresentação de justificativa. Todas elas serão arquivadas no Tec Fora do Eixo.

4.2.6 - Participação de Convidados/Observadores

Qualquer indivíduo pode participar das Reuniões Ordinárias descritas no item 4.1.1 como Observador sem direito ao voto. Fica a cargo da Plenária conceder ou não ao Observador o direito a fala, quando requisitada.

5. DA COMUNICAÇÃO

As instâncias referidas contemplam as plataformas de Comunicação interna e externa do Circuito Fora do Eixo.

5.1 - Comunicação Interna

5.1.1 - Grupo de Emails

- São moderadores do grupo de email *Coletivo Fora do Eixo (coletivo-fora-do-eixo@googlegroups.com)* pelo menos um delegado de cada Ponto de Referência Regional;
- Não será permitido o envio de emails puramente publicitários para o grupo de e-mail *Coletivo Fora do Eixo (coletivo-fora-do-eixo@googlegroups.com)*, devendo esses ser direcionados para o grupo de e-mail *Fora do Eixo (foradoeixo@googlegroups.com)*;
- Os assuntos em discussão devem ser organizados em tópicos, priorizando aqueles já existentes;
- Ao surgimento de um novo assunto, deve ser criado um novo tópico;
- Qualquer Ponto Fora do Eixo tem autonomia para criar um novo tópico.

5.2 - Comunicação Externa

5.2.1 - Imprensa

A produção, convocação e demais ações de comunicação com a imprensa formal e informal relacionadas ao Circuito Fora do Eixo devem estar em consonância com a Carta de Princípios.

5.2.2 - Delegação

Em caso de necessidade de representação do Circuito Fora Eixo em eventos, festivais, congressos, fóruns, comissões e outros, o delegado será definido em instâncias deliberativas.

6. DA INSERÇÃO, RENOVAÇÃO E EXCLUSÃO DE PONTOS FORA DO EIXO

6.1 - Inserção

COLETIVOS representativos e atuantes nos segmentos da cultura poderão solicitar sua entrada oficial no Circuito Fora do Eixo, desde que atendam os seguintes requisitos:

- Adotar de forma programática de maneira integral as disposições da Carta de Princípios do Circuito Fora do Eixo;
- Adotar de forma programática as disposições contidas neste Regimento.

6.1.1 - Avaliação da Solicitação

O coletivo interessado em se inserir no Circuito Fora Eixo deverá apresentar o pedido ao Ponto de Referência Regional, que é responsável por analisar o pedido e formular um Parecer do coletivo proponente baseado no *Roteiro de Inserção*, a ser apresentado nas duas instâncias deliberativas presenciais através de uma reunião no Festival Fora do Eixo ou no Congresso Fora do Eixo. Após a aprovação da chancela, o PONTO FORA DO EIXO deverá ser monitorado pelo PONTO DE REFERÊNCIA E ESTADUALREGIONAL.

6.2 - Renovação da chancela

Para efetuar a renovação do direito de uso da chancela, o PONTO FORA DO EIXO deve participar do Congresso Fora do Eixo, conforme definido no item 4.1.3

6.3 - Da Exclusão de PONTOS FORA DO EIXO

Serão excluídos do Circuito Fora do Eixo e perderão todos os direitos de uso da chancela, os coletivos que:

- Não respeitem os itens descritos na Carta de Princípios;
- Não respeitem os itens descritos neste Regimento;
- O Ponto Fora do Eixo só poderá ser excluído nas instâncias deliberativas.

7. CAPTAÇÃO DE RECURSOS

No que se refere aos projetos institucionais realizados pelo Circuito Fora Eixo, os Pontos Fora do Eixo poderão pleitear recursos em âmbito municipal, estadual e federal seguindo os seguintes critérios:

7.1 - Em âmbito municipal

Os projetos poderão ser inscritos irrestritamente por cada Ponto Fora do Eixo, desde que haja responsabilidade, idoneidade e transparência em todas as etapas do processo;

7.2 - De ordem estadual

Os projetos deverão ser aprovados em instâncias deliberativas estaduais do Circuito Fora do Eixo;

7.3 - De ordem nacional

Os projetos pleiteados em âmbitos nacionais deverão ser aprovados em qualquer instância deliberativa nacional do Circuito Fora do Eixo;

Parágrafo único: Todos os Pontos Fora do Eixo que aprovarem seus projetos seguindo os critérios acima estabelecidos deverão apresentar prestação de contas em âmbito local, estadual, regional e nacional.

GLOSSÁRIO FORA DO EIXÊS

A

Articular: Unir ideias, trabalhos. Somar interesses em comum. Mobilizar atores sociais para construir uma nova postura. Organizar de forma conjunta e colaborativa diversas opiniões e pontos de vista através de comunicação intensa.

Ata: Documento que arquiva os principais itens discutidos nas reuniões, encontros e congressos. Em uma ata sempre constam as pautas, data, presentes e encaminhamentos da reunião. Assim, quem não participou pode se atualizar quanto aos assuntos por este documento. A “ata permanente” é um documento que contém links que redirecionam para outras atas.

B

Bancada: Grupo que trabalha o fortalecimento e azeitamento de questões específicas (ler “azeitar”). No Fora do Eixo, o termo é utilizado para expressar o conjunto de pessoas que pautam determinado assunto com o objetivo de atender às necessidades do mesmo. Ex. As #FEmininas têm formado uma bancada forte no último ano, representando as mulheres da rede.

Banco de estímulo: Incentivo. Armazenamento de motivações pessoais e intimistas nas pessoas envolvidas com o Fora do Eixo. Impulso que encoraja e anima alguém a realizar uma atividade.

Banquinha: Ponto de venda de produtos culturais de artistas independentes que podem ser ligados ou não aos coletivos que integram o Circuito Fora do Eixo. Nas banquinhas são vendidos discos, livros, dvd's, chaveiros, bottons, adesivos, entre outros. Nelas, há também a distribuição gratuita de materiais como fanzines, jornais e revistas culturais.

C

CAFE (Casa FdE): Sigla usada para referir-se à Casa Fora do Eixo. Sede do ponto de articulação local, regional ou nacional do Fora do Eixo em determinada cidade. Requer elementos de sustentabilidade, metodologias e tecnologias sociais aplicadas na rede, tais como caixa coletivo, produção local de eventos regulares, hospedagem solidária, movimentação da moeda complementar FdE Card, entre outros. Cada CAFE, ou Casa FdE, opera como residência, espaço de trabalho e de intercâmbio de valores, metodologias, tecnologias e vivências da rede de forma irrestrita. Todas as Casas Fora do Eixo são campi da UniFdE.

Caixa coletivo: Tecnologia de gestão colaborativa de recursos. Forma de aproximar os integrantes de um coletivo através do exercício colaborativo financeiro a fim de gerir recursos que vem de cada indivíduo de forma coletiva.

Card: Moeda complementar que sistematiza as trocas de conhecimentos, tecnologias, serviços e produtos correntes no Fora do Eixo. Pautado nos princípios da Economia Solidária, este sistema movimenta o mercado de trabalho dos grupos envolvidos, fomentando o desenvolvimento de novas alternativas para a sustentabilidade coletiva. Sua circulação beneficia a redistribuição dos recursos na esfera da própria comunidade. Cada FdE\$ 1,00 equivale a R\$1,00.

Cobertura Colaborativa: É a cobertura de um evento realizada por pessoas de diversas áreas da comunicação e pautada no midialivrisimo e participação aberta, gerando conteúdo textual, fotográfico, audiovisual, podcasts e atualização de redes sociais. Gera um resultado final significativo tanto em quantidade quanto em qualidade, além de ser colaborativo e diversificado, por permitir que cada um coloque seu olhar sobre o tema.

Coluna: Agentes do Fora do Eixo que circulam pelo Brasil e demais países da América Latina compartilhando tecnologias sociais e informações da rede como um todo. As Colunas articulam novas relações e estabelecem mais pontos parceiros, além de prestar uma consultoria especializada para coletivos em formação.

Compartilhar: Espalhar, (re)passar informações através de conversas diretas e código aberto. Somar. Participar de. Divulgar. Configurar permissões para pastas e arquivos salvos no computador.

D

Demanda: Atividade a ser realizada. “Entregas” desenvolvidas uma pessoa e/ou coletivo. Troca de serviços. Ex: A news está quase pronta, vamos entregar esta demanda amanhã pela noite. Ler também “Entrega”.

E

Encaminhar/encaminhamento: Processo de sistematização e realização de ações concretas, desenvolvidas a partir da organização compartilhada entre os coletivos, com planos, prazos de trabalho e uso das metodologias da rede. A capacidade de converter os processos em encaminhamentos práticos (produtos que circulam, eventos organizados, estratégias de comunicação, entre outros) é uma característica forte do Fora do Eixo

Endossar: Apoiar. Estar de acordo. Auxiliar. Defender. Confiar a responsabilidade em alguém ou em um grupo.

Entrega: Conclusão de uma ação, ou demanda, que visa devolver ou potencializar uma ação pensada coletivamente.. Ler também “demanda”

Equilíbrio online/offline: Estratégia para conectar pessoas e processos de forma colaborativa, equilibrando as atividades desenvolvidas virtual e presencialmente. Equilíbrio de ações mobilização via redes sociais e reuniões no IRC, somado à congressos, fóruns, colunas, imersões, entre demais ações presenciais.

F

FEmininas: Bancada que pauta o equilíbrio de oportunidades de gênero, ocupação de espaço e protagonismo feminino em diversos campos de atuação e movimentos sociais. O Fora do Eixo conta com grande parcela de mulheres na gestão de seus projetos; #FEmininas é o termo usado para representá-las, buscado a ruptura de paradigmas e a reinvenção de conceitos da mulher inserida no movimento social.

F5: Atualização constante de dados e informações. Interpretação crítica dos processos e avanços de trabalho do Fora do Eixo. “Dar um F5” simboliza a permanente renovação e sistematização em tempo real das ideias e projetos que estão sempre em (re)construção.

H

Hackerismo: Estilo de vida, comportamento tático. Hackerismo é radicalizar na utilização de plataformas, ferramentas, objetos e tecnologias. “Hackear” é utilizar-se da improvisação e do código aberto para dar vida ao que está estagnado, compartilhando abertamente as benéficas da sua utilização.

Horizontalidade: Visão não hierárquica de um grupo, que preza pela partilha da informação ao alcance de todos os seus integrantes. Transparência na publicização de ações. Distribuição de decisões e gestão compartilhada, fortalecendo o trabalho coletivo e ampliando o conhecimento mútuo e as metodologias de trabalho e tecnologias sociais.

I

Imersão: Processo de vivência in loco, no qual integrantes de coletivos, frentes ou grupos artísticos passam por debates, reuniões e capacitações, a fim de aprimorar a compreensão de objetivos e metas, bem como seu modo de organização. As imersões têm servido como momentos estratégicos para a construção e trocas de experiências, que potencializam os agentes culturais envolvidos em sua atuação local, regional, ou nacional.

L

Lastro: Aprovação assegurada por um grupo para desenvolver determinado trabalho, coletivo ou frente. Ter o lastro na fala representa possuir peso, base e fundamento, pautados, sobretudo nas práticas cotidianas e na construção de processo, para garantir os encaminhamentos necessários para que uma ação tenha êxito durante sua construção coletiva.

M

Mandar o rap: discursar presencial ou virtualmente sobre um assunto, ou sobre uma tecnologia e suas filosofias e práticas, com o intuito de dar uma visão geral e contaminar positivamente os demais interlocutores.

Modo de Organização: compreende as formas de estruturação do Fora do Eixo e/ou de seus coletivos. Na rede, optamos pelo termo para evitar a hierarquia pressuposta nos termos fluxograma e organograma, não-condizentes com a realidade do Circuito e responsável pela adoção do uso “Modo de Organização”.

N

Nivelar o discurso: Termo que corresponde ao nivelamento do discurso de um grupo quanto ao esclarecimento da conjuntura, fazendo com que a discursiva desses membros tenha uma coesão de esclarecimento. Parte-se do princípio que todos compreendam determinada situação e o debate se dê a partir disso, sem necessariamente debater esses pontos da conjuntura. Ler também “refém do esclarecimento”.

Nóis: Modo de cumprimentar usado corriqueiramente na rede. Representa incentivo e união. Estar de acordo com algo ou alguém.

Núcleo Durável: Dentro de um coletivo, há vários níveis de envolvimento e comprometimento. O núcleo durável é justamente o grupo de pessoas mais comprometidas do coletivo, responsáveis pela gestão dos principais projetos e da equipe, que tem o coletivo como o projeto prioritário de suas vidas.

O

Onda: mobilização pontual e intensa para divulgação nas redes sociais, a partir da qual são enviadas frases para que todos possam difundir no twitter e facebook ao “curtir, comentar e compartilhar”, além de enviar links para todos os contatos on-line.

P

PAN: Sigla para Ponto de Articulação Nacional. Agentes que operam a articulação dos coletivos e frentes de gestão no Fora do Eixo. O PAN é um conselho deliberativo que se propõe a mediar e articular as diversas atividades que formam os arranjos criativos locais dos coletivos.

Papo Reto: Conversa direta, clara, prática e objetiva sobre assuntos que exigem concentração, seriedade, cumplicidade e humildade, para que não sejam geradas afrontas entre os agentes da rede e se supere as dificuldades vivenciadas coletivamente.

Ponto Fora do Eixo: Coletivo que se propõe a ser um articulador do arranjo criativo local, identificando parceiros, público, trocas, artistas, comunicadores e demais agentes envolvidos, a fim de formar, articular e executar ações estratégicas para o cenário cultural. Os Coletivos – Pontos Fora do Eixo – também podem atuar em linguagem específica, agindo como articuladores deste recorte no cenário cultural para, deste modo, desenvolver ações específicas locais.

R

Relatorizar: Descrever. Contar. Narrar uma experiência vivenciada. Utilizado para fazer a ata, ou relatório de determinado acontecimento. Ler também “ata”.

S

Silas: “Dar uma de Silas” representa o ato de transferir e/ou cobrar do próximo uma responsabilidade sua, o que se torna um grave problema de confiança e lastro com um grupo. Silas foi jogador nos anos 80 e se tornou treinador. Sua primeira equipe treinada, o Grêmio, de Porto Alegre/RS perdeu todos os jogos, chegando à zona de rebaixamento. Entretanto, em entrevista coletiva, o técnico culpou os jogadores, que segundo ele não estavam comprometidos e não entendiam a técnica. Despediram-no do Grêmio e ele foi para o Flamengo (RJ). Lá, perdeu 3 jogos e, novamente, se queixou dos jogadores.

Sevirologia : A arte de “se virar” para alcançar um resultado satisfatório. Na ausência de equipamentos ou domínio sobre determinados conhecimentos e/ou ferramentas tecnológicas, uma pessoa pró-ativa pode desenrolar as ações com os recursos que possuem e, assim, adquirir novos conhecimentos ou descobrir outras possibilidades de intervenção social.

Simulacro: Os Simulacros Fora do Eixo (Partido, Universidade, Banco e Mídia) tem como objetivo disputar o modelo de sociedade em que vivemos, apresentando como propostas concretas de reorganização das estruturas econômicas, políticas e sociais. O simulacro não representa um modelo de total semelhança, para que não seja impossível a novidade e a diversidade dentro dele, mas sim “destruir os modelos e as cópias para instaurar o caos (organizado) que o mesmo cria”.

Surfar: Ter domínio sobre determinado assunto, ou tecnologia. Sentir segurança para dialogar e usufruir sobre uma questão ou resultado alcançado.

T

V

Virar a chavinha: Quando alguém passa a visualizar determinado contexto de forma diferente de como compreendia anteriormente, passando a modificar seu comportamento a partir desta compreensão.

Volta no Maranhão: Expressão utilizada quando a pessoa poderia fazer alguma ação de forma rápida e prática, mas por devidos fatores de não organicidade, faz um caminho mais comprido e demorado.

Z

Zona Autônoma Temporária: Espaço de contaminação de ideias, informações, valores e tecnologias por um período de tempo determinado. Ler também “contaminar”.

Zona Autônoma Permanente: Espaço de contaminação das ideias, informações, valores e tecnologias por um período de tempo indeterminado. Ler também “contaminar”.

Zona de Conforto: Quando em que uma pessoa ou grupo se acomoda em determinada situação. “Abrir mão da zona de conforto” é renunciar uma postura e adotar uma nova em prol do crescimento pessoal e coletivo.